Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

Programa de Pós-graduação em Comunicação

BEATRIZ CARVALHO DE SOUZA

Ambientes comunicacionais, vinculações e potências periféricas: um estudo sobre o Centro de Arte e Promoção Social.

Bauru

2021

BEATRIZ CARVALHO DE SOUZA

Ambientes comunicacionais, vinculações e potências periféricas: um estudo sobre o Centro de Arte e Promoção Social.

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp – Bauru), sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, como parte do processo de obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Bauru

2021

S729a

Souza, Beatriz Carvalho de
Ambientes comunicacionais, vinculações e potências periféricas : um estudo sobre o Centro de Arte e Promoção Social. / Beatriz Carvalho de Souza. -- Bauru, 2021
142 p. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Mauro de Souza Ventura

1. Ambientes Comunicacionais. 2. Ecologia da comunicação. 3. Culturas das periferias. 4. CAPSartes. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE BEATRIZ CARVALHO DE SOUZA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 28 dias do mês de setembro do ano de 2021, às 14:30 horas, no(a) via sistemas de videoconferência e outras ferramentas para comunicação a distância, realizou-se a DEESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de BEATRIZ CARVALHO DE SOUZA, intitulada **Ambientes comunicacionais, vinculações e potências periféricas: um estudo sobre o Centro de Arte e Promoção Social**. A Comissão Examinadora foi constituida pelos seguintes membros: Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA, Orientador (Participação Virtual), do Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design de Bauru, Professor Doutor LAAN MENDES DE BARROS (Participação Virtual), do Departamento de Comunicação Social / Unesp, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, Professor Doutor JOSÉ EUGENIO DE OLIVEIRA MENEZES (Participação Virtual) do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: **APROVADA**. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo Presidente da Comissão Examinadora.



Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura

Prof. Dr. José Eugenio de O. Menezes

Prof. Dr. Laan Mendes de Barros

Esta pesquisa de mestrado foi realizada com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo n° 2019/26091-9.

Dedicatória

À minha mãe e primeira professora,
Cirlene Milagres Carvalho,
Eu sou, porque você é.

À Maria Vilani Pela luta.
Pela vida. Pela poesia.

Às capsianas e capsianos
que inspiraram essa
pesquisa sobre pertencer
e vincular.

Eu sou, porque vocês são.

Em memória

Ao meu avô,
José Ladeira de Carvalho,
Conhecedor de casos e
contador de histórias.

Ao meu pai,
Luiz Eduardo Meireles de Souza,
Por sempre deixar as janelas abertas
para a escuta do outro.

À Xaréu,
Artista, educadora
tantas coisas mais.

Agradecimentos

O acaso dos nossos encontros estaria determinado?

Não sei. O fato é que todas e todos que aqui serão citados alteraram o meu movimento como ser humano e, por consequência, as escolhas que me trouxeram exatamente aqui. Tudo que será construído no decorrer dessas páginas, é consequência do meu próprio universo de interdependências.

Dessa forma, não seria justo não nomear aqueles que também fizeram todo esse amontoado de palavras tomar forma e sentido. Sendo assim, começo agradecendo a todas e todos aqueles que trilharam o caminho da pesquisa antes de mim e que facilitaram o meu percurso como mulher curiosa que sou.

À minha mãe, por sempre me estimular a argumentar e a perseverar pela vida. Ao meu pai, que me ensinou a sorrir sem amarras. A minha avó, amiga e confidente, Lenice Milagres. Ao avô Antônio, que a vida me presenteou. Aos meus avós que se foram, Iolete Meireles, pelas obras de arte que criou; Wilson Souza, pela gentileza que ensinou; José Ladeira, pela garra que mostrou.

Às minhas tias e tios, Cibele, Sérgio, Shirlei, Ryuichi, Luciana, Jorge, Wilson e Carol. Aos meus primos Bernardo, Caio, Théo, Pedro, Yuri e Alexandre. Ao meu irmão Felipe e à minha sobrinha Alice.

Às professoras e professores que me ensinaram a identificar as primeiras letras e me despertaram para o mundo das ideias. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas por todos os profissionais da educação, em especial, aqueles que atuam na educação básica, agradeço por meu processo de alfabetização ter sido afetivo desde o início. Minha base foi abraço. Compreensão. Casa. Aos professores que fizeram parte da minha vida durante a minha estadia entre os muros azuis do Colégio Grajaú, o meu agradecimento mais sincero. Em especial, às professoras Vanessa Sales e Viviane Cristina e aos professores Cláudio Barbosa, Luciano Portela e Marcos Alarcon.

Aos professores e professoras da Faculdade Cásper Líbero, em especial, ao Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino, orientador do meu TCC e colega que me estimulou a me

aventurar pela pesquisa e a Profa. Dra. Michelle Prazeres, pela forma gentil de ver o mundo e pelas aulas inspiradoras.

Ao Prof. Dr. José Eugenio Menezes, que me auxiliou nos primeiros passos da pesquisa, na iniciação científica. A esse educador da vida que me mostrou que a escuta do outro é o caminho da compreensão de nós. Obrigada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, que me acolheu como aluna e confiou no meu processo de pesquisa. Pelos conselhos e as indagações necessárias. Por me ajudar a tornar tudo isso realidade.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Unesp, em especial o Prof. Dr. Laan Mendes de Barros, pelas aulas incríveis e por aceitar o convite de compor essa banca; e a Profa. Dra. Caroline Kraus Luvizotto pela acolhida e pelas inspirações.

Ao Prof. Dr. João Arantes, do Departamento de Educação da Universidade de São Paulo, por me abrir as portas e o pensamento para a visão sistêmica da realidade.

Aos meus colegas de pós-graduação, que continuaram suas pesquisas nesse período tão difícil da história do nosso país e que, com seus trabalhos, vêm contribuindo para a formação de um campo comunicacional mais ético, diverso e científico. Preciso destacar aqui dois amigos que me ajudaram muito nesse processo de (re)descoberta do meu projeto durante a pandemia: Érika e Raphael. Muito obrigada por tudo.

À Amanda Araújo, colega que estudou comigo no Colégio Grajaú e que reencontrei na pós-graduação. Pesquisadora, relações públicas e amiga que faleceu vítima da pandemia do coronavírus.

Aos amigos que a vida me deu durante essa jornada de encontros e despedidas. Em especial, ao Darion, Guilherme, Heloísa, Hugo e Isabella, por me escutarem com tanta gentileza e compartilharem ideias e inspirações.

Ao Heron Ledon, amigo de pesquisa e de jornada que me escutou, me despertou criticamente para percepções que eu ainda não havia refletido e topou revisar este trabalho com tanto carinho.

A Adélia Prates, pela entrevista que virou conversa e pela conversa que virou afeto.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo incentivo à ciência, à educação e à cultura.

Ao Centro de Arte e Promoção Social e a tudo que ele representa.

Às capsianas e capsianos que me abraçaram nessa jornada e que provaram que os vínculos resistem às distâncias e às telas. Destaco, aqui, os nomes de todas e todos que contribuíram diretamente com essa pesquisa, com conversas, depoimentos e/ou entrevistas.

Maria Vilani: pela perseverança. Por esperançar mesmo com os incalculáveis obstáculos. Por lutar pela arte e pelo direito de aprender e ensinar.

Professor Israel: Por acreditar na educação como ferramenta potente de transformação do mundo.

Andreia Lobo: por compartilharmos do encantamento de conhecer o CAPSartes naquele mesmo dia. Obrigada por ter vindo falar comigo sobre afetividade e educação e por, apesar da distância das telas, não ter soltado a minha mão nessa jornada de aprendiz. Obrigada pelo podcast e por fazer acontecer tantas coisas nesse espaço que já era tão lindo.

Luan Siqueira: a essa amizade que brotou das frias telas, agradeço imensamente por tanto. Seus questionamentos me inquietaram desde o começo. Obrigada pela constante coceira nas ideias que suas colocações me provocam.

Melissa Anjos: amiga, geógrafa e educadora que topou me dar uma aula sobre conceitos da geografia. Obrigada pela paciência, pela dedicação e pela escuta.

Às *podcasters* do CAPSartes: Joana Gomes, Letícia Constância, Lívia Veiga, Maira Garcia, Marina Bessa e Regina Rambaldi.

Aos amigos Adenilson Barbosa, Adriano Mendes, Alessandra Silveira, Ana Carolina Lucas, Ana Cristina de Souza Costa, Andreia Leão, Cauê Teixeira, Dandara Souza Costa, Fábio Roberto Lucas, Marcos Manoel, Maria de Fátima Queiroz e Priscilla Moreira.

Fez-se necessário citar todos esses nomes porque se qualquer um deles tivesse faltado, a história seria outra.

“Não sei o que pensa, mas acho que nessa gramática simbólica e reflexiva de trocas mútuas a que chamamos diálogo, se articula e se produz sentido e significado no interior da cena da vida, no palco do mundo, o que implica necessariamente a assunção de um modo outro enquanto performance do encontro na partilha ética e gentil de um ato genuinamente político, poético e revolucionário: saber/escutar.

Afinal, somente uma escuta ativa e atuante ampara o inacabado abismo da fala. Tudo é linguagem. O outro é o que diz e o outro é multidão e ascese, forjamos a literatura do eu na memória e no tempo. Assim sendo, reconhecer a alteridade torna-se algo necessário e urgente. O outro é também essa territorialidade esboçada, continente porvir, residência oceânica de onde se ergue a mais verossímil possibilidade. Somos O outro na igual medida em que somos *um outro*, e a alteridade pressupõe o mais radical ato de esperança enquanto um modo de subjetivação.”

(Luan Siqueira – 12 de agosto de 2020).

Ambientes comunicacionais, vinculações e potências periféricas: um estudo sobre o Centro de Arte e Promoção Social.

Resumo

Este estudo propõe a análise do Centro de Arte e Promoção Social (CAPSartes) como ambiente comunicacional gerador de saberes, culturas e afetos. A pesquisa busca descrever e compreender de que forma o referido espaço atua como ambiente político e cultural e demonstrar de que maneira se desenvolve uma comunicação afetiva em esferas tridimensionais (FLUSSER, 2008) e suas respectivas readaptações nulodimensionais (FLUSSER, 2008) que ocorreram no contexto atual da pandemia do coronavírus. O aporte teórico desta dissertação de mestrado parte do conceito de ecologia da comunicação, proposto por Romano (2004), e se desdobra nos referenciais de Boris Cyrulnik (1997, 2007) acerca do conceito de pertencimento e do estabelecimento de vínculos (BAITELLO JUNIOR, 1997, 2014, 2017, 2018, 2019; CONTRERA, 2009, 2017a, 2017b; MENEZES, 2007, 2016; MORIN, 1975, 2020) nesse ambiente analisado. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa participante divide-se em três etapas: observação do ambiente comunicacional selecionado, narrativa e análise interpretativa dos dados coletados. O estudo se inicia com uma apresentação das teorias que embasaram o olhar da autora sob o fenômeno analisado e segue com uma contextualização histórica do espaço, para a melhor compreensão da origem dessas noções de pertencimento que surgem ao longo do texto. A partir da análise de alguns ambientes comunicacionais tridimensionais do Coletivo, com destaque para as Rodas de Construção do Conhecimento e o Selo Capsianos, percebe-se a interlocução do fenômeno com as noções de pertencimento e vínculos. O capítulo que encerra a dissertação visa compreender os rearranjos afetivos do processo da comunicação nulodimensional, levantando aspectos sociais do território abordado e utilizando, como ferramenta de observação, os ambientes capsianos criados no contexto da pandemia, como o Podcast.

Palavras-chave: Ecologia da comunicação; Ambientes comunicacionais; Vínculos; Pertencimento; Culturas das periferias; CAPSartes.

Ambientes de comunicación, conexiones y poderes periféricos: un estudio sobre el Centro de Arte y Promoción Social.

Resumen

Este estudio propone el análisis del Centro de Arte y Promoción Social (CAPSartes) como entorno comunicacional generador de conocimientos, culturas y afectos. La investigación busca describir y comprender cómo este espacio actúa como entorno político y cultural y demostrar cómo se desarrolla la comunicación afectiva en esferas tridimensionales (FLUSSER, 2008) y sus respectivas readaptaciones nulo-dimensionales (FLUSSER, 2008) ocurridas en la contexto de la pandemia de coronavirus. El aporte teórico de esta tesis de maestría se basa en el concepto de ecología de la comunicación, propuesto por Romano (2004), y se despliega en las referencias de Boris Cyrulnik (1997, 2007) sobre el concepto de pertenencia y el establecimiento de vínculos (BAITELLO JUNIOR, 1997, 2014, 2017, 2018, 2019; CONTRERA, 2009, 2017a, 2017b; MENEZES, 2007, 2016; MORIN, 1975, 2020) en este entorno analizado. Desde el punto de vista metodológico, esta investigación participativa se divide en tres etapas: observación del entorno comunicacional seleccionado, análisis narrativo e interpretativo de los datos. El estudio comienza con una presentación de las teorías que sustentaron la visión del autor sobre el fenómeno analizado y continúa con una contextualización histórica del espacio, para una mejor comprensión del origen de estas nociones de pertenencia que aparecen a lo largo del texto. A partir del análisis de algunos ambientes comunicacionales tridimensionales del Colectivo, con énfasis en las Ruedas de Construcción del Conocimiento y el Sello Capsiano, se puede ver la interlocución del fenómeno con las nociones de pertenencia y vínculos. El capítulo que cierra la disertación tiene como objetivo comprender los reordenamientos afectivos del proceso de comunicación nulo-dimensional, planteando aspectos sociales del territorio cubierto y utilizando, como herramienta de observación, los entornos capsianos creados en el contexto de la pandemia, como el Podcast. **Palabras-clave:** Ecología de la comunicación; Ambientes comunicacionales; Enlaces; Pertenencia; Cultivos periféricos; CAPSartes.

Communication environments, connections and peripheral powers: a study on the Center for Art and Social Promotion.

Abstract

This study proposes the analysis of the Center for Art and Social Promotion (CAPSartes) as a communicational environment that generates knowledge, cultures and affections. The research seeks to describe and understand how this space acts as a political and cultural environment and demonstrate how affective communication is developed in threedimensional spheres (FLUSSER, 2008) and their respective null-dimensional readaptations (FLUSSER, 2008) that occurred in the context of the coronavirus pandemic. The theoretical contribution of this master's dissertation is based on the concept of communication ecology, proposed by Romano (2004), and unfolds on the references of Boris Cyrulnik (1997, 2007) about the concept of belonging and the establishment of bonds (BAITELLO JUNIOR, 1997, 2014, 2017, 2018, 2019; CONTRERA, 2009, 2017a, 2017b; MENEZES, 2007, 2016; MORIN, 1975, 2020) in this analyzed environment. From a methodological point of view, this participatory research is divided into three stages: observation of the selected communicational environment, narrative and interpretive analysis of the collected data. The study begins with a presentation of the theories that supported the author's view of the phenomenon analyzed and continues with a historical contextualization of the space, for a better understanding of the origin of these notions of belonging that appear throughout the text. From the analysis of some three-dimensional communicational environments of the Collective, with emphasis on the Wheels of Knowledge Construction and the Capsian Seal, it is possible to perceive the interlocution of the phenomenon with the notions of belonging and bonds. The chapter that closes the dissertation aims to understand the affective rearrangements of the null-dimensional communication process, raising social aspects of the territory covered and using, as an observation tool, the environments created in the context of the pandemic, such as the Podcast.

Keywords: Communication ecology; Communicational environments; Bindings; Belonging; Peripheral cultures; CAPSartes.

Lista de representações gráficas

Figura 1 – Edgar Morin 37

Figura 2 – Complexidade biopsicossocial 38

Figura 3 – A cabeça bem-feita 39

Figura 4 – Ambientes comunicacionais 45

Figura 5- Nuvem de palavras 50

Figura 6 – Labcidade: mortalidade 84

Figura 7 – Labcidade: vacina 84

Lista de imagens

Imagem 1 63

Imagem 2 66

Imagem 3 68

Imagem 4 69

Imagem 5 73

Imagem 6 74

Imagem 7 75

Imagem 8 77

Imagem 9 78

Imagem 10 80

Imagem 11 86

Imagem 12 87

Lista de Anexos

Anexo 1 – Carta ao Paulo Freire 102

Anexo 2- Formulário de participantes 107

Sumário

Introdução: sobre círculos, histórias e pensamentos coletivos 1

Manifesto da virada afetiva 3

Metodologia 5

Observação: o processo da escuta do outro 8

Narrativa: enquadramentos e percepções 13

Análise interpretativa: Tecendo histórias e costurando percepções 14

Capítulo 1 - Entrelaçando percepções 15

Ecologia da comunicação: reflexões sobre a obra de Vicente Romano 15

Boris Cyrulnik: tensionamentos sobre afetos e os sentidos de pertencer 24

Edgar Morin: O paradigma perdido 36

Corpos, comunicação e (in)visibilidades 41

Entre espaços, lugares e ambientes comunicacionais 44

Paulo Freire: Comunicação dialógica e educação libertadora 46

Pensando sobre vínculos 49

Capítulo 2 - CAPSartes: História e culturas 50

Movimentos sociais, ONGs e a busca pela cidadania. 51

A história começa aqui 53

Histórias sobre o asfalto e a terra 54

A luta pela democracia e pelos direitos civis 56

Movimento de Mulheres do Grajaú 57

Recanto da Alegria 59

Encontro na porta da escola 59

Procuram-se poetas. 60

Família capsiana 61

Turma da Xaréu 63
Capítulo 3 – Vínculos e Pertencimentos 64
Rodas de construção do conhecimento 67
O encontro na tridimensionalidade 68
Selo Capsianos 71
Poesia e sentimento do mundo 82
Capítulo 4 – Imagens, conexões e o tempo do mundo 83
Pandemia, desigualdades e arte que resiste 83
Rodas virtuais: a presença na nulodimensionalidade 86
Podcast do CAPSartes 88
Escuta e vinculação 95
O espetáculo e a cultura do invisível 96
A comunicação como resposta 99
Considerações finais: um amontoado de ideias em construção. 100

Introdução: sobre círculos, histórias e pensamentos coletivos

"Já faz algum tempo que a Periferia é o centro do mundo"

(Maria Vilani - 05/08/2020 - Reunião geral do Capsartes)

Falamos todas

Uma pesquisa visa divulgar um conhecimento construído e o conhecimento possui muitas dimensões. Por uma escolha pautada na coletividade da construção dessas páginas, escolhi dissertar na primeira pessoa do plural e incluir, de forma afetiva e grata, todas aquelas e aqueles que passaram pelo meu caminho deixando sementes. Esta dissertação é fruto de observação e escuta, por isso, não falo apenas por mim, então o termo é *Nós*.
Na comunicação, o termo é sempre *nós*. "O objetivo final da comunicação é a compreensão dos seres humanos para a cooperação e o conhecimento[1]" (Romano, 2004). Sigamos buscando compreensão.

Nota de esclarecimento

Esta dissertação foi escrita durante a primeira pandemia do século XXI em um país que alcançou o segundo maior número de mortos pela COVID-19 no ranking mundial. Isso muda tudo. No 9°país mais desigual do planeta[2], já era previsto que a maior parte dos óbitos ocorressem em locais onde a população não pôde parar de trabalhar. Lugares com baixa infraestrutura, cuja pobreza multidimensional foi, por vezes, apagada misteriosamente das estatísticas, mas sobreviveu intensamente em cada área de risco habitada. Falar sobre periferias é lembrar que o plural é importante e que o pertencimento também. Dessa forma, este trabalho não procura estigmatizar ou estabelecer um padrão para os ambientes comunicacionais das periferias do bairro do Grajaú. Nossa pesquisa é sobre percepções, afetos e teorias aplicadas a realidades vivenciadas e ouvidas. As

[1] Tradução do trecho realizada pela autora: "El objetivo final de la comunicación es la comprensión de los seres humanos para la cooperación en el conocimiento" (Romano, 2004)

[2] Dado coletado da notícia "Brasil é nono país mais desigual do mundo, diz IBGE" (Cássia Almeida, O Globo, 2020).

periferias são muitas e as vozes periféricas que ecoam na academia ainda são insuficientes. Este trabalho visa mediar algumas vozes, ideias e ambientes que democratizam o conhecimento e estabelecem vínculos no lugar analisado. Este trabalho só existe, porque existem desigualdades e o principal objetivo da pesquisa é tornar os problemas visíveis e passíveis de solução.

O Grajaú estava inicialmente no título desta pesquisa e foi retirado por um motivo bem simples: não existem fronteiras na produção de afetos. O afeto surge a partir da comunicação e esta pode se tornar presente em múltiplas dimensões. Dessa forma, a região será estudada como ponto de partida desses espaços culturais, mas não será protagonista deste estudo, pois como veremos a seguir, o Grajaú é uma potência periférica que ecoa no mundo inteiro e esses ecos também são importantes para a compreensão dos afetos.

Uma breve percepção sobre processos comunicacionais

Estabelecer comunicação sugere, no mínimo, dois pontos interpretantes. A ecologia da comunicação, por sua vez, é a consciência de que qualquer princípio inteligente se comunica, agindo e interpretando no espaço que habita. Nesta pesquisa, usaremos como base a noção estruturada por Vicente Romano, mas vale lembrar que a visão da ecologia da comunicação tem sido desenvolvida e colocada em prática há milhares de anos por nossos antepassados e é por eles que iremos começar.

Quando o *homo sapiens* aprendeu a controlar o fogo, descobriu também que era capaz de pertencer, de fazer morada em um espaço e compartilhá-lo com os demais. Em círculo, todos se sentavam para se aquecer, comer e interpretar o mundo. Neste cenário, a comunicação já agia em diversos aspectos, como na divisão da comida, na organização do espaço, da caça e da vida. Mas em volta do fogo, o homem revolucionou o sentido dos símbolos comunicativos e aprendeu a contar histórias.

A invenção da narrativa atribuía nomes aos objetos, fenômenos da natureza, espaços, pessoas, animais. E, a partir da consciência dos símbolos que compunham a natureza, fez-se presente a consciência ecológica. A ecologia, como seu próprio nome eco (*oikos*) traduz, quer dizer o estudo da casa, do lar. Nossos antepassados acreditavam que todos os elementos e seres da natureza tinham a mesma importância e para que o

equilíbrio continuasse habitando a Terra, o *homo sapiens*, como guardião interpretante do mundo, deveria cuidá-la e usufruir dos recursos com respeito e gratidão.

A história da natureza e da criação foi interpretada por tribos, aldeias e povos de todos os cantos do mundo. Homens e mulheres se sentavam em roda para contar a história do Planeta para crianças e jovens. Nessa trajetória, vários símbolos, deuses, crenças e narrativas foram criadas com a tentativa da busca pelo conhecimento. A comunicação não nasceu de um círculo, mas com certeza se potencializou com eles.

Em uma estrutura circular todos eram capazes de falar, ouvir e ressignificar narrativas, o *homo sapiens* se estabeleceu e a comunicação tomou diversas formas: a escrita, a arte, o ruído e, então, surgiu aquilo que chamamos de cultura.

Em um salto histórico milenar, o homem que ritualizava o poder do fogo e dos elementos, passou a ritualizar outros símbolos: os aparatos, e perdeu em si, o sentido ecológico que formam o Eu e o Outro. O *Homo Sapiens Demens* da cidade se perdeu na multidão de corpos, na imensidão de um tempo curto, e agora, buscamos conceitos teóricos para explicar um comportamento natural do ser humano: o compartilhamento do mundo.

Esta é uma pesquisa sobre círculos e as potencialidades da comunicação tridimensional em um ambiente periférico do Grajaú, mas esta também é uma pesquisa sobre resistências e afetividades em ambientes nulodimensionais, já que a pandemia do coronavírus reconfigurou nossas estruturas e modelos mentais. Fisicamente isolados, seguimos buscando respostas e criando ainda mais perguntas para o grande paradoxo da comunicação contemporânea.

Manifesto da virada afetiva

Escrevemos aqui, sobretudo, para tentar compreender dimensões comunicacionais que vinculam, abraçam, compreendem. Este é um texto de esperança, porque é também através da pesquisa que esperançamos e com o ato contínuo da dúvida, passamos a investigar fenômenos que nos afetam. Uma pesquisa, declarada ou não como afetiva, tem

dentro de si uma motivação, um posicionamento. Tem por trás de si um indivíduo que contou com diversos outros indivíduos para fazer tudo acontecer.

Antes de iniciarmos as reflexões metodológicas deste texto, achamos importante ressaltar aqui que o posicionamento é formado de diálogos e, por consequência, de pessoas dispostas a falar e ouvir. Essa pesquisa não tomou distância. Pelo contrário. Colocamos os sapatos e fomos ao Centro de Arte e Promoção Social com o intuito da escuta e da ação. Lá, encontramos um espaço de partilhas e um espaço de demandas.

Desde que decidimos estudar ambientes comunicacionais periféricos, nos indagaram diversas vezes sobre qual seria a principal contribuição dessa pesquisa e, durante o processo do mestrado, entendemos que todo aprendizado é participante. Se pensarmos na dimensão do aprender como uma complexa rede de estratégias de absorção do conhecimento, temos então a participação como pilar de reconhecimento do espaço e das pessoas. A comunicação é participação. Desse modo, nos colocamos como sujeitos participantes do CAPSartes a fim de analisar esses processos afetivos também de uma maneira pessoal, afinal, como estudar o pertencimento sem de fato pertencer?

"O objetivo é se deixar afetar, dizer, colocar-se em movimento, modificar a experiência. Não é o de olhar tomando uma distância." (MORICEAU, 2020, p.28).

Jean-Luc Moriceau (2020, p.46) acredita que "permitir que os afetos se avizinhem do gesto de pesquisa é uma forma não só de "dar uma voz", mas também dar um corpo, dar um rosto, dar uma presença àqueles que elaboram conosco o conhecimento". Nós também acreditamos nesta perspectiva e construiremos essa pesquisa a partir dessa visão participante e afetiva.

Sendo assim, é justo apresentarmos aqui aqueles que de alguma forma também são responsáveis pelo direcionamento das reflexões aqui retratadas. Assim como será feito posteriormente com o grupo de teóricos que escolhemos para contemplar este texto, dispomos agora o nome de todas e todos aqueles que contribuíram através de diálogos, reflexões, depoimentos ou entrevistas:

Adélia Prates, Adenilson Barbosa, Adriano Mendes, Alessandra Silveira, Ana Carolina Lucas, Ana Cristina de Souza Costa, Andreia Leão, Andreia Lobo, Cauê Teixeira, Dandara Souza Costa, Fábio Roberto Lucas, Joana Gomes, Letícia Constância,

Lívia Veiga, Luan Siqueira, Marcos Manoel, Maira Garcia, Maria de Fátima Queiroz, Maria Vilani, Marina Bessa, Melissa Anjos, Priscilla Moreira, Professor Israel, Regina Rambaldi.

Vez ou outra, alguns desses nomes aparecerão no decorrer do texto, com histórias e experiências narradas. Esta pesquisa é sobre diálogos e vínculos, por isso, essas tantas linhas não fariam sentido sem esses nomes que foram aqui colocados. O ambiente comunicacional se forma *para* e *a partir* das interações que construímos e (re)significamos, desta forma, nossa intenção é contemplar, da maneira mais justa possível, esse fenômeno comunicacional chamado CAPSartes.

Metodologia

> *"O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um "penso", mas um "pensamos". É o "pensamos" que estabelece o "penso" e não o contrário [...] Essa co-participação no ato de pensar se dá na comunicação.*
>
> Paulo Freire
>
> (Extensão ou comunicação?)

> *"Como falar do outro, com o outro, sem falar pelo outro?"*
>
> Jean-Luc Moriceau
>
> (O afeto na pesquisa em comunicação)

Somos um país periférico.

Apesar de todos os recursos naturais que nos cercam, os modelos mentais brasileiros ainda seguem estruturados em dinâmicas sociais europeias e estadunidenses. Dentro de um país periférico, este trabalho está tomando vida em um dos polos tecnológicos que estruturam o Brasil: a cidade de São Paulo. Dentro da cidade mais populosa do Brasil, encontramos o nosso fenômeno de pesquisa que habita um território

que já virou música, grafite e, constantemente, vira arte. Na última parada do trem da linha esmeralda que vai no sentido extremo sul paulistano e interliga o território aos pontos centrais, está o distrito periférico mais populoso da cidade de São Paulo: o Grajaú.

Levando em consideração que, atualmente, as periferias paulistanas ocupam um território maior e possuem mais moradores do que as áreas centrais da cidade, é essencial compreendermos que a noção de periferia tem se ampliado à diversas realidades contemporâneas. A marginalização do espaço nem sempre se relaciona com outras derivações e processos de exclusão social, por isso, é necessário estabelecer alguns critérios para analisar o ambiente de forma ética e justa, sem classificações estereotipadas. Deste modo, vamos trabalhar nesta pesquisa com dois tipos de percepções para a palavra periferia que serão analisadas no Capítulo 2 da dissertação, seriam eles:

1) Estado espacial: quando se compreende que ser periférico é estar longe dos centros e, por consequência, da efervescência cultural massiva.

2) Estado subjetivo: estabelecer as periferias não apenas como espaço geográfico, mas como ambientes comunicacionais geradores de sua própria cultura e identidade baseados nas dificuldades que existem por um processo histórico de opressão.

Essa ampla percepção da noção de periferia nos ajudará a estruturar a pesquisa levando em consideração tanto as dinâmicas espaciais do Grajaú como, principalmente, o estado subjetivo das periferias abordadas.

Estudar coletividades é estar presente no ambiente que se estuda. É buscar compreensão na esfera prática e interlocução na esfera teórica do conhecimento comunicacional. É estabelecer possibilidades metodológicas para o enfrentamento da pesquisa em sua complexidade. Braga (2011, p.2) nos diz que "diferentes pesquisas solicitam diferentes aproximações, conforme suas perguntas e objetos; e mesmo táticas metodológicas comprovadas e pertinentes devem ser ajustadas a características concretas do objeto e ao desenho específico da investigação."

Esta dissertação busca compreender dinâmicas vinculativas em um ambiente cultural periférico denominado Centro de Arte e Promoção Social (CAPSartes). Para isso, utilizamos alguns critérios teóricos para estruturar nossas escolhas metodológicas ao longo do processo. Tomamos como ponto de partida a escolha pelo nosso fenômeno de

pesquisa e o trabalho empírico realizado durante esses 11 meses de observação e interpretação.

Em seu artigo *A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões*, José Luiz Braga (2011) destaca a importância da pesquisa empírica nas etapas iniciais da vida acadêmica das pesquisadoras e pesquisadores da área da comunicação:

> Um argumento adicional – e talvez mais importante – é que o mestrado e o doutorado podem ser a única oportunidade apoiada que um pesquisador em formação terá para se defrontar com os desafios práticos e com as dificuldades metodológicas de organizar um trabalho de investigação que os ponha efetivamente a braços com uma realidade que resiste, que apresenta fatos incontornáveis, que não se resolve apenas com base em argumentação e especulação abstratas. (BRAGA, 2011, p.6)

Considerando a reflexão de Braga (p.6, 2011) de que "o trabalho metodológico corresponde, na pesquisa empírica, a pôr tais elementos abstratos a serviço de um problema-eixo, voltado para efetivas descobertas", estabelecemos algumas delimitações metodológicas para o estudo do fenômeno de pesquisa analisado neste estudo.

Somos seres simbólicos. Significamos o mundo a partir do que vivenciamos e criamos, dentro de nós, um emaranhado de símbolos individuais e coletivos. Não é possível quantificar personalidades ou ações comunicacionais que dizem respeito às expressões humanas. Dessa forma, escolhemos trabalhar com processos qualitativos de pesquisa que, segundo Martino (2018, p.99) têm como objetivo principal "*compreender* as ações humanas e não explicá-las".

"Nos deixarmos afetar pode nos levar a uma aventura de pesquisa que ainda não tem destino definido, mas sentimos que nos levará a pensamentos nascentes que vão além de um quadro teórico explicativo isolado." (MORICEAU, 2020, p.41). O cerne da nossa pesquisa são as pessoas e as relações afetivas que promovem vinculações.

Como já foi dito na introdução, essa é uma pesquisa sobre coletividades e, por isso, é necessário um posicionamento menos distante e mais compreensivo. Dessa forma, assumimos aqui que esta é uma pesquisa participante, levando em consideração a afirmação de Brandão (1999, p.12), de que "é necessário que o cientista e sua ciência sejam, primeiro, um momento de compromisso e participação com o trabalho histórico e

os projetos de luta do outro, a quem, mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir."

A escolha desse fenômeno de pesquisa se associa também a nossa história e, por isso, nos distanciarmos também não seria uma opção. Acolhemos as nossas percepções dos outros que aqui serão estudados e partilharemos a seguir, as experiências comunicacionais atreladas aos conceitos. Vale destacar que as experiências vinculativas vêm primeiro e depois os conceitos aparecem para costurar uma linha de raciocínio.

Neste processo de aprender e compartilhar, dividimos nossa ação na pesquisa da seguinte forma:

1) Observação;
2) Narrativas;
3) Análise Interpretativa.

A partir desses passos iniciais, buscaremos traçar uma experiência ética e justa acerca da história dessas pessoas e dos processos comunicacionais aqui expressados. Para que a pesquisa nos permita aprender algo a cada vez, deveríamos deixar que o que encontramos coloque em xeque nossa abordagem, nossas expectativas, impulsionando nossos conceitos em movimento. (MORICEAU, 2020, p.42/43).

Observação: o processo da escuta do outro

Observar é utilizar dos sentidos (audição, tato, olfato, visão e paladar) para absorver determinadas percepções. Esta estratégia metodológica é de extrema importância para formular percepções acerca de um ambiente comunicacional. Segundo Martino (2018, p.135) "a ideia, no caso, é 'viver' a situação o mais de perto possível para conseguir informações a partir da própria experiência, não a partir do relato de outras pessoas, como no caso da entrevista o do grupo focal".

Desde 28 de fevereiro de 2020, iniciamos o nosso contato com o ambiente comunicacional CAPSartes utilizando a metodologia de observação participante, cujo propósito é "compreender a situação ao mesmo tempo em que atua e conversa com outros participantes" (MARTINO, 2018, p.138). Fomos a primeira roda de educação do ano, cujo objetivo era iniciar uma conversa sobre uma possível publicação do grupo sobre

Paulo Freire, no centenário do autor e estipular as próximas datas e os temas do calendário anual. Esta foi a primeira e última roda que observamos presencialmente, pois logo em seguida, com os rumos da pandemia, decretaram quarentena no Brasil. A observação continuou mediada pelos aparelhos digitais. Durante todo esse período de isolamento, a ideia foi participar do maior número de atividades do ambiente para conhecer as pessoas que se vinculavam a ele e as histórias que perpetuavam pelas telas. A seguir, uma breve descrição dos ambientes comunicacionais que formam o coletivo CAPSartes:

1) Rodas de Conversa (Núcleo Educacional)
    1.1) Ateliê da escrita: esta é uma roda de compartilhamento de ideias e técnicas para escritores. Este evento mensal visa encontrar possibilidades para que todas e todos os participantes escrevam sobre aquilo que os afeta. Roda de estímulo à curiosidade, às sensibilidades individuais e coletivas. Através de textos, conteúdos audiovisuais e a própria conversa, o ateliê traz inspiração e conhecimento para que os futuros autores possam escrever, compartilhar e publicar suas obras pelo selo capsianos. Mediação: Fátima Queiróz e Leda Lucas
    1.2) Café filosófico e Pingado filosófico: estas são duas rodas que acontecem em sequência e acabam se complementando. A partir de percepções cotidianas normalmente levantadas durante os diálogos de edições anteriores, este evento mensal dialoga com problemas sociais contemporâneos e filósofos de diferentes épocas, trazendo múltiplas perspectivas acerca de uma mesma questão. Mediação: Fábio Roberto Lucas e Cauê Teixeira.
    1.3) Roda cantante: a proposta deste evento mensal é contar a história do Brasil por meio das composições musicais através das épocas e dos espaços contemplados em cada encontro. - Mediação: Professora Sylvia Leite e Rafael Freitas. Cantora da roda: Érika Malavazzi. Violonista: Marcos Manuel.
    1.4) Roda de Educação: através de um olhar crítico, esta roda dialoga com questões sociais importantes do campo educacional e, no ano de 2020, iniciou diversas discussões acerca da situação das escolas, das crianças, dos professores e dos profissionais da educação neste momento de pandemia. Mediadores: Andreia Lobo, Marcelo Costa e Melissa Anjos.

1.5) Roda de estudos da Mulher: esta roda é uma parceria entre o CAPSartes e a Associação de Mulheres do Grajaú, que é um importante espaço de diálogos feministas no Bairro. Esses eventos digitais que têm acontecido mensalmente, às segundas-feiras, marcam uma importante discussão acerca de mulheres que traçaram suas histórias e mudaram percepções globais e locais. O estudo reveza a história de uma mulher famosa, cujo nome se perpetua na sociedade e uma mulher local, cuja vida representa resistência, força, sabedorias ancestrais e uma trajetória histórica que, em determinado momento, se aproximou da história do CAPSartes.

Mediação: Ana Costa. Produção: Bruna Alecsandra.

1.6) Roda de poesia: Mediação: Márcio Ricardo e a Maira Garcia.
Temporariamente inativo em razão da pandemia.

1.7) Roda das psicologias: temporariamente inativo em razão da pandemia.

2) Sarau Constelação Poética: este evento é destinado à disseminação da arte literária produzida por mulheres. Dividido em dois momentos, o Sarau se inicia narrando a trajetória biográfica e literária de uma mulher que torna-se tema do encontro e, em seguida, fica aberto para que o público também possa se expressar a partir do tema proposto. Mediadoras: Alessandra Silveira, Maira e Maria Vilani
3) Carreata Poética: este encontro acontece anualmente em comemoração ao aniversário do Centro de Arte e Promoção Social, em agosto. No ano de 2020, em razão da pandemia, houve uma incerteza em relação ao planejamento do evento, mas a carreata acabou acontecendo em setembro com o apoio da Virada Sustentável e teve como tema o livro *Quarto de despejo*, da autora Carolina Maria de Jesus.
4) Selo Capsianos: fundado em abril de 2016, o selo capsianos é a editora do CAPSartes e promove a publicação de obras dos autores do coletivo. Até hoje, foram publicadas duas coletâneas, *Escritos ao extremo* (2016) e *Filosofia escrita ao extremo* (2016); dois livros de poesia da autora Maria Vilani, *A lágrima e o riso* (2017) e *Penteando a vida* (2016); e um livro infantojuvenil, *Tudo é problema com o Bruno* (2016), de autoria de Vinicius Rossato. - Responsável pela editora: Alessandra Silveira.

5) Núcleo de comunicação: espaço de diálogo que interliga todos os outros núcleos, estabelecendo pontes de aprendizado e de compartilhamento de ideias nos espaços tridimensionais (presenciais) e nulodimensionais (digitais).
6) Núcleo capsianinhos: criado para os filhos dos participantes do coletivo, este núcleo envolve uma série de ações lúdicas e culturais com as crianças que o compõe. Temporariamente inativo por conta da pandemia.
7) Núcleo transdisciplinar de pesquisa: este núcleo foi ativado no final do ano de 2020 e tem como proposta para 2021 criar um ambiente de estudos científicos multidisciplinares. É composto por pesquisadores acadêmicos e não acadêmicos e tem como objetivo estimular a produção e publicação científica da periferia através da editora do CAPSartes e compartilhar saberes entre os participantes, sejam eles conselheiros ou orientandos no processo. Cada participante do núcleo apresenta sua ideia de pesquisa e é orientado por um dos conselheiros (dependendo da atuação de cada projeto) e, a partir deste encaminhamento inicial, todos os participantes trabalham juntos, compartilhando ideias e dividindo propósitos. - Conselheiros: Audrey Brandão, Beatriz Carvalho, Fábio Roberto Lucas, Luan Siqueira, Oseni Silva.
8) Podcast do CAPS: este espaço de escuta foi criado durante a pandemia, quando o coletivo notou uma necessidade de estabelecer outros formatos dialógicos dentro do ambiente comunicacional. A partir de agosto de 2020, o podcast foi criado com o objetivo de ser um espaço laboratorial de aprendizado e de divulgar informações sobre o CAPSartes e assuntos políticos e sociais que envolvam as periferias.
9) MOCAP – Movimento pela Cidadania Artística da Periferia: este setor do CAPSartes visa contribuir para orientar, informar, conscientizar e criar pontes entre os artistas das periferias e as potencialidades existentes dentro e fora do território. Coordenação: Alessandra Silveira e Maria Vilani.
10) Curso de Libras: compreender a importância da acessibilidade e da inclusão de pessoas com deficiência nas rodas de conversa, o CAPSartes criou um curso de libras para preparar os capsianos interessados para dialogarem com a comunidade surda. O curso é ministrado pela intérprete Eliane Ferreira e conta com a supervisão técnica de Andreia Lobo.

Estivemos presentes em quatro rodas de educação, com temas que estabeleciam relações políticas com o contexto atual da educação brasileira; três cafés filosóficos e pingados filosóficos, que eram reuniões mais longas, com conteúdos mais teóricos, partindo de um ponto atual do contexto social brasileiro e buscando reflexões através de teorias da filosofia; três ateliês da escrita, que funcionam como um laboratório de troca de experiências entre os escritores do CAPSartes e uma roda de estudo da mulher. Além das rodas de conversa, começamos a auxiliar na produção e apresentação do podcast do CAPSartes e atuamos como uma das conselheiras do Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa. Participamos de duas reuniões gerais durante o ano de 2020 e de um diálogo do Fórum de cultura do Grajaú que também é liderado pela Maria Vilani, fundadora do Centro de Arte e Promoção Social.

A ideia sempre foi estudar afetividades e isso não seria possível se não houvesse envolvimento para compreender as estruturas do ambiente e as dinâmicas sociais que ocorrem dentro dele. Maria Vilani nos disse em uma conversa que "o Caps não é uma estrela, é uma constelação" e de fato é isso. Estabelecer vínculos e observar as pessoas que compõem esse coletivo cultural que se estabelece fisicamente no Grajaú, mas que se desdobra em participantes do Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro e até de outros países, como é o caso de uma participante que dialoga lá da República Tcheca nos encontros do Ateliê de Escrita.

É importante ressaltar que os rearranjos das atividades para o sistema digital não ocorreram de forma simultânea, ou seja, cada roda se planejou para voltar de acordo com as possibilidades coletivas dos participantes e isso ocorreu em momento diferentes do ano de 2020. O Centro de Arte e Promoção Social é uma organização não governamental que conta com uma equipe de voluntários que se revezam em múltiplos setores. O CAPSartes, desde sua fundação trabalhava somente com eventos presenciais, pois parte dos ideais da instituição dialogava justamente com a necessidade da presença (tridimensional) para o diálogo, tanto que na primeira Roda de educação que estivemos presentes, não era permitido nenhum tipo de gravação do conteúdo discutido justamente para que todos se sentissem à vontade para falar o que quisessem.

A etapa de observação é constante durante a realização deste trabalho e ficou definida com data de início no dia 28 de fevereiro de 2020 e término no dia 9 de julho de 2021. É necessário destacar que desde o primeiro contato com os integrantes do

CAPSartes, buscamos sempre a autorização de todos para dialogarmos com as narrativas do ambiente analisado.

Narrativa: enquadramentos e percepções

Narrar já pressupõe a falta. Não é possível conhecer tudo que se refere às múltiplas camadas que estruturam um sujeito. Narrar requer enquadramento, percepção de limites e sensibilidade aos espaços contemplados e aos silêncios que ecoam em cada um de nós. Narrar é desafiar o tempo, é eternizar sentidos, momentos e presenças que se modificam o tempo todo. Narrar é, por natureza, um ato falho, mas, por cultura, um ato necessário.

Martino (2018) nos diz que "narrativas não são apenas uma maneira de mostrar a realidade, mas principalmente de construí-la de acordo com quem narra". Esta pesquisa tem sido uma grande descoberta coletiva, pois estudar um espaço cultural é descobrir diferentes faces de "nós" que habitam os sujeitos que se comunicam e constroem o ambiente à sua maneira.

Até agora, construímos esta dissertação a partir da observação e do contato com participantes da história do CAPSartes. Para construir uma estrutura cronológica do desenvolvimento do Grajaú e o surgimento do CAPSartes, optamos por realizar algumas entrevistas em profundidade com duas moradoras antigas do Bairro do Grajaú, com o objetivo de compreender algumas nuances do contexto social das décadas de 70 e 80, que foram marcadas pelo início dos movimentos sociais e da urbanização do que hoje é o distrito mais populoso de São Paulo. Foram entrevistadas:

1) Maria Vilani: fundadora do CAPSartes, Maria Vilani, 70 anos, ingressou no movimento de mulheres do Grajaú em 1984, mas passou a se dedicar às lutas pela cultura e educação no bairro. Além dos movimentos sociais, Vilani nos auxilia a constituir uma breve narrativa de alguns acontecimentos que marcaram o desenvolvimento do Grajaú.
2) Adélia Prates: fundadora da Associação de Mulheres, Adélia Prates, 74 anos, narra o processo de urbanização do território do Grajaú, dialogando com as lutas políticas que possibilitaram esse desenvolvimento do espaço.

Essas duas mulheres nos auxiliaram a traçar a perspectiva histórica que compõe o Capítulo 2 desta dissertação. Realizamos ainda entrevistas com mais quatro membros do grupo capsiano:

- Professor Israel: atual presidente do CAPSartes;
- Alessandra Silveira: coordenadora de Comunicação;
- Priscila Moreira: coordenadora de Projetos;
- Adriano Mendes: participante do CAPSartes desde a fundação.

Compreendendo a importância da participação dos integrantes do CAPSartes para o entendimento dos processos comunicacionais, além dos diálogos informais que ocorreram durante o tempo de análise, optamos por distribuir alguns formulários para membros bem ativos. Obtivemos 16 respostas que estão relacionadas por ordem alfabética na seção de anexos deste trabalho.

Análise interpretativa: tecendo histórias e costurando percepções

Após as fases empíricas da pesquisa, chega a hora de costurar noções estabelecidas no projeto com as histórias coletadas e vivenciadas até o momento. Neste cenário, estabelecemos algumas bases teóricas para a interpretação deste ambiente comunicacional analisado.

Iniciamos o processo de compreensão a partir da obra *Ecología de la comunicación* (2004), de Vicente Romano, que nos traz uma abordagem dialógica e humanista acerca dos processos de cooperação, compartilhamento e significação do mundo. Partimos em seguida para as obras *Os alimentos afetivos* (2007) e *O sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo* (1997), de Boris Cyrulnik. Nas obras do psiquiatra francês, destacamos a relevância das noções de pertencimento e de afetividade. Há ainda um livro escrito em forma de conversa entre Cyrulnik e Edgar Morin, nomeado de *Diálogo sobre a natureza humana* (2012), que também será utilizado para compreender algumas estruturas biopsicossociais da humanidade.

Nas obras de Edgar Morin encontramos noções que dialogam com as relações ecológicas e culturais da comunicação humana que veremos com mais detalhes a partir da obra *O enigma do homem* (1975). O livro *É hora de mudarmos de via* (2020), do autor,

também será necessário para situarmos o contexto atual da comunicação na pandemia e os possíveis caminhos para um futuro mais ecológico e ético.

José Eugenio de Oliveira Menezes, com a obra *Cultura do ouvir e ecologia da comunicação* (2016), Malena Segura Contrera, com o verbete sobre vínculo comunicativo, na obra *Dicionário da Comunicação* (2009), o livro *Mediosfera* (2017a) e a palestra *Vínculos* (2017b), proferida no *Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir* e as contribuições de Norval Baitello Junior, com os livros *A era da iconofagia* (2014), *A carta, o abismo e o beijo* (2017a), *O Pensamento sentado* (2017b) e *Existências penduradas* (2019) nos auxiliam no processo de compreensão das afetividades em ambientes comunicacionais sejam eles de mídia primária ou terciária, nos ajudando a refletir sobre os rumos da comunicação humana.

Capítulo 1 - Entrelaçando percepções

Ecologia da comunicação: reflexões sobre a obra de Vicente Romano

Em um contexto marcado pela utilização de novos mecanismos e novas tecnologias para desenvolver sistemas e relações, Vicente Romano questiona estruturas e se aprofunda em noções voltadas para o estudo dos afetos e da comunicação em perspectivas tridimensionais e nulodimensionais. Na obra *Ecología de la comunicación*, escrita em 2004, o autor divide o livro em duas partes.

A primeira parte introduz o pensamento ecológico referente à realidade industrial e tecnológica que se vive no contexto atual de globalização, com foco na percepção europeia, já que o conteúdo foi escrito sob uma perspectiva espanhola. Ainda na introdução, Romano nos antecipa alguns tópicos que serão trabalhados durante a pesquisa, vale destacar para futura análise:

1) A importância do pensamento democrático para a formação de espaços e da noção de pertencimento;
2) As implicações das TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação);
3) O pensamento ecológico aplicado na comunicação tridimensional;

4) Comunicação primária e sociedade;
5) Os sentidos aplicados aos aspectos ecológicos da comunicação;

O capítulo 1, intitulado de *delimitaciones*, inicia a perspectiva da ecologia da comunicação conceituando a ecologia como "as relações recíprocas dos seres vivos entre si e entre eles e seu entorno[3]" (ROMANO, 2004, p.46), e a comunicação, que acontece "quando ambos os participantes dispõem de um repertório de signos e significados comuns[4]" (ROMANO, 2004, p.61). Ainda no primeiro capítulo, Vicente Romano cita a noção de vinculação associada aos processos da comunicação humana, relembrando a importância da tridimensionalidade para as relações sociais.

É no capítulo 2, nomeado como *Tecnología e ecología*, que os estudos dos aparatos e das TIC (Tecnologias da informação e comunicação) aparecem como uma

possível causa para o colapso das relações sociais na contemporaneidade. A utilização tecnológica atual é vista, por Vicente Romano, como algo que causa controle social, aumenta as desigualdades e diminui oportunidades para pessoas sem acesso. Este é um tópico bem relevante para esta pesquisa, já que lidamos com ambientes comunicacionais periféricos compostos por pessoas que muitas vezes são prejudicadas social e profissionalmente pela falta de acesso aos aparatos tecnológicos, às informações e oportunidades que não chegam às bordas da cidade de São Paulo.

A sociedade da comunicação, segundo o pensamento do autor, exclui e segrega. "Pode ser, em última instância, uma sociedade de pessoas inativas e submissas, convertidas em apêndices do mercado[4]" (ROMANO, 2004, p.91). Esse processo de utilização dos meios para controle social despolitiza a população e ressignifica a noção de marginalização que será abordada mais adiante nesta pesquisa.

O hiper-estímulo de informações ditado pela nova globalização desestimula o pensamento crítico e parece estabelecer constantes parâmetros de importância comunicacional ditado pelos próprios conglomerados de mídia. Se não é importante para os que dominam a informação, não há voz que ecoe a vulnerabilidade do contexto social

[3] "Las relaciones recíprocas de los seres vivos entre sí y entre ellos y su entorno" (Romano, 2004). [4] "Cuando ambos participantes disponen de un repertorio de signos y significados comunes" (Romano, 2004).

[4] "Puede ser, en última instancia, una sociedad de personas inactivas y sumisas, convertidas todas en apéndices del mercado" (Romano, 2004).

desigual no Brasil. A solução, para Romano, na realidade europeia do início do século XXI parece a mesma para a realidade brasileira pós-pandemia: a proposta de uma ecologia dos meios.

Comunicação inclusiva para uma ecologia dos meios

Pensar em um equilíbrio entre os meios de comunicação funcionando de acordo com as demandas propostas pela própria sociedade, parece um caminho promissor para a formulação de um pensamento essencialmente democrático e esse raciocínio está demarcado diretamente no capítulo 3, *necesidades y valores*, em que o autor diz que "a biologia evolucionista e a história social da humanidade demonstram que o ser humano é produto da cooperação e da solidariedade[5]" (ROMANO, 2004, p.120).

No capítulo indicado acima, o diálogo sobre valores parece bem associado às demandas do mercado global. Romano traça um paralelo entre os problemas da

---

desigualdade atual no mundo e uma possível solução, que seria o retorno do pensamento solidário e cooperativo, que segundo ele, já está presente na estrutura histórica da sociedade e faz parte da construção do ser humano como ser social.

O pensamento cooperativo parece propor ainda uma reflexão sobre os modelos midiáticos globalizados: Talvez, a grande questão seja que a mídia não deveria regulamentar a realidade por meio de agendas. A sociedade deveria regulamentar a mídia e, assim, o processo midiático se tornaria mais acessível e menos desigual. Vicente Romano traz uma visão atual da mídia como um importante dispositivo de controle da sociedade. Dessa forma, propor uma ecologia dos meios é tentar tirar o poder informativo de uma parcela tão pequena da população e distribuí-lo entre os cidadãos. A partir desse ponto, nota-se na obra, uma quantidade considerável de referências ao sociólogo Karl Marx, com tópicos que percorrem alguns temas como consciência de classe e percepção do controle.

O corpo e a abstração

---

[5] "La biología evolucionista y la historia social de la humanidad demuestran que el ser humano es producto de la cooperación y la solidaridad" (Romano, 2004)

"O resultado é a 'perda da presença', a crescente colonização do biotempo pelos monólogos permanentes da técnica, que deixa os seres humanos sem a presença do outro[6]" (ROMANO, 2004, p.145). Esse pensamento de que a perda da comunicação presencial faz com que o ser humano perca a consciência do outro é destacado no capítulo 4, *ecología da comunicación*, que será o tópico principal de análise da teoria proposta por Vicente Romano nesta dissertação.

A princípio, os fenômenos de análise dessa pesquisa foram escolhidos justamente por terem uma abordagem comunicacional essencialmente presencial. Nossa intenção era estudar os corpos e a produção de vínculos nos espaços periféricos de pertencimento, mas com o contexto da pandemia da COVID-19, o *modus operandi* mudou no Brasil e paralisou as atividades culturais tridimensionais, o que levou esses espaços/projetos/coletivos a tomarem uma grande decisão: suspender as atividades ou torná-las acessíveis digitalmente. O Centro de Arte e Promoção Social decidiu prosseguir com as atividades e escolheu a segunda opção e isso nos leva a uma nova pergunta: diante desse cenário de isolamento, não seria a tecnologia a responsável por um novo tipo de vinculação social?

Portanto, esse capítulo da obra de Romano será essencial para compreendermos o sentido de ecologia da comunicação, em um contexto europeu do início da primeira década do século XXI, e tentar adaptá-lo com as nossas percepções e estudos pautados no contexto social, econômico e comunicacional do Brasil em 2020/2021, com foco nas realidades periféricas do extremo sul de São Paulo.

Para tornar a linha de raciocínio mais clara, trabalharemos nesta dissertação com a seguinte premissa teórica base:

> A ecologia da comunicação enquanto bioecologia, ecologia humana, sim, como tese humanista, trata das consequências que se derivam das intervenções tecnológicas da comunicação (das tecnologias da comunicação) para os seres humanos, a natureza extra-humana, a sociedade, a cultura e a comunicação.[7] (ROMANO, 2004, p.152).

[6] "El resultado es la "pérdida de presencia", la creciente colonización del biotiempo por los monólogos permanentes de la técnica, que deja a los seres humanos sin la presencia del otro" (Romano, 2004).

[7] "La ecología de la comunicación, en cuanto bioecología, ecología humana, sí, en cuanto tesis humanista, trata de las consecuencias que se derivan de las intervenciones tecnológicas de la comunicación (de las

No capítulo 5, *la comunicación primária*, se observa um pessimismo relacionado à sociedade moderna e à tecnologia que vem transformando os ambientes de convivência.

O autor percebe conexões entre a sociedade da informação com a falta de tempo com a família, o desenvolvimento de novas doenças emocionais, a marginalização, a falta de comunicação presencial entre os seres e outras diversas situações relacionadas a ausência do ser e do estar presente.

Romano ainda trabalha indiretamente com a noção de pertencimento, que já é abordada brevemente no capítulo V e retorna com o pensamento de que "o sujeito é seu meio"[9] (ROMANO, 2004, p.187), no sentido de o sujeito também é constituído a partir da perspectiva cultural e simbólica na qual ele está inserido.

O capítulo 6, *los medios primarios*, encerra a primeira parte do livro com percepções acerca das ligações entre a tecnologia e a expansão das desigualdades. "Tudo que tem a ver com a comunicação, está também relacionado com o poder, a impotência e a violência, pois se trata de meios e porque os possuir e dispor deles constitui desigualdade[8]". (ROMANO, 2004, p. 194).

Essa relação de poder e violência na comunicação também será brevemente trabalhada nesta dissertação, visto que o nosso fenômeno de análise se concentra nas periferias paulistanas, que historicamente foram marginalizadas e negligenciadas pelo poder público e a própria sociedade civil que habita os centros. Para começar a entender as conexões entre os abismos sociais causados pelas desigualdades e a falta de acessibilidade comunicacional, buscaremos nos pautar também pelo pensamento freireano de que "o que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo" (FREIRE, 1977, p.67). O diálogo pressupõe uma compreensão do outro, este processo comunicacional, além da fala, implica, principalmente, a escuta. Pensando dessa forma,

---

tecnologías de la comunicación) para los seres humanos, la naturaleza extrahumana, la sociedad, la cultura y la comunicación." (Romano, 2004). [9] "El sujeto es su medio" (Romano, 2004).

[8] "todo lo que tiene que ver con la comunicación, está relacionado también con el poder, la impotencia y la violencia, puesto que se trata de medios y porque poseerlos y disponer de ellos constituye la desigualdad" (Romano, 2004).

uma comunicação dialógica, citada pelo próprio Romano e também por Paulo Freire, é uma possível saída deste abismo das (in)comunicações.

Pelos sentidos, percebemos

A segunda parte do livro traz um diálogo sobre os sentidos aplicados à noção ecológica da comunicação. Para relacionar essa complexidade de sensações do nosso corpo que são percebidas e, de certa forma, absorvidas pelos sentidos, é importante esclarecer um termo que será relevante para o estudo dos vínculos e dos afetos: a percepção.

Boris Cyrulnik (2007) entende o corpo humano e toda a sua complexidade como nosso "aparelho de perceber" e contempla o pensamento de que a nossa concepção do mundo está relacionada diretamente com os nossos sentidos. Romano segue a mesma linha em toda a sua obra *Ecología de la comunicación*, mas em especial na segunda parte do livro, ele inicia uma reflexão acerca de cada sentido humano dividido por capítulos: capítulo 7 - *el tacto*; capítulo 8 - *el olfato y el gusto*; capítulo 9 - *el oído*; capítulo 10 - *la vista*.

No primeiro capítulo da segunda parte, Vicente Romano conceitua a pele como "o mais antigo e sensível dos órgãos humanos, o primeiro meio de comunicação e o mais eficaz[9]" (ROMANO, 2004, p.212). Segundo ele, "Estar em contato' com alguém equivale a manter algum vínculo comunicativo com esta pessoa. Essa é a função primordial da linguagem, estabelecer contato com os outros. 'Ter tato' significa na verdade 'tocar com delicadeza[10]" (ROMANO, 2004, p.212). A partir dessas duas afirmações sobre o sentido do tato, começamos a nos questionar sobre o que é estar em contato no contexto atual? Isso necessariamente faz parte apenas do modelo primário da comunicação?

[9] "El más antiguo y sensible de los órganos humanos, el primer medio de comunicación y el más eficaz". (Romano, 2004).

[10] "Estar en contacto' con alguien equivale a mantener algún vínculo comunicativo con esa persona. Esa es la función primordial del lenguaje, establecer contacto con otros. 'Tener tacto' significa en realidad 'tocar con delicadeza" (Romano, 2004).

Se levarmos em consideração que o som toca o ouvido para que uma música seja percebida por nós, ou que a luz toca os nossos olhos para que possamos enxergar, talvez realmente o sentido do tato possa abranger todos os outros de alguma forma. Porém, se contemplarmos o sentido do tato apenas como a concepção corporal e tridimensional do toque de um corpo sobre outro corpo ou de um corpo sobre um objeto, talvez a nossa concepção atual de comunicação tenha, de fato, começado a falhar, pois já não é mais possível, principalmente diante de uma pandemia que colocou grande parte da população brasileira em isolamento, pensar em uma comunicação vinculativa apenas pelo contato da pele. Somos abstração no século XXI e a tendência é que as fronteiras do espaço sejam cada vez mais solúveis nas redes e, talvez, mais espessas fora delas.

No capítulo 8, *el olfato y el gusto*, Romano (2004, p.217) nos diz que "O primeiro centro da vida psíquica está na boca e no sentido do paladar[11]" que viria do contato dos lábios com objetos ou das gengivas desdentadas descobrindo novas superfícies. A boca e o nariz nos parecem, então, importantes órgãos de entrada e, por consequência, de percepção. Neste capítulo, é importante destacar a comunicação pela palavra, que segundo o autor, tem por objetivos: "1) explorar o passado para projetar ações com previsão crescente, e 2) servir de vínculo a cooperação humana em seu esforço por transformar a realidade em seu benefício[12]" (ROMANO, 2004, p.230).

Desta forma, a palavra atua como agente transformador da humanidade. A palavra é então um símbolo puramente humano e construído a partir da nossa necessidade de nos comunicarmos com o outro e com o mundo. A palavra é a ampliação do nosso universo simbólico através dos tempos. E como agente transformador e comunicante, a palavra tem dentro de si identidades e isso não varia apenas em relação aos idiomas criados pelo mundo, mas também às variantes linguísticas que representam incontáveis identidades no território brasileiro, por exemplo.

Partindo para o Capítulo 9, *el oído*, entramos em uma importante parte da percepção humana: o ouvir. Esta parte do livro nos traz uma grande reflexão em uma frase bem

[11] "El primer centro de la vida psíquica está en la boca y en el sentido del gusto"
[12] "1) explorar el pasado para proyectar acciones con previsión creciente, y 2) servir de vínculo a la cooperación de los hombres en su esfuerzo por transformar la realidad en su beneficio"

curta, “Escutar é uma forma de responder[13]” (ROMANO, 2004). E aqui usamos o “escutar” como uma forma atenta de perceber o outro. Este capítulo será o início para um potente diálogo com a obra de José Eugênio de O. Menezes e os estudos sobre cultura do ouvir, que serão abordados no Capítulo 3 desta dissertação. Neste estudo, contemplamos ambientes periféricos de cultura e conhecimento que foram criados, sobretudo, pela inquietação dessa periferia que nunca se calou. Espaços criados a partir de vozes e ouvidos dispostos a aprender em comunidade e não se fala em comunidade sem a escuta do outro.

Estudar a importância do ouvir é voltar aos primórdios da palavra, em que as narrativas orais eram nossa única possibilidade de documentação do real e pensar em como seriam as rodas se não houvesse a escuta. Não haveria motivos para a criação da palavra. As nossas narrativas ancestrais não chegariam até aqui. É a escuta que completa e cria o sentido de partilha. De comunidade. E aqui, nesta dissertação será trabalhada, mais especificamente, em dois momentos:

1. A escuta do outro e de si mesmo nas Rodas de conversa/conhecimento do CAPSartes;
2. A escuta como potência nas periferias: um estudo das narrativas do Podcast do CAPSartes.

Utilizaremos a noção de escuta ativa como “a recepção do mundo[16]” (ROMANO, 2004, p.239), presentes no pensamento deste autor aqui analisado e também nas obras de Vilém Flusser, Norval Baitello, José Eugenio de O. Menezes e Dietmar Kamper. A partir do diálogo desses autores, estudaremos os processos de escuta no Centro de Arte e Promoção Social.

O décimo capítulo, *la vista*, encerra o pensamento de Romano acerca da utilização dos sentidos na comunicação e já encaminha para a finalização da obra que acontece no capítulo seguinte. O autor nos traz a reflexão de que “Os olhos sabem mais que as palavras. Intuir vem do latim *intuere*, ou seja, olhar atentamente, fixar-se[14]” (ROMANO, 2004, p.259), e isso nos leva a uma grande dúvida que provavelmente não será respondida integralmente

[13] “Escuchar es una forma de responder” (Romano, 2004). [16]
“la recepción del mundo” (Romano, 2004).
[14] “Los ojos saben más que las palabras. Intuir viene del latín “intuere”, o sea, mirar atentamente, fijarse” (Romano, 2004).

nesta dissertação: o termo intuir está apenas ligado aos olhos ou se interliga de uma forma complexa a todos os nossos aparelhos de perceber?

O próprio autor já nos diz algo que parece começar a esclarecer esse processo de pensamento/visão/percepção: "Olhar tem muito a ver com o pensamento, com a inteligência, pois com os olhos parados se entra em estado hipnótico ou se adormece. No movimento dos olhos está implícito o processo de pensamento[15]" (ROMANO, 2004, p.261). Entender o movimento dos olhos diretamente relacionado ao processo do pensamento parece uma boa saída para o estudo desses ambientes tridimensionais aqui analisados, mas talvez não a que mais contempla esses espaços, já que as imagens simbólicas que representam as periferias normalmente não são positivas nas mídias tradicionais ou até mesmo nos imaginários daqueles que nunca perceberam/se vincularam a uma periferia. A luta das periferias é por voz e escuta e a comunidade faz isso por meio da potência vinculativa do afeto, muitas vezes despertado pelo poder tridimensional do toque. Foi pela demanda da luta, que escolhemos aqui os sentidos que vamos analisar e estudar com mais afinco: a fala, a escuta e o toque. Os três sentidos da resistência cultural.

Por uma ética da solidariedade

Este é um capítulo que se vincula completamente com as ideias desta dissertação e de todos os coletivos estudados. Foi difícil encontrar as partes mais importantes deste último fragmento da obra de Vicente Romano, pois tudo parecia relevante demais para ser deixado de lado, então, no decorrer desta experiência dissertativa, a "ética da solidariedade" proposta pelo autor será contemplada em todos os aspectos possíveis, porque esse é o princípio fundamental de uma ecologia da comunicação e o trecho a seguir nos presenteia com uma observação importante:

> "A ética tem se apresentado sempre como resposta teórica à coexistência e cooperação práticas da vida individual e coletiva. Sua

[15] Mirar tiene mucho que ver con el pensamiento, con la inteligencia, pues con los ojos parados se entra en estado hipnótico o uno se duerme. En el movimiento de los ojos está implícito el proceso de pensamiento" (Romano, 2004).

> principal função reside na orientação da conduta humana em consonância com seus interesses de classe e visando a realização dos mesmos[16]" (ROMANO, 2004, p. 265).

Acreditamos que a ética e o princípio de compartilhar sempre estiveram conosco. Antes de existirem os outros, havia o "nós". O princípio de pertencimento sempre existiu na humanidade, pois somos seres coletivos, e é disso que se trata esse estudo. Coletivos compostos por "nós" que em algum momento da vida, se inquietaram com as mazelas das periferias e transformaram a inquietação em arte, cultura e conhecimento. As individualidades são capazes de pensar, mas só tornam as ideias reais e executáveis a partir da comunicação e do coletivo. Este é o ciclo da comunicação: pensar, compartilhar e pertencer.

Boris Cyrulnik: tensionamentos sobre afetos e os sentidos de pertencer

Boris Cyrulnik é um neuropsiquiatra francês que se especializou nas noções de resiliência e afetividades. A partir de concepções do campo da etologia, Cyrulnik traça paralelos e comparações entre processos afetivos dos animais e dos seres humanos. Neste tópico, analisamos as contribuições da obra os *alimentos afetivos* (2007), que será brevemente abordada em ordem dos capítulos, e o *Sexto sentido* (1997), que será compreendida de uma forma mais livre, como o próprio autor propõe no início de sua introdução: "Sobretudo, não leiam este livro. Folheiem-no." (CYRULNIK, 1997, p.7).

Os alimentos afetivos

A partir dos oito capítulos que compõem o livro, nossas observações foram divididas em duas partes, são elas:

1) A presença da cultura e a formação do ser humano: tem como função estabelecer um breve panorama conceitual sobre a relação da produção dos afetos com o pertencimento do indivíduo na cultura.

[16] "La ética se ha presentado siempre como respuesta teórica a la coexistencia y cooperación prácticas de la vida individual y colectiva. Su principal función estriba en la orientación de la conducta humana en consonancia con sus intereses de clase y tendente a la realización de los mismos." (Romano, 2004).

2) Seres que produzem sentidos e contam histórias: após a análise de noções voltadas às individualidades no tópico anterior, será necessário ampliar o olhar para os ambientes culturais e comunicacionais aos quais o afeto e as narrativas se propagam, buscando compreender alguns estudos do âmbito coletivo na arte de contar histórias.

Considerando a definição de *corpo,* proposta por José Eugenio de O. Menezes, como "um alinhamento dos processos filogenéticos (desenvolvimento da espécie) e ontogenéticos (desenvolvimento de cada indivíduo), a complexidade biológica e a complexidade cultural" (MENEZES, 2016, p.26), buscaremos compreender a partir das perspectivas a seguir de que forma as diversas definições que o corpo humano é capaz absorver podem se entrelaçar aos afetos através da cultura.

A presença da cultura e a formação do ser humano

Com a delimitação daquilo que compõe a nossa *psique*, é possível enxergar além do amontoado de células que constituem o nosso organismo humano, buscando analisar a comunicação a partir daquilo que Cyrulnik (2007) chama de "aparelho de perceber", composto pelos sentidos e emoções individuais.

"Uma percepção sem teoria não pode induzir uma representação" (Cyrulnik, 2007). Tomando este breve fragmento do livro como ponto de partida para a escolha dos afetos como tema teórico principal da pesquisa, o autor divide a obra em seis partes: 1) a natureza dos encontros; 2) a formação dos sentidos; 3) a interação com a cultura; 4) o desenvolvimento social da violência; 5) discursos culturais e biológicos; 6) a narrativa do passado no presente. A partir desses tópicos, Cyrulnik desenvolve um raciocínio cronológico em relação à formação psíquica e cultural dos seres humanos, começando a narrativa com o estudo dos fetos e finalizando com a observação dos idosos.

No primeiro capítulo, intitulado "o acaso dos nossos encontros estaria determinado", Cyrulnik procura estabelecer relações entre a visão do ser sobre si mesmo e a representação dele no mundo. O autor fala ainda sobre culturas históricas que se modificaram na essência, mas que continuam problemáticas, como a cultura do casamento por amor, que, embora tenha evoluído de uma tradição opressiva de encontros marcados

e uniões determinadas pela família, ainda possui um estereótipo social marcado de que "deve ocorrer uma paixão à primeira vista, seguida de um amor duradouro" (Cyrulnik, 2007), sem deixar espaços na civilização para possíveis fracassos, mudanças e separações.

O capítulo dois, "o que pensam os fetos", esboça o estudo da sensorialidade e a relação com a formação da memória afetiva na vida intrauterina, que se relaciona ao capítulo três, sobre o pertencimento da criança no mundo. Para o estudo de uma comunicação voltada aos afetos e ao pertencimento, os três primeiros capítulos parecem explorar de forma mais intensa essas noções, por isso, neste tópico nos limitaremos ao estudo desses capítulos iniciais.

"A criança só existe na representação cultural que a designa por um nome. Essa designação baliza seu devir social, organiza uma parte de seu desenvolvimento psicológico e dá impulso aos sentimentos associados a qualquer representação" (Cyrulnik, 2007, p.71). Esse trecho do livro parece resumir boa parte do trabalho da pesquisa em comunicação para entender o universo das sensações, dos sentidos, do afeto e do pertencimento humano. Sabendo que todos somos seres cronológicos e que o nosso corpo, em todas as suas dimensões, estabelece padrões de identificação sensorial desde a vida intrauterina, temos então uma certa ordem de descobrimento afetivo, que seria: 1) o desenvolvimento dos sentidos e do afeto intrauterino; 2) a imersão no mundo da cultura, marcada pelo nascimento; 3) a percepção do outro e do si mesmo; 4) a vontade de pertencer.

A noção dos sentidos é o início de toda a vida afetiva humana. O tato parece ser o primeiro sentido desenvolvido no feto, que "torna-se funcional nas primeiríssimas semanas, quando o embrião ainda flutua" (Cyrulnik, 2007). O ouvido estabelece um papel importante na construção de sentido do feto a partir da vigésima sétima semana. O paladar, o olfato e a visão se estabelecem com mais estabilidade após o nascimento do indivíduo. Os estímulos sensoriais geram aquilo que chamamos de afetos que vinculam.

Após o nascimento e a formação dos sentidos, o ser humano imerge na cultura de seu território e de seu campo simbólico e é "nessa ecologia humana embebida de cultura que ela vai tentar efetuar trocas e realizar suas promessas biológicas, psicológicas e sociais" (Cyrulnik, p.69, 2007), buscando reconhecer a si mesmo e perceber o outro através de seu "aparelho de perceber o mundo" (Cyrulnik, 2007, p.59).

Essa imersão cultural e social contemplada pela obra de Boris Cyrulnik nos traz uma percepção importante: o ser humano é coletivo, ao mesmo tempo em que busca sua individualidade. Nesse paradoxo entre ser e pertencer, a humanidade caminha traçando suas particularidades e interagindo com os outros. Construímos o *nós* enquanto refletimos sobre o *eu* e vice-versa.

Nessa complexidade do desenvolvimento humano encontramos a noção de pertencimento que será estudada pelo psiquiatra francês. A partir do pensamento dele, podemos concluir que a vontade de pertencer é tão natural quanto a vontade de se individualizar e que o desequilíbrio dessas vontades na ecologia humana acarreta patologias psíquicas. O pertencer pressupõe a existência, a sensorialidade, a identificação e o afeto.

Seres que produzem sentidos e contam histórias

Este tópico é sobre o ser social que se torna grupo. E em grupos nascem sentidos, formas, burocracias e hierarquizações. Este é um assunto que se iniciará contemplando a naturalização da violência nos espaços ocupados por atores sociais e terminará explorando as nossas narrativas. O elo que trará o afeto e o pertencimento de volta à nossa discussão é a sociedade, o ambiente que caminha e se forma de modo conjunto.

Boris Cyrulnik inicia o quarto capítulo questionando sobre o princípio da violência no sistema humano comparando com a violência no mundo animal. Segundo o autor, enquanto os animais parecem ritualizar o princípio da violência de um modo natural e não percebido, o ser humano, dotado de uma percepção interpretativa naturaliza esse processo conscientemente, sendo a "a indiferença afetiva capaz de autorizar a destruição do outro" (Cyrulnik, p.108, 2007). A noção de violência, segundo o autor, é resultado de uma intolerância do ser humano em relação a outras realidades, algo que vem "da incapacidade de sair do nosso próprio mundo de representações" (Cyrulnik, 2007, p.109).

É a partir da caracterização da violência como sintoma da intolerância que é possível estabelecer uma cura por meio da comunicação com o outro: o processo emancipatório através da cultura do ouvir, atingindo através da escuta aquilo que Kamper define como "processo de ampliação da percepção do outro" (KAMPER, apud MENEZES, 2016, p.100).

A naturalização da violência é narrada, institucionalizada e torna-se natural classificar pessoas como capazes e incapazes, gloriosos e coitados, bons e ruins, vitoriosos ou fracassados. As dualidades limitam a criatividade das narrativas e estabelecem naturalidade para violências contra seres que enxergamos como contrários à nossa cultura grupal pré-estabelecida.

O que seria necessário para estabelecer uma cultura?

Culturas são transitórias e se estabelecem por meio das narrativas que circulam nos ambientes. "Todos os nossos pensamentos, dos quais nos compomos, carregam a marca de nossos antecessores, tanto em seus conceitos (palavras) como em sua estrutura." (Flusser, 2007, p.229). Estamos dentro de um país marcado por diferentes histórias de diferentes lugares. A história dos nossos antepassados começa com os povos originários que aqui habitavam há muitos séculos, mas a história contada pelos nossos espaços de aprendizagem começa quando os portugueses "descobriram" o Brasil. Em que ponto da colonização as narrativas europeias se tornaram as nossas narrativas?

"A narrativa é um espaço de encontro com o outro. Ao contar histórias, criamos vínculos que ultrapassam a dimensão pessoal e subjetiva e formam um tipo de repertório comum, que se torna a ligação entre quem narra e quem escuta" (MARQUES e MARTINO, 2018, p.46). Por isso, talvez seja importante buscarmos compreender de onde estão vindo as nossas narrativas. Como estamos lidando com a construção da eternidade que queremos deixar para o futuro?

Cyrulnik, em seu último capítulo, associa as narrativas aos idosos e a peculiaridade de se narrar um fato do passado com as experiências do presente. As narrativas afetam o outro porque no momento de narrar não dispersam apenas palavras, mas sentidos que formam significados particulares. A história eterniza os momentos e busca vencer o tempo.

Baitello Junior (2017, p.39) nos diz que a escrita "requer uma superfície para cortar" por possuir uma origem histórica associada à necessidade de se contar os recursos com o início da vida doméstica. Dentro desse pensamento, ele reflete e compara a escrita às cicatrizes corporais que colecionamos junto ao tempo, ambas com a intenção de vencêlo. Se o papel da escrita e das cicatrizes é de vencer o tempo, com a narrativa não

seria diferente, já que esse hábito de narrar que adquirimos junto com a nossa humanidade é o prefácio do ato de escrever e o posfácio das cicatrizes que marcam o nosso corpo psíquico e somático.

Enquanto a psiquiatria parece trabalhar com números e definições, procurando estabelecer um padrão para os comportamentos das pessoas, a comunicação trabalha a partir da observação das individualidades dos seres, ambientes e processos comunicacionais. Dessa forma, há uma infinidade de maneiras de estudar os afetos no âmbito da comunicação. Pessoas. Culturas. Ambientes. Estudar algo que o ser humano sente sem ao menos saber o motivo parece tão improvável quanto necessário. Boris Cyrulnik nos apresenta noções imprescindíveis para a compreensão da relação psíquica com o ato de se afetar ou de pertencer.

O Sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo

Boris Cyrulnik divide esta obra em três grandes capítulos: 1) o corpo; 2) o meio ambiente; 3) o artifício. O autor apresenta uma dinâmica diferenciada de leitura no início de sua introdução, nos estimulando a apenas folhear o livro, colocando o índice como "capítulo mais importante, visto que dá os temas onde caminharemos lado a lado" (CYRULNIK, 1997, p.7). Seguindo os direcionamentos da própria obra, buscaremos compreender, durante o encaminhamento da pesquisa, os seguintes tópicos abordados no livro:

1) Coexistir: os dilemas da partilha
2) Corporeidade: maneiras de compartilhar e perceber 3) *Homo cyber*: novas realidades e representações.

Sobre este primeiro tópico, Cyrulnik analisa, através de uma perspectiva etológica, as estruturas comunicacionais e comportamentais dos seres humanos e aquilo que nos cerca. Estabelecendo padrões e discrepâncias a partir do comportamento animal e o comportamento humano, o autor caminha para uma percepção complexa das dependências, das conexões e relações humanas.

"Uma única perspectiva organiza este livro: o enfeitiçamento do mundo, a força oculta que nos governa e nos força a estar-com... para ser" (CYRULNIK, 1997, p.7). Este propósito contido no início da obra e desenvolvido durante todo o texto do autor nos

auxilia no principal objetivo desta dissertação: compreender as dinâmicas e expressões afetivas de um determinado ambiente comunicacional.

Coexistir: os dilemas da partilha

A primeira visão que temos, ao nascer, é uma outra pessoa. Abrimos os olhos e nos despertamos para uma realidade repleta de seres que se comunicam de diferentes formas. Nascemos dependentes daqueles que chamamos de família, seja ela biológica ou não. Somos seres interpretantes e, sobretudo, aprendizes, e só podemos aprender porque o outro existe para também nos ensinar. Este é o paradoxo da coexistência: nascemos convivendo e passamos a vida buscando a boa convivência.

Cyrulnik nos auxilia na compreensão desses significados de coexistência humana a partir de experiências de observação do mundo animal. Através da comparação, o autor questiona algumas dinâmicas cerebrais e culturais do mundo simbólico construído pelos seres humanos na contemporaneidade.

"Assim que o verbo aparece, o tempo muda de natureza. Já não é a duração que transforma os corpos, é a representação do tempo, é a história que o mobiliza" (CYRULNIK, 1997, p.17). Este livro nos desperta para a complexidade das representações humanas. Sabendo que a palavra transforma e significa o mundo à maneira de quem a proclama e de quem a interpreta, estabelecemos, a partir desta obra, mais um questionamento para o trabalho que esperamos esclarecer ao longo da pesquisa: quais significados verbais se estruturam nas narrativas do CAPSartes?

As representações que permeiam a humanidade se rearranjam em determinados espaços, pois se constroem de maneiras diferentes a partir das semelhanças e diferenças dos grupos que se formam no decorrer do tempo. Essa obra nos auxilia a entender de que forma as representações culturais e simbólicas foram construídas e transformadas no ambiente comunicacional de estudo.

Corporeidade: maneiras de compartilhar e perceber

Como já dito anteriormente, a compreensão do corpo e das dinâmicas dos sentidos humanos é muito importante para a delimitação teórica desta pesquisa. "Quando os organismos se tornam mais complexos, os lugares do corpo especializam-se. Porém, quanto mais os cérebros se tornam capazes de tratar informações distantes, mais os canais de comunicação com o mundo exterior se concentram em redor do rosto" (CYRULNIK, 1997, p.33). O autor diz ainda que "o homem reúne tantos modos de comunicação em redor da boca e dos olhos que poderia esquecer o corpo sem prejudicar a relação" (CYRULNIK, 1997, p.34).

Em um contexto atual, marcado por uma pandemia, é interessante percebermos os significados das expressões que reconhecemos a partir do nosso rosto e o quanto isso toma uma proporção relevante de ausência quando uma máscara esconde essa possibilidade de reconhecimento do outro. Consideramos as citações anteriores relevantes para o trabalho, pois no capítulo 5 desta dissertação dialogaremos com as novas dinâmicas comunicacionais que surgiram a partir da reconfiguração social que o novo coronavírus nos trouxe.

Homo cyber: novas realidades e representações

Este tópico, abordado por Cyrulnik na última parte da obra, nos auxilia na compreensão da complexidade das novas estruturas tecnológicas e na interferência das mesmas no comportamento comunicacional humano. Quando se refere ao *homo cyber*, o autor nos diz que "apesar do cérebro não ter mudado, vive num mundo quase unicamente composto de representações de imagens e de palavras" (CYRULNIK, 1997, p.262).

As representações de imagens que Boris Cyrulnik aborda em seu livro escrito em 1997, parecem introduzir uma concepção que se aproxima bastante à noção de iconofagia, proposta por Norval Baitello Junior (2014). No livro *a era da iconofagia* (2014), o autor se posiciona acerca do consumo desenfreado das imagens reproduzidas e disseminadas e reflete sobre as possíveis consequências dessa dinâmica que reconfigura a existência humana.

Na obra *o sexto sentido*, Cyrulnik ainda nos diz que "a diferença entre os dois mundos é de ordem emocional" (1997, p.263). Segundo ele, o mundo das palavras "necessita de uma empatia e de uma partilha do mundo engendrado pela co-presença" (CYRULNIK, 1997, p.263), enquanto o mundo da nulodimensionalidade "permite um encontro com a representação de um outro, mas não exige, forçosamente, a sua presença" (CYRULNIK, 1997, p.263). Dito isto, o que perdemos com a banalização da presença humana? Será que, ao deixarmos de estabelecer conexões presenciais com outros, deixamos também de nos reconhecer de alguma forma?

Essas questões foram levantadas a partir da obra de Cyrulnik e farão parte do diálogo entre autores no Capítulo 5, onde falaremos sobre o contexto atual que reconfigurou a existência dessa investigação acerca do ambiente comunicacional CAPSartes.

Diálogo sobre a natureza humana

Este livro foi escrito a partir de um diálogo proferido entre Boris Cyrulnik e Edgar Morin, em 2000, na França. Esta obra é importante para a análise interpretativa do nosso fenômeno de pesquisa à medida que nos desperta para compreensões intrínsecas da condição humana, como as potencialidades do pensamento e a compartimentalização dos saberes. Deste modo, vamos sistematizá-la a partir dos conteúdos relevantes para a interpretação desta dissertação.

A cultura e a fragmentação do pensamento

Como compreender a ciência a partir de uma perspectiva segmentada?

A curiosidade vista como "coceira nas ideias", por Rubem Alves (2010, p.20) não nos limita a um pensamento segmentado. Se sentimos a necessidade de estudar afetos dentro da comunicação sabemos que, como comunicadores, temos um dado repertório absorvido em sala de aula, mas ao adentrarmos no mundo da afetividade, nos deparamos com percepções da psicologia, da filosofia, da medicina, da sociologia e de tantos outros campos que tentam lidar e compreender as dinâmicas afetivas que envolvem a condição humana de maneira universal. Pensar como comunicóloga ou comunicólogo não é só

pensar comunicação. É entender que os processos comunicacionais permeiam, constroem e complexificam a sociedade em que vivemos e que, estudar um processo desses é também despertar os sentidos para tocar o mundo com os nossos órgãos perceptores (pele, olhos, ouvidos, boca e nariz).

Como Cyrulnik esclarece, "trata-se de associar pessoas de disciplinas diversas para explicar um mesmo objeto de modo diferente. Cada um continua a ser o que é; deve simplesmente aprender a falar com o outro" (CYRULNIK e MORIN, 2012, p.13). Falar com o outro é, também, compartilhar essa limitação humana perante as incontáveis informações que o mundo globalizado nos proporciona. Este diálogo entre Edgar Morin e Boris Cyrulnik nos mostra isso, pois apesar de ambos se utilizarem da etologia para compreender processos comunicacionais e do comportamento humano, cada um deles possui uma trajetória diferente, áreas de atuação diversas e percepções que por vezes se encaixam e outras vezes não. É isso que faz esse diálogo ser tão importante e enriquecedor.

A noção de ciência já pressupõe uma perspectiva dialógica, coletiva, ancestral. Fazemos ciência porque tivemos acesso a determinadas obras e situações que nos incomodaram de alguma forma. Nós só fazemos ciência, porque em dado momento nos disseram que era possível e, a partir daí, entendemos que o "eu ser humano", jamais se separaria do "eu pesquisadora". A pesquisa só existe, porque existe história, ancestralidade. As experiências nos conduzem aos experimentos, às dúvidas e às tentativas do fazer científico.

Segmentar a noção da ciência, então, seria um ato egoísta de dizer que tudo que foi escrito não foi fruto de inspiração coletiva. Se "o homem é, por natureza, um ser de cultura" (CYRULNIK, 1997, p.288), a ciência é então fruto da coletividade que se produz por intermédio de algum pesquisador ou pesquisadora. Somos, dessa forma, mediadores e mediadoras que emprestam suas palavras e percepções para o fazer científico.

Imagens, imaginações e pensamentos

Edgar Morin inicia um diálogo sobre cognição e reflete a partir de comparações com os mundos vegetal e animal. Acerca das diferenças entre a inteligência humana e as demais formas de inteligências, ele diz:

> A diferença é que a inteligência consciente serve-se da linguagem e das palavras, e que nós criamos uma noosfera, ou seja, uma esfera de produtos de nossas mentes. E essa esfera cerca a humanidade como as nuvens que cercavam a marcha dos hebreus no deserto. Além disso, penso que não nos damos conta de que as ideias - que são, doravante, nossas intermediárias para nos comunicarmos com a realidade - vão também mascarar a realidade e fazer com que priorizemos a ideia em detrimento do real. (CYRULNIK e MORIN, 2012, P.38/39)

Essa noosfera criada pela humanidade através dos séculos é um lente que nos faz enxergar o outro através das nossas próprias bagagens. A partir das nossas ancestralidades, culturas, histórias e vivências, enxergamos o outro e, inconscientemente, decidimos se ele irá ou não nos afetar. Aí está um grande paradoxo social: somos construídos por uma perspectiva coletiva ao mesmo tempo em que construímos, em nossas ideias, a nossa concepção do coletivo, isto porque, segundo Cyrulnik, "o principal órgão da visão é o pensamento. Vemos com as nossas ideias" (CYRULNIK, 2012, p.39).

A partir dessa afirmação do psiquiatra, os autores passam a refletir sobre como as ideias tomam determinadas proporções. As ideias podem sim construir pontes e transformar positivamente uma determinada sociedade, mas a polarização de uma ideia pode também erguer muros, criar barreiras, silenciar pessoas e destruir povos. Isso já aconteceu diversas vezes durante a história da humanidade e tende a continuar acontecendo. "Somos capazes de matar ou morrer por uma ideia" (MORIN, 2012, p.39).

Concepções teóricas e a busca pela verdade universal

Em um diálogo sobre a vida e a morte entre os autores, Cyrulnik reflete acerca de uma questão bem importante: "Não se pode dizer, igualmente, que uma sociedade vive da morte de suas teorias? Pois o meio mais certo de assassinar uma ideia é venerá-la. Ao repeti-la infinitamente, a ideia transforma-se em estereótipo" (CYRULNIK, 2012, p.48). Voltando para o campo das ideias, acreditamos que a compreensão sobre os riscos da busca por uma verdade universal é importante para a análise do nosso fenômeno de pesquisa e está diretamente relacionado às desigualdades que estruturaram o nosso país.

Boris Cyrulnik ainda ressalta que “todos os grandes crimes contra a humanidade foram cometidos em nome da verdade. A verdade exclusiva e única” (CYRULNIK, 2012, p.80). Vamos refletir...

Não é difícil pensar sobre os grandes crimes da humanidade. Estudamos sobre eles nas escolas. Ao lermos a frase do psiquiatra, as associações imagéticas referentes à acontecimentos genocidas passam, inevitavelmente, pelas nossas cabeças. Há alguns crimes contra a humanidade, no entanto, que foram silenciados por séculos e geraram estruturas desiguais na nossa sociedade. A colonização violenta que ainda nos faz escravos de um sistema que classifica oportunidades, por exemplo. Falar de periferias é também buscar a compreensão sobre esses processos históricos que, tomados como verdades universais na época, estabeleceram modelos mentais de opressão, violência, marginalização espacial e social. O perigo dessa busca pela verdade absoluta, além de tudo que já foi dito anteriormente, é que as pessoas não têm a possibilidade de lutar por suas verdades da mesma forma. As verdades escutadas, absorvidas e acatadas, normalmente, vêm de um mesmo lugar de poder e esse lugar de poder parece, constantemente, ecoar uma mesma ideia venerada.

A verdade universal é, então, uma armadilha que estereotipa o pensamento. “Os delirantes afirmam sempre que é preciso ser louco para não ver o que eles veem. Os únicos a terem certezas são delirantes. A evidência é, certamente, a maior armadilha do pensamento” (CYRULNIK, 2012, p.56). Aos pesquisadores e pesquisadoras, esta ideia de certeza é inconcebível, porque só se descobre quando se duvida de algo. Somos movidos pelas incertezas.

Identidade e pertencimento

“É preciso ser si mesmo para encontrar o outro” (CYRULNIK, 2012, p. 90), esta, talvez, seja a contribuição mais importante da obra para esta pesquisa. Segundo o próprio Boris Cyrulnik (2012, p.86), ser si mesmo envolve uma série de questões pré-existenciais como a família, o idioma, a cultura e diversos outros fatores sociais e espaciais que imergem o indivíduo logo no momento que essa vida é materializada para fora do corpo da mãe. Compreendemos a importância deste tópico de *identidade e pertencimento*, pois nesta dissertação escolhemos falar sobre cultura e ambientes comunicacionais que se

formaram através de uma história territorial de falta, de ausências de recursos. Esta é, sobretudo, uma pesquisa sobre pessoas e suas respectivas afinidades/afetividades.

> "Para me tornar eu mesmo, devo, então, renunciar a falar todas as línguas, reduzir traços em meu cérebro a fim de perceber um mundo, pertencer a uma cultura, para depois ser levado até mesmo a conhecer uma outra cultura. Poderia enfatizar a palavra "encontro", pois, tendo me tornado eu mesmo, posso ir ao encontro de um outro[...] Continuo, porém, a ser eu mesmo encontrando um outro. (CYRULNIK e MORIN, 2012, p.87).

Trabalhamos, então, com a concepção de que a identidade se constitui a partir do indivíduo e o meio ao qual ele foi exposto durante seus primeiros anos de vida. Por mais que este indivíduo se modifique e amadureça através dos tempos, até pelos "encontros" com outros indivíduos durante sua trajetória, a identidade se preservará. Os saberes, no entanto, são constituídos através do encontro com o outro e da construção coletiva do conhecimento e das vivências. Pertencemos, porque sabemos quem somos e, a partir dessa tomada de consciência, nos abrimos para o universo do outro e nos sentimos identificados (ou não) com as narrativas daqueles que nos rodeiam.

Edgar Morin: o paradigma perdido

A obra *o enigma do homem* (1975), traduzida da edição francesa *Le paradigme perdu: la Nature Humaine* (1973), traz reflexões acerca do pensamento de Edgar Morin acerca da complexidade da formação humana em sua essência e cultura. Sob essa perspectiva, nossa pesquisa buscará compreender os seguintes aspectos da obra:

1) O todo e muitas partes: a complexidade de existir no mundo.
2) Hominização e individualidade
3) Coletividade como processo de existência.

O todo e muitas partes: a complexidade de existir no mundo.

"Estamos convencidos de que, descendendo da árvore genealógica tropical, em que vivia nosso antepassado, escapamos dela para sempre, com o fim de construirmos

para nós, fora da natureza, o reino independente da cultura" (MORIN, 1975, p.19). O autor reflete sobre uma ideia milenar já estabelecida em alguns grupos ancestrais: a noção de que somos seres interdependentes e fazemos parte da natureza, assim como da cultura.

Essa complexidade que nos compõe como seres interpretantes nos faz caminhar em buscar de uma compreensão do que é, de fato, ser humano.

"Se o homem vive na cultura, embora tendo em si a natureza, como poderá ele ser, ao mesmo tempo, antinatural e natural?" (MORIN, 2012, p.22).

Há séculos temos tentado delimitar os seres humanos. Como uma forma de segmentar, inconscientemente, o pensamento, alguns pesquisadores buscaram respostas na natureza, enquanto outros se dispuseram a interpretar a humanidade na cultura. Muitas teorias nos auxiliaram no entendimento de diversos campos da sociedade e da individualidade, mas Morin nos traz um sistema mais complexo de pensamentos e relaciona fatores que não eram considerados anteriormente. Se antes nós tínhamos três estruturas regentes no planeta que não se comunicavam, a partir do pensamento complexo deste autor, passamos a compreender o significado de sermos biopsicossociais.

Fizemos uma breve representação gráfica dos estratos não comunicantes a que Morin (1975, p.23) se refere, em comparação aos fatores que regem e compõem a humanidade, considerados pelo autor:

Homem-Cultura

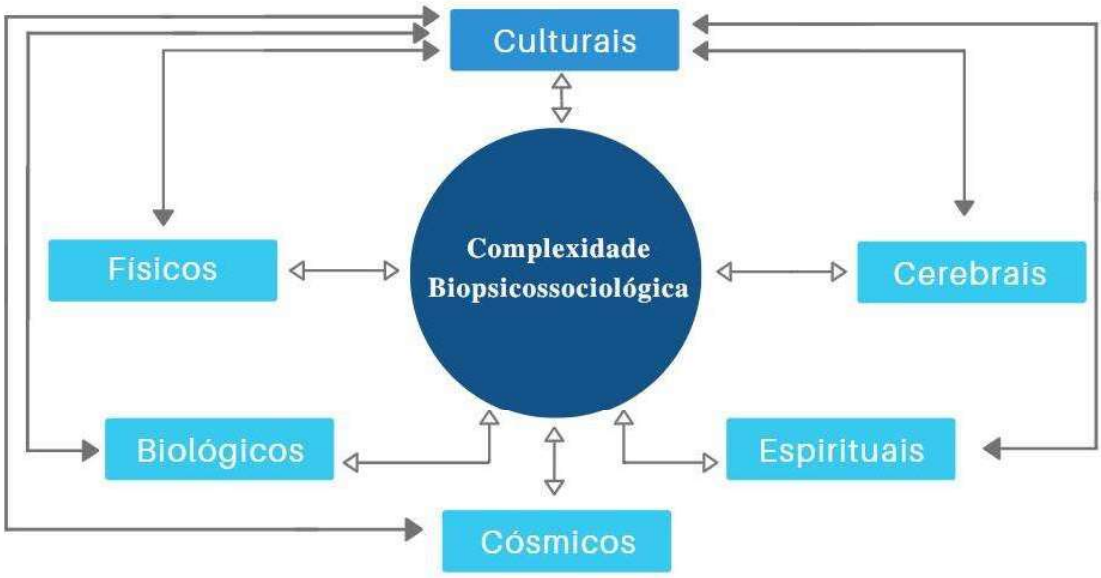
Vida-Natureza

Física-Química

*Esquema proposto por Edgar Morin (1975, p.23) e reproduzido pela autora.

Edgar Morin nos propõe uma composição mais complexa, segundo ele "somos seres, simultaneamente, cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais..."

(MORIN, 2017, p.38). Não só somos compostos por todas essas variáveis colocadas acima como somos "produto" das conexões, como mostra a imagem a seguir:

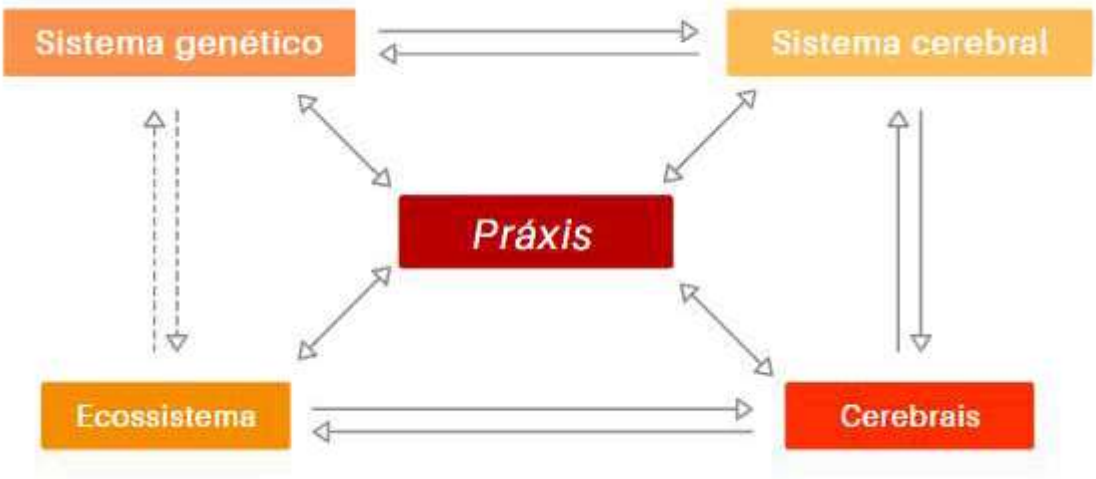


*Esquema elaborado pela autora a partir da obra *A cabeça bem-feita*, de Edgar Morin (2017).

A partir dessa concepção complexa da constituição da identidade humana, trabalharemos nesta pesquisa sob uma perspectiva cultural do ambiente analisado, porém, não deixaremos de levar em consideração os diversos outros fatores que compõem a nossa percepção como indivíduos.

Hominização e individualidade

Levando em consideração o que já foi dito anteriormente, podemos ressaltar que a hominização é uma "morfogênese complexa e multidimensional, resultante das interferências genéticas, ecológicas, cerebrais, sociais e culturais" (MORIN, 1975, p.61). Neste sentido, entendemos que as concepções das *práxis* individuais e coletivas estão além da dimensão cultural. Nesse ponto, acreditamos ser importante uma última representação gráfica estruturada pelo próprio autor, Edgar Morin, em que esquematiza as interdependências das variáveis que compõem a *práxis* da existência humana.



* Esquema estruturado por Edgar Morin (p.61, 1975) e reproduzido pela autora.

Durante a leitura e esquematização do pensamento, Morin reflete sobre essas variáveis sistêmicas da complexidade humana (genética, cerebral, cultural e ecossistema) e as posiciona como interdependentes, ou seja, não há hierarquia de uma sobre a outra no contexto da obra. Ele diz ainda que "esses traços são todos essenciais, mas são, principalmente, no que se refere a esse vir a ser, essenciais uns aos outros". (MORIN, 1975, p.62).

"Nunca devemos esquecer, com efeito, que a hominização é um conjunto de interferências que supõe acontecimento, eliminações, seleções, integrações, migrações, fracassos, sucessos, desastres, inovações, desorganizações, reorganizações" (MORIN, 1975, p.62). A humanidade é, sobretudo, consequência das nossas próprias escolhas ancestrais. Somos, atualmente, frutos da construção de modelos mentais do passado, ao mesmo tempo em que, hoje, construímos modelos mentais que estruturarão novas sociedades e proporcionarão contextos para novos frutos futuros. Por isso a ancestralidade é tão importante no estudo da complexidade humana, pois parte do que somos foi construída há séculos por aqueles que nos antecederam.

Coletividade como processo de existência.

Como tudo na vida pressupõe o coletivo, falar sobre isso é inevitável. Nascemos de um outro corpo, imergimos em uma cultura de outros, herdamos, geneticamente, características dos nossos familiares biológicos. Antes de sermos capazes de nos reconhecermos pelo espelho, nossos olhos, ouvidos e pele já reconheceram "outros". Apesar dos estudos sobre processos cognitivos na infância nos mostrarem com clareza que a percepção do universo particular da criança vem primeiro, temos que levar em consideração, também, que esse processo cognitivo só se desenvolve através de estímulos externos. Somos seres observadores. Antes de aprendermos a criar, nós imitamos. E o processo de imitar faz parte da descoberta dos sentidos. Quando um adulto faz um barulho com a boca, o bebê, além de rir, busca em si aquilo que o chamou atenção no outro. Os processos de identificação estão, por certo, interligados aos processos cognitivos. Como Morin ressalta, "a sociedade humana, que é o que existe de mais emancipado em relações à natureza, alimenta sua autonomia de multidependências" (1975, p.30).

Nesse processo de multidependências, a busca pela significação das coisas nos faz racionalizar e criar determinadas estruturas que ao invés de nos desenvolver, nos destroem. Temos, a partir do coletivo, muitas descobertas sociais e, nem sempre, positivas, Nesta pesquisa, trabalharemos com duas delas:

1) Processos hierárquicos de convivência e exclusão: levando em consideração os processos de exclusão que ocorreram desde a época da colonização do nosso país, através da história desses processos hierárquicos é possível estabelecer um histórico da desigualdade territorial na cidade de São Paulo e suas consequentes marginalizações.
2) Processos cooperativos: a partir da história da Grajaú (ambiente territorial analisado nesta pesquisa), buscaremos compreender as dinâmicas cooperativas que desenvolveram e urbanizaram o espaço na década de 70 e 80. Ainda neste tópico, tentaremos entender de que maneira essas dinâmicas influenciam hoje no Centro de Arte e Promoção Social.

Sapiens-Demens

Estabelecendo, minimamente, uma ordem cronológica das noções aqui abordadas, partimos para o último tópico desta obra: o *Sapiens-demens.* Segundo Morin, "precisamos sobrepor ao rosto sério, trabalhador, aplicado do *homo sapiens* o rosto ao mesmo tempo diverso e idêntico do *homo demens*. O homem é louco-sábio" (1975, p.118).

Compreendendo o ser humano como um indivíduo constituído por tantas variáveis aqui já colocadas, é difícil caracterizar a humanidade como algo estável, definido. A instabilidade, o erro, as contradições, a adaptabilidade e a loucura também compõem o ser humano em sua complexidade e nos tornam *homo demens.* Somos movidos por paixões e isso já desestabiliza qualquer estrutura que se possa tentar criar. Assumindo que a humanidade comporta características de instabilidade, caos e erro, assim como também outras características complexas que nos beneficiam e equilibram, "trata-se, então, de perguntar se os progressos da complexidade, da invenção, da inteligência, da sociedade se realizaram *apesar, com* ou *por causa* da desordem, do erro, do fantástico." (MORIN, 1975, p.118). Este questionamento por Morin estará presente ao longo da dissertação, mas como qualquer outra reflexão de ordem humana, ficará sem resposta.

Corpos, comunicação e (in)visibilidades

Este último tópico teórico é uma pirueta. Na tentativa de fazer saltar o pensamento, decidimos aqui experienciar a união de três autores que dialogam e se complementam: Dietmar Kamper (2016); José Eugênio Menezes (2007, 2016) e Norval Baitello Junior (2017a, 2017b, 2019). Acreditamos que, para esta pesquisa, essa interação é necessária e, dessa forma, decidimos dividí-la em 2 partes:

1) Percepções sobre o corpo
2) (In)visibilidades

Utilizamos neste texto as obras *Mudança de horizonte* (2016), de Dietmar Kamper; *Cultura do ouvir e ecologia da comunicação* (2016), de José Eugênio de O. Menezes; *A carta, o abismo e o beijo* (2017a) *O pensamento sentado* (2017b) e *Existências penduradas* (2019), de Norval Baitello Junior. Buscamos agrupar o conteúdo por meio das temáticas estabelecidas, trazendo uma certa dinâmica ao pensamento e relacionando as obras para dialogar com elas.

Percepções sobre o corpo

Utilizamos o termo *corpo* como um alinhamento dos processos filogenéticos (desenvolvimento da espécie) e ontogenéticos (desenvolvimento de cada indivíduo), a complexidade biológica e a complexidade cultural" (MENEZES, 2016, p.26). Levando em consideração essa visão complexa de corpo tratada por Menezes, entendemos que essa palavra tão pequena (c-o-r-p-o), é caracterizada e estruturada por uma série de variáveis delimitadas a partir de processos genéticos, biológicos, culturais, etc.

Estudaremos o corpo, sobretudo, para entendermos os processos afetivos que se desenvolvem no Centro de Arte e Promoção Social (CAPSartes). Essas dinâmicas vinculativas, no entanto, só ocorrem porque a comunicação existe e se propaga na tridimensionalidade. "O corpo, os gestos, seus sons, seus movimentos, seus odores e cores, sua postura e sua soltura, sua audição e sua visão, seu olfato e seu tato são portanto o início e o fim de todo processo comunicativo" (BAITELLO, 2017a, p.36).

Tendo em vista que todo processo comunicacional inicia e finaliza em um corpo, estudar as diferentes faces da corporeidade humana é essencial para a investigação de como esse corpo recebe o afeto e se vincula a outro corpo através dos sentidos de percepção.

O corpo também é regido e sustentado pelos pés. Nossos pés, quando caminham, além de nos levarem de um lugar para o outro, nos conduzem também ao pensamento que salta. "Foi com os pés que nossos ancestrais reuniram a experiência acerca do mundo" (BAITELLO, 2017b, p.34) e é, também, com os pés que descobrimos, desvendamos e experienciamos o nosso entorno. Esse detalhe do corpo humano que tem como função o movimento será de extrema importância por aqui também, porque as narrativas se formam e circulam através das experiências e as experiências se concretizam nas andanças. Esta dissertação também é sobre pés, rodas, muletas e tudo aquilo que nos permite viver e narrar.

(In)visibilidades

"O poder impulsionante do crescimento da visibilidade torna-se, etapa por etapa, cada vez mais invisível. Isso advém do seguinte mote da teoria dos sistemas: só é perfeita

a observação que não é observável" (KAMPER, 2016, p. 70). Essa citação de Kamper nos faz pensar sobre duas grandes questões: os desequilíbrios das visibilidades e as imperfeições das representações que criamos.

Sobre o desequilíbrio: vivemos em uma sociedade regida pelo consumo. Consumimos coisas que não precisamos e somos consumidos por elas. Essas coisas nos consomem, primeiramente, pela imagem, pelo desejo da compra. A sociedade caminha em um discurso tão visível, "fácil" e "acessível", que nós passamos a comprar sem pensar, entrar em grupos, fazer cursos, estabelecer uma imagem de produtividade para o outro que não nos cabe. A facilidade das telas, que nos mostram vitrines sempre abertas para comprarmos com os olhos, nos estabelece uma existência de falsa liberdade, cuja função é apenas existir por impulso e não por autonomia.

Acreditamos, sim, que as telas, sobretudo a internet, são ferramentas poderosas de transformação e acessibilidade, mas, como toda ferramenta, o uso delas é consequência das nossas reflexões (ou de sua falta). A utilização das redes depende também do usuário e a crítica às invisibilidades contemporâneas não é para as telas, mas para quem se coloca dentro delas sem refletir sobre o que de fato se está fazendo neste universo nulodimensional.

Kamper ainda cita uma premissa da teoria dos sistemas e acreditamos que este é um assunto importante para o diálogo. Todo sistema observável é imperfeito, isso já foi dito por aqui. Estudar um sistema é tomar consciência de que só seremos capazes de reconhecer uma parte muito pequena de uma dinâmica específica. Reconhecer nossas limitações e imperfeições é essencial para que consigamos, ao menos, fazer um bom trabalho com uma pequena contribuição. O problema é que, em um mundo marcado por visibilidades e representações, não existe limite. Se o propósito de existência nesse universo nulodimensional é a busca pela perfeição e a "consciência" de que tudo é possível, então ninguém é capaz de alcançar o propósito. Talvez este seja o grande problema. Nos jogos de *videogames*, os programadores trabalham para dificultar os caminhos que levam os usuários a ganharem o jogo. No mundo nulodimensional, os programadores fazem o mesmo, a diferença é que os obstáculos extrapolam o universo digital (que é limitado) e passam a repercutir padrões sociais e de consumo na escala tridimensional. A grande questão da visibilidade é que neste jogo é impossível ganhar. "Se não sabemos quem somos, aceitamos qualquer retrato do outro, desprendido de nossa

própria percepção. Vimos, vivemos, partilhamos espaços e tempos com outros e acatamos qualquer caricatura que nos apresentem como verdadeira" (BAITELLO, 2019, p.98). Neste tópico, é importante também ressaltar essa reflexão feita por Norval Baitello, para entendermos os processos estruturais que se rompem com a perpetuação de um modelo mental marcado por (in)visibilidades. Vamos pensar...

Cyrulnik (2012, p.90) já nos disse anteriormente que "é preciso ser si mesmo para encontrar o outro". Se não sabemos quem somos, além de aceitarmos qualquer representação que nos cabe, aceitamos também pertencer a lugares que não nos representam. As invisibilidades não apenas interferem na concepção de si, mas também na nossa concepção do mundo. Se não somos nós mesmos, como olharemos com nossas lentes para interpretar a realidade?

Neste ponto, justificamos a relevância deste tópico para a pesquisa: todos os trabalhos realizados no CAPSartes são feitos para o reconhecimento das potencialidades artísticas e culturais dos frequentadores. Os ambientes comunicacionais do local promovem reflexões críticas sobre as invisibilidades e trabalham com a ideia de combatêlas. Durante esta dissertação refletiremos sobre algumas práticas de resistência do Centro de Arte e Promoção Social a respeito da abstração do mundo.

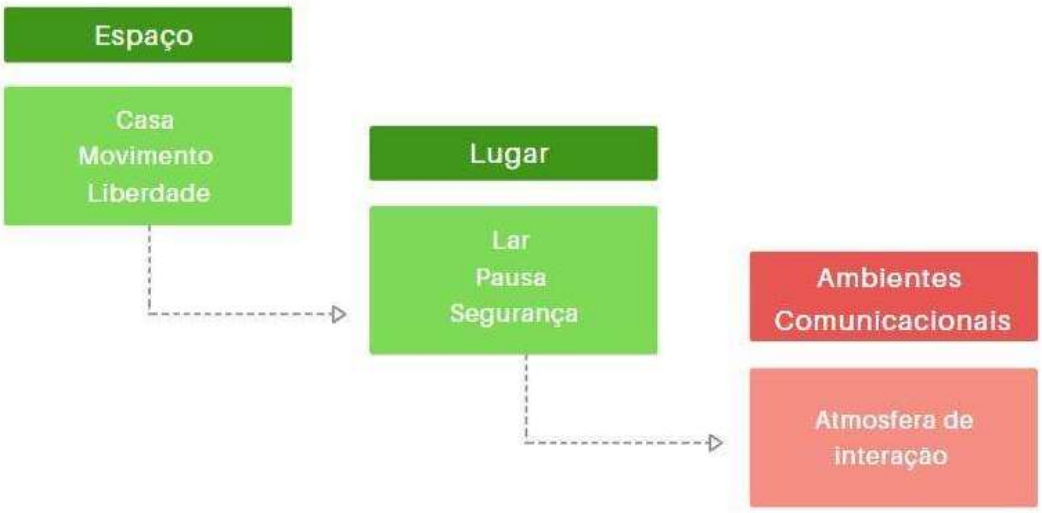
Entre espaços, lugares e ambientes comunicacionais

Diante de um fenômeno de pesquisa que demanda algumas noções geográficas acerca do contexto de criação e do desenvolvimento do local analisado (CAPSartes), compreendemos a necessidade de delimitar nossas percepções a fim de estabelecer um quadro teórico coeso para chegar a uma hipótese para a noção de *ambientes comunicacionais*.

O primeiro tópico geográfico abordado nesta dissertação é a o conceito de espaço, utilizado por Milton Santos que sugere que, além de delimitação territorial, o espaço também se faz a partir de natureza e da formação social (SANTOS, 1988). Este autor será citado no *capítulo 2 – histórias e culturas*, para nos auxiliar na compreensão da própria formação territorial e cultural brasileira, sobretudo, das estruturas das periferias. Com ênfase na geografia crítica, Milton Santos aborda questões sociais do espaço que serão importantes para a compreensão dessa formação da história do Grajaú.

Em seguida, trabalharemos com a noção de lugar, estudada pelo geógrafo humanista Yi-Fu Tuan. O autor trabalha esses conceitos geográficos já estabelecidos a partir de uma perspectiva da experiência e dos sentidos, nos auxiliando na compreensão de que "o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" (TUAN, 1983, p.6).

Dessa forma, o autor explica a diferença entre espaço e lugar a partir de uma série de comparações que sistematizamos abaixo:



*Representação gráfica idealizada pela autora.

Considerando que o lugar é a (re)significação do espaço como objeto de afeto, entendemos que a noção de lugar está diretamente ligada à noção de lar, de morada de significados. Pensando dessa forma, é através desta visão humanista do conceito que tentaremos traçar nossa percepção sobre a formação de ambientes comunicacionais.

Norval Baitello Junior (2018, p.77), sugere que "um ambiente comunicacional portanto não é apenas o pano de fundo para um troca de informações, mas uma atmosfera gerada pela disponibilidade dos seres (pessoas ou coisas), por sua intencionalidade de estabelecer vínculos" e essa intencionalidade só existe pela pausa. O tempo de pausa é fundamental para o diálogo e, por consequência, para a formação dos ambientes comunicacionais.

"Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva"

(TUAN, 1983, p.20). A partir dessa noção de lugar como "núcleo de valor", atribuída por Yi-Fu Tuan (1983), estudaremos, no *capítulo 3* desta dissertação, esse conceito como fundamentação dos ambientes comunicacionais cultivados no Centro de Arte e Promoção Social.

Paulo Freire: Comunicação dialógica e educação libertadora

> *Dialogar é descobrir na trama de nosso próprio ser a presença dos laços sociais que nos sustentam.* Jesús Martín-Barbero – A comunicação na educação

O pensamento freireano sempre esteve no coração desta pesquisa, mas a decisão de colocá-lo neste capítulo, como um dos teóricos que embasaram o trabalho, veio de uma demanda da própria fundadora do CAPSartes. Maria Vilani esperançou o Centro de Arte e Promoção Social por muitos anos e, quando descobriu os escritos e as ações de Paulo Freire, despertou-se para um sentimento de identificação.

Em uma conversa realizada em julho de 2021, Maria me contou que descobrir Paulo Freire foi um grande alívio, pois mostrou que ela não estava sozinha nesse sonho de democratizar a educação e a cultura. A fundadora do CAPSartes nos contou também que havia escrito uma carta de agradecimento à Paulo Freire em 2018 e que, como ele já havia morrido, enviou o documento para a esposa do Patrono da educação brasileira:

> Minha compreensão se estendeu da consciência ingênua à consciência crítica. Aos poucos fui modificando a minha prática. Até hoje faço parte do CapsArtes, uma organização que está completando 28 anos de certidão de nascimento registrada, mas se contarmos com a sua gestação ela tem pra lá de 30 anos. E durante todo esse tempo eu e um grupo de pessoas que também desenvolveram o senso crítico trabalhamos incessantemente para retirar da clausura o conhecimento e trazê-lo para somar com o conhecimento oriundo da sabedoria do povo. (Maria Vilani – Carta para Paulo Freire, 2018).

O fragmento acima já nos esclarece a relação da obra freireana com a composição das ideias do Centro de Arte e Promoção Social, mas é possível acessar a carta completa

no Anexo 1 desta dissertação[17]. Depois de escutar Maria Vilani, percebemos que um dos autores brasileiros mais citados do mundo também seria reverenciado por aqui.

Dentro da extensa obra produzida por Paulo Freire, destacaremos neste trabalho o conceito de comunicação dialógica e os processos de ensino-aprendizagem que o pesquisador utilizava nos círculos de cultura. O tópico da construção coletiva do conhecimento perpassa toda a temática das obras do autor e será abordado aqui como um dos pilares da teoria freireana e da prática do CAPSartes.

"É preciso *compreender*, não apenas ter a informação, ou entender, mas sim compreender a realidade do outro e intervir, exercitando em toda a sua amplitude a preposição de que a superação só pode ser construída conjuntamente" (PAIVA, 2021, p.7). O pensamento freireano carregava dentro de si a perspectiva da educação como emancipação e é nesse ponto que Freire se aproxima tanto da noção de comunicação, porque o autor não se baseia em um processo instrucional da cópia, mas em uma inicial compreensão da realidade dos educandos e adaptação de seu método para que o sujeito se alfabetize, ao mesmo tempo, nos aspectos práticos das letras e nas questões abstratas dos símbolos que permeiam e constituem a realidade, formando indivíduos que pensam criticamente e que dialogam entre si por entenderem, na prática, o processo comunicacional da educação libertadora.

Freire (1977, p.66) acredita que "todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos. O mundo humano é, desta forma, um mundo de comunicação". O autor associa a comunicação à uma reciprocidade que não pode ser rompida, pois, a partir do momento em que há essa interrupção do pensamento dialógico, o processo deixa de ser comunicação e passa a ser um simples comunicado.

Cicilia Peruzzo (2017), demonstra, no artigo *Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária* algumas pistas da obra do autor que se relacionam ao processo da *práxis* da comunicação em movimentos comunitários. São elas:

[17] Maria Vilani nos enviou e autorizou a publicação da carta nesta dissertação.

1) Democratização da cultura; 2) Consciência crítica; 3) Educação das massas; 4) Deixar de ser sombra.

Paulo Freire percebe a cultura como criação humana em sua complexidade, como ele próprio reflete no livro Educação como prática de liberdade:

> Descobriria que tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor, de um grande místico, ou de um pensador. Que cultura é a poesia dos poetas letrados de seu país, como também a poesia de seu cancioneiro popular. Que cultura é toda a criação humana. (FREIRE, 2021, p.143).

A partir da noção de cultura como "aquisição sistemática da experiência humana" (FREIRE, 2021, p.143), o autor embasa sua pedagogia libertadora às tentativas de disseminar as diferentes potencialidades da cultura e democratizá-la, para tornar o conceito acessível na prática. A partir desta primeira pista elencada por Cicilia Peruzzo, as demais surgem como consequência de um processo de reestruturação dos modelos mentais do educando.

Partindo do princípio de que tudo aquilo que se produz é cultura, assumimos também que toda criação e recriação tem o seu valor. Percebendo o valor do pensamento, o senso crítico passa a se despertar como agente de mudança. A partir da compreensão de que somos seres culturais e complexos, passamos então à noção da importância da educação que nos desperta, primeiro para a percepção do valor de sujeito e, depois, para o encontro com o outro, através do diálogo, que, segundo Freire (2021, p.141), acontece pela crença. "Crença no homem e nas suas possibilidades, pela crença de que somente chego a ser eu mesmo quando os demais também cheguem a ser eles mesmos".

O processo libertador da educação expressa no sujeito a possibilidade de pertencer e participar, sem oprimir ou ser oprimido. E para que essa teoria pudesse ser aplicada na prática, Paulo Freire (2021, p.147-151) experimentou os círculos de cultura, onde aplicava o método desenvolvido, que consistia em cinco fases:

1) Levantamento das palavras mais utilizadas pelo grupo de educandos; 2) Escolha das palavras geradoras feita sob os critérios:

a) Riqueza fonêmica;
b) Dificuldades fonéticas;

c) Teor pragmático das palavras;

3) Criação de contexto para a utilização dessas palavras;
4) Elaboração de fichas-roteiro;
5) Criação de fichas com decomposição fonêmica.

A partir de uma palavra geradora, Freire iniciava um diálogo em círculo, onde os educandos passavam a refletir sobre questões que se relacionavam ao termo. Como exemplo, o autor expõe a palavra favela e, a partir disso, cria um contexto de análise da situação existencial da palavra geradora e, depois, apresenta as famílias fonêmicas correspondentes para que os alunos comecem a perceber outras possibilidades de formação dos termo.

Os círculos de cultura funcionavam, ao mesmo tempo, como um processo de reflexão crítica, a partir das palavras selecionadas, e de alfabetização prática, a partir da formação de novas palavras com as famílias fonêmicas expressas nas fichas. Esse método se aproxima ao trabalho das Rodas de construção do conhecimento do CAPSartes à medida que, em ambos os casos, se compreende que a educação é um processo complexo de compartilhar o saber que expressa, no centro de sua composição, o diálogo.

Pensando sobre vínculos

Em uma palestra proferida no *Grupo Comunicação e Cultura do Ouvir*, Malena Contrera (2017b) propõe uma perspectiva muito importante para este trabalho. Segundo ela, "a vida toda é rede. Tudo é vínculo. E o vínculo é algo que se estabelece entre duas ou mais entidades porque, de fato, só existem porque desde o começo já se constituíram como interligadas".

Imersa em uma sociedade que se preocupa em estabelecer respostas definitivas e concisas para quase todas as coisas, nós assumimos aqui a impossibilidade de conceituar a noção de vínculo. Neste trabalho, trabalharemos com percepções que nos afetaram de acordo com as pesquisas realizadas.

Percebendo o vínculo como "uma das dimensões do funcionamento da vida" (CONTRERA, 2017b), Malena (2017b) ainda sugere que "onde não há vínculo, não há vida". Buscando retratar, de forma didática, as nossas percepções sobre vínculos para este trabalho, criamos uma nuvem de palavras que ilustra outros termos que utilizamos para

costurar nossas noções teórico-afetivas e estudar o contexto do nosso fenômeno de pesquisa analisado.



*Nuvem de palavras idealizada pela autora.[18]

Muitos dos termos situados na representação gráfica acima já foram apresentados anteriormente neste texto e a ideia é que, ao longo desta dissertação, possamos visitar e refletir sobre todas essas palavras em nuvem, buscando estabelecer associações entre elas. Este capítulo foi uma breve apresentação de autores que contribuíram com a construção do trabalho. Além do quadro de autores aqui descrito, teremos alguns pensadores que aparecerão de forma mais concisa neste estudo. Agora que todos foram devidamente apresentados, seguiremos para o diálogo...

Capítulo 2 - CAPSartes: História e culturas

[18] Nesta nuvem de palavras, o termo central é "Vínculo" e, a partir dele, outras palavras se associam à imagem. As palavras que possuem um tamanho de fonte maior serão abordadas de maneira mais detalhada neste estudo, como é o caso de comunicação, rede, ecologia da comunicação, escuta, sentidos, afeto e pertencimento.

Movimentos sociais, ONGs e a busca pela cidadania.

De acordo com Maria da Glória Gohn (2000, p.12), "movimento social refere-se à ação dos homens na história. Esta ação envolve um fazer – por meio de um conjunto de práticas sociais – e um pensar – por meio de um conjunto de ideias que motiva ou dá fundamento à ação." Essa noção de uma trajetória ativa de homens e mulheres no percurso histórico da humanidade em busca de melhorias sociais é de extrema importância para o entendimento do nosso fenômeno de pesquisa.

Vale lembrar que nosso país possui uma longa história de colonização marcada por escravização, crimes e violências contra a dignidade humana de determinados grupos. Este fato é importante aqui, porque o surgimento das periferias é fruto de uma estrutura social e política que marginalizou grupos étnicos desde a época da colonização.

Temos no Brasil-colônia uma forte marca de resistência e luta com a criação dos quilombos e de diversas outras formas que os escravizados encontraram de se unirem contra o sistema já institucionalizado da época.

> Algumas formas organizacionais – como as maltas de capoeira e os terreiros de candomblé – foram perseguidas; outras, como as irmandades religiosas sob a égide da Igreja católica e as agremiações de ajuda mútua, eram toleradas pela sociedade em geral. Todas tinham como objetivo satisfazer necessidades sociais, econômicas, culturais, religiosas e humanas de um segmento populacional que vivia em condições adversas. (DOMINGUES, 2018, p. 113).

O fato é que, ao que parece, desde o momento em que a violência foi institucionalizada por aqui, os grupos oprimidos começaram a se movimentar pela busca de um futuro mais coletivo e solidário. Desta forma, consideramos nesse trabalho uma noção de movimentos sociais atrelada aos processos de resistências de estruturas opressoras. Neste ponto, os estudos da ecologia da comunicação, propostos por Vicente Romano, nos auxiliam no entendimento da complexidade desses processos que se formaram *com* e *a partir da* comunicação.

A comunicação entra nesses espaços de indignação à medida que o afeto surge. Esses processos de identificação do *Outro* como semelhante, criam a noção de

pertencimento e estimulam um processo comunicacional que vincula histórias, memórias e subjetividades, formando um corpo coletivo que se comunica através de um símbolo: o movimento social. Esse corpo coletivo traz consigo a força da somatória desses indivíduos que, vinculados, passam a potencializar uma determinada narrativa e/ou demanda coletiva.

Nas Periferias, esse processo se intensifica à medida que toma essa força coletiva. Segundo Milton Santos:

> Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura de vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade. (SANTOS, 2000, p.70).

O autor ainda diz que "é na esfera comunicacional que eles (cidadãos que vivem em zonas marginalizadas), diferentemente das classes ditas superiores, são fortemente ativos" (Santos, 2017, p.326). Esse ponto tem relevância para esta pesquisa, pois um de nossos principais objetivos é demonstrar e compreender essas particularidades comunicacionais dos coletivos que se formam nas periferias.

Essas expressões afetivas geradas em zonas opacas da cidade, consideradas por Milton Santos (2017, p.325) como "espaços do aproximativo e da criatividade", trazem consigo raízes profundas de opressão e marginalização. Isso muda a forma como esses coletivos se comunicam, porque a memória interfere na construção desses espaços artísticos, culturais e educacionais.

> A cultura popular tem raízes na terra onde se vive, simboliza o homem e seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter continuidade, por meio da mudança. Seu quadro e seu limite são as relações profundas que se estabelecem entre o homem e o seu meio, mas seu alcance é o mundo. (SANTOS, 2017, p.327).

Essas relações profundas estabelecidas entre o indivíduo e o meio em que habita serão chamadas nesta dissertação de vínculos. Vincular, segundo Norval Baitello Júnior (1997, p.87) significa "ter ou criar um elo simbólico ou material', constituir um espaço (ou um território) comum, a base primeira para a comunicação".

Até aqui, compreendemos que esses processos vinculativos que serão estudados a seguir são consequências de uma complexidade de fatores históricos que constituíram uma estrutura que marginalizou pessoas, que criaram culturas a partir também de suas ausências e que se conectaram como corpo coletivo, gerando artes e saberes através da comunicação dialógica e solidária.

Paulo Freire (2021, p.82) nos diz que "é essa dialogação do homem sobre o mundo e com o mundo mesmo, sobre os desafios e problemas, que o faz histórico". Sendo assim, o próximo tópico do capítulo irá traçar uma breve perspectiva histórica do ambiente de estudo através das narrativas de mulheres que nele habitam.

A história começa aqui

Foi com os pés que nossos ancestrais reuniram a experiência acerca do mundo. (BAITELLO, 2017b, p.34). Este tópico visa resgatar um pouco da história do bairro de origem do Centro de Arte e Promoção Social através das memórias de duas mulheres que foram presentes na formação dos movimentos sociais do local. A palavra Grajaú é de origem tupi e significa "Rio dos Carajás". Karajá é um povo indígena que, há séculos, habita as margens do Rio Araguaia. Esta tribo, no entanto, não se denomina desta forma (karajá). Eles se autodenominam Iny, ou seja, "nós".

Não encontramos documentações que associem essa relação entre os karajás e o bairro do Grajaú, no extremo sul de São Paulo, mas achamos curioso que todos esses processos etimológicos e culturais da palavra *carajás* nos levaram ao termo "nós". Há poucos dados estatísticos que nos ajudam a fazer um levantamento histórico, urbano ou social do local. O fato é que, atualmente, este distrito é o mais populoso de São Paulo. Segundo uma documentação produzida e disseminada pelo SEADE[19] em janeiro de 2019, a população do Grajaú é identificada com 387.148 habitantes. Este local, no entanto, foi considerado área rural até o início da década de 80, segundo Adélia Prates, uma de nossas entrevistadas.

Esse tópico é sobre uma área de mananciais que virou morada, sobre a Estrada do Bororé que virou Avenida Dona Belmira Marin, é sobre a terra que, com muita luta, virou asfalto. Este tópico é sobre o ônibus que não passava, sobre as creches que não abriam,

[19] SEADE: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados.

sobre os tropeços e as enchentes que transformavam tudo em lama. Mas este capítulo é também sobre lutas sociais que começaram no porão da igreja, sobre os direitos das mulheres e a luta feminista na periferia, isso é sobre arte e poesia. Este tópico é, sobretudo, um respiro histórico em constante construção. Sabendo da ausência de documentos históricos registrados referentes ao distrito do Grajaú, tomamos a decisão de erguer essa narrativa através das histórias contadas por duas mulheres que habitaram a região ainda nas décadas de 70 e 80.

Eu cresci vivenciando o Grajaú do início dos anos 2000 e ouvindo histórias do bairro que acolheu a minha família no final de década de 60. A ausência de recursos e a violência eram pautas frequentes nas narrativas, mas a gratidão também. Minha avó costumava comentar o quanto era dura a vida na roça e o quanto vir para São Paulo deu aos filhos dela a oportunidade de estudarem e se desenvolverem.

O Grajaú foi (e ainda é) casa de milhares de pessoas que migraram de outros estados e, como toda periferia, se constituiu a partir da escassez de recursos e da luta dos moradores por melhores condições de moradia. Segundo Milton Santos, "o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual." (SANTOS, 1988, p.2). O Grajaú é um espaço formado por moradores do Brasil inteiro. A periferia mais populosa de São Paulo tem dentro de si Minas Gerais, Ceará, Bahia, Pernambuco e todos os outros estados, é isso que a torna culturalmente tão diversa. Essa área rural da década de 70, que virou bairro na década de 80 e transformou-se em um grande distrito paulistano nos anos 2000, é marcada pelos detalhes que a constituíram, mas deve ser lembrada também pelas pessoas que possibilitaram essa transformação espacial. Essas pessoas transformaram o espaço em lugar, a casa em lar. A história do Grajaú é sobre isso: pessoas, afetos e experiências.

Histórias sobre o asfalto e a terra

O Grajaú foi construído em uma área de mananciais. Tudo era terra e, quando chovia, virava barro. As dificuldades de locomoção no bairro foram pautas das duas entrevistas realizadas. Maria Vilani, fundadora do CAPSartes, falou sobre como a chuva transformava o ambiente e, às vezes, impossibilitava os trajetos realizados a pé. Ela

comentou sobre uma situação que acontecia com certa frequência em períodos de chuvas fortes, “a gente levava as crianças pra escola e, às vezes, faltava às aulas porque a gente caía no meio do caminho (risos)”.

Levou anos para que a Estrada do Bororé, que atravessava grande parte do bairro, se tornasse Avenida Dona Belmira Marin e fosse asfaltada. O asfalto, no entanto, não resolveu os problemas dos moradores, isto porque a região se tornou rota de caminhões que atravessavam o bairro para pegar a balsa do bororé, rumo a cidade de Santos. Sem lombadas, sinalizações ou semáforos, a população começou a enfrentar um outro grande problema: os atropelamentos.

No final da década de 80, muitas crianças morreram atropeladas e os acidentes chocaram muito os moradores da região. Durante esse período, Maria Vilani promoveu um evento, com o apoio da administração regional, chamado *lambada em prol da lombada.* Ela chamou artistas locais e disse que “enquanto o pessoal dançava lambada e as pessoas paravam, eu ia conseguindo assinaturas para colocar uma lombada (risos). Aí nós conseguimos, mas depois tiraram a lombada de novo.”

Essa busca pela segurança foi pauta para a primeira luta da Associação de Mulheres do Grajaú, liderada por Adélia Prates. A fundadora do movimento conta que, na época, houve um acidente com uma criança que estava atravessando a rua com a mãe e o caminhão passou por cima. A mãe ficou segurando o braço da criança que foi dilacerado do corpo. “Foi uma revolta total. Nós (mulheres) fomos tudo pra rua de noite e quebramos o asfalto”. Segundo a ativista, a situação tomou grandes proporções no dia seguinte:

> Ainda era época da ditadura. A prefeitura veio junto com um monte de carro de polícia e da rota. Aí pegou meu braço, apertou meu braço e falou que ia me levar presa. Perguntaram quem era a líder e todo mundo respondeu: Não tem líder, todas nós somos líderes. Todo mundo segurava nas mãos, eu fiquei no meio e todo mundo pressionando. Aí a gente disse: então prende todos nós. Só tinha a 48[20], então fomos todo mundo pra 48. Aí nas rotas a gente via aquelas armas enormes...A gente tinha medo? Tinha, mas a gente não se deixava levar pelo medo. (Adélia Prates, entrevista realizada em fevereiro de 2021).

[20] A 48 é um departamento de polícia localizado no bairro da Cidade Dutra. Entre o departamento e o local aproximado onde ocorreu a manifestação, há uma distância de, em média, cinco quilômetros.

Depois de uma longa conversa com as autoridades, o movimento de mulheres se fortaleceu e passou a estudar possibilidades de garantir os direitos para as cidadãs e cidadãos que habitavam as proximidades. Este foi só o começo de uma luta que resiste até hoje no bairro.

A luta pela democracia e pelos direitos civis

> As ideias de igualdade e liberdade como direitos civis dos cidadãos vão muito além de sua regulamentação jurídica formal. Significam que os cidadãos são sujeitos de direitos e que, onde tais direitos não existam nem estejam garantidos, tem-se o direito de lutar por eles e exigi-los. É esse o cerne da democracia. (CHAUI, 2000, p.431).

No final da década de 70, a luta política dos movimentos do Grajaú era justamente pela democracia. Em uma época marcada pela ditadura militar, as discussões políticas que ocorriam nas periferias atraiam a atenção violenta dos policiais na época. Segundo Adélia Prates, "eles andavam com uma kombi velha toda quebrada... Hoje quem anda com kombi quebrada por aqui falam que é bandido, mas naquele tempo, eles andavam para disfarçar e pegar a gente se reunindo pra discutir".

O grupo que dialogava sobre política no Grajaú na década de 70 e 80 era formado por moradores do bairro e outros sindicalistas que se encontravam aos domingos. Esses encontros começaram na igreja e, após reclamações, migraram para um espaço alugado. "A gente alugou um lugar pra poder falar, mas não tinha nem banheiro, aí o pessoal tinha que vir aqui pra casa. Uma levava um copo de açúcar, a outra levava um pouco de farinha, a outra ovos e a gente fazia o bolo aqui na minha casa e levava pra lá" (Adélia Prates).

> Uma das pontas mais ativas dessa movimentação brotou na periferia de São Paulo através de associações quase invisíveis ao governo mas típicas de uma população desassistida pelos poderes públicos: clubes de mães, grupos de moradores, comitês de saúde. As reuniões aconteciam geralmente no salão paroquial das igrejas de bairro, e contavam com a estrutura e a proteção das Comunidades Eclesiais de Base. (SCHWARCZ, 2015, p.473).

Essa parte ativa do movimento da qual Lilia Schwarcz se refere, embora pouco assistida pelo governo, sofria um outro tipo de violência consequente da invisibilidade desses espaços. Se no período ditatorial esses processos de opressão já eram grandes em locais melhor assistidos, dentro das periferias, essa violência acontecia de forma ainda mais silenciada. Temos aqui lutas com duplos caminhos de opressão: ao mesmo tempo em que essas pessoas ocupavam espaços com altos índices de violência da própria comunidade, o poder policial também agia de maneira agressiva, buscando calar esses grupos, silenciando suas manifestações cidadãs.

É fato que a mídia teve um papel de destaque nessas lutas pela democracia nos centros e atuou, por vezes, como entidade protetora de determinados movimentos, mas se a mídia não chegava (e ainda não chega) da forma como deveria nas periferias, quem protegia esses grupos que decidiam dialogar e reivindicar direitos?

Segundo Manuel Castells, "a proximidade é um mecanismo psicológico fundamental para superar o medo. E superar o medo é o limiar fundamental que os indivíduos devem ultrapassar para se envolverem num movimento social" (CASTELLS, 2013, p.19). O Grajaú foi se constituindo de superação. Se hoje a periferia mais populosa de São Paulo ainda é desamparada pelo poder público, antes a situação era ainda mais complexa. A luta pelos direitos trouxe asfalto, trouxe transportes, construiu escolas e garantiu possibilidades que antes eram apenas sonhadas.

Movimento de Mulheres do Grajaú

"Uma das premissas básicas a respeito dos movimentos sociais é: são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes. Entretanto, não se trata de um processo isolado, mas de caráter político-social" (GOHN, p. 333, 2011). O Movimento de Mulheres trouxe à população grajauense a possibilidade de questionar sobre estruturas que já haviam se enraizado na cultura da época. Adélia Prates nos disse que, com o entendimento feminista, as mulheres do bairro começaram a questionar os motivos das opressões vividas por elas.

Entre diálogos sobre saúde da mulher, liberdade de escolha e questões que envolviam desde qualidade vida até pautas como violência doméstica, o movimento de mulheres começou a mudar a cultura do Grajaú e tomou uma dimensão internacional.

Segundo relato de Maria Vilani, uma das representantes da Associação de Mulheres foi até chamada para narrar essa trajetória em Cuba. Este movimento social fundado por Adélia Prates começou como um pequeno grupo no final da década de 70 e transformouse em Associação na década de 80. Um dos principais objetivos dessa luta, desde o início era informar as mulheres da região que elas tinham o poder de escolha:

> A gente começou a discutir um provável movimento de mulheres no Grajaú, no final dos anos 70 e começamos a discutir os problemas das mulheres, saúde das mulheres, porque a gente não tinha nenhum posto de saúde aqui. As mulheres, naquela época, tinham tantos filhos... A gente foi fazer uma pesquisa e nenhuma mulher queria aquele monte de filho. Elas ficavam grávidas e, às vezes, nem sabiam. Estavam amamentando uma criança e o outro já ia nascer... Assim que era a vida. (Adélia Prates, entrevista realizada em fevereiro de 2021)

Segundo a fundadora do movimento, os encontros aconteciam semanalmente, aos domingos, e enquanto algumas mães discutiam sobre os direitos, outras ficavam responsáveis pelos filhos e filhas das frequentadoras do grupo. Além de dialogarem sobre pautas do feminismo, as reuniões eram uma rede de apoio e acolhimento às mulheres que buscavam informações ou ajuda.

Em contrapartida, manter o grupo envolvia uma série de fatores, levando em consideração que o movimento se esforçava para trazer informações e romper estruturas de opressão no bairro. De acordo com Adélia, "discutir esses problemas na periferia do Grajaú não era fácil. Aqui só era mato. A gente passou a ser muito malvista. Éramos vistas como as coitadinhas das mulheres que eram desviadas pelas estudantes que vinham de fora".

"A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura" (ADICHIE, 2015, p.48). Apesar das barreiras, a Associação de Mulheres segue firme no Grajaú com o mesmo propósito da década de 70: mostrar possibilidades, disseminar informações e criar uma rede de apoio para as mulheres da região que ainda sofrem com a precariedade de recursos e com diferentes tipos de violência.

Recanto da Alegria

Outro ponto importante no desenvolvimento do Bairro do Grajaú, foi a urbanização realizada no Recanto da Alegria. Segundo relatos de Adélia Prates, "foi a única favela erguida pelas mãos das mulheres por aqui. Tinha dois arquitetos que vinham pra cá para orientar as mulheres e elas construíram as próprias casas".

Não encontramos dados públicos que detalhem esse processo de urbanização feito pelas mulheres do Grajaú, entretanto, em uma dissertação de mestrado realizada por Caio Santo Amore de Carvalho, localizamos que este processo foi financiado pelo FUNASP[21] e "operado pela FABES[22], da prefeitura do município" (CARVALHO, 2004, p.27). De acordo com as informações do autor do trabalho:

> "As limitações de pessoal técnico no órgão público, bem como de recursos para o financiamento habitacional tornaram necessária a participação dos técnicos do laboratório no desenvolvimento dos projetos e no acompanhamento das obras, além da participação dos moradores na construção das habitações. (CARVALHO, 2004, p.27)

Esta é outra importante conquista para o território, pois, segundo Adélia, "lá foi a primeira urbanização que a gente conseguiu. Foi chamada de comunidade, porque o pessoal construiu a casa deles de alvenaria". Em uma região tão marcada pela luta de mulheres nas décadas de 70 e 80, ter uma urbanização erguida por pedreiras é muito significativo.

Encontro na porta da escola

Nas portas da escola, Maria Vilani se encontrou pela primeira vez com Adélia Prates que liderava a luta de mulheres no Bairro. "Quando duas pessoas se encontram, ocorre uma intensa troca de informação, e portanto um intenso processo de comunicação por meio de inúmeros vínculos, inúmeros canais, inúmeras relações, conexões, linguagens" (BAITELLO, 2014, p.45). Este encontro foi o início de um amontoado de histórias de luta. Adélia Prates, fundadora da Associação de Mulheres e Maria Vilani,

[21] FUNASP (Fundo de Apoio à população moradora de Habitação Subnormal)
[22] FABES (Fundação de Assistência e Bem-Estar Social)

futura fundadora do CAPSartes se (re)conheceram naquele espaço e se vincularam em prol da busca pelos direitos das mulheres e da educação.

Dali surgiram ideias e ações que mudaram a história cultural do bairro.

Procuram-se poetas.

Maria Vilani chegou no bairro em 1983. Apesar de fazer parte do movimento das mulheres, seu coração batia pela luta do direto à educação e à cultura no bairro. Mãe de cinco filhos, Maria tinha dentro de si o dom da poesia. Ela atuou como voluntária em uma escola da região e, em um evento escolar, foi descoberta por um professor dos filhos que acabou a inscrevendo em um concurso de poesia. O resultado de vencedora, deu a ela confiança para mostrar ao professor um pouco mais de sua obra poética e, a partir daí, Maria passou a inundar o Grajaú de arte escrita.

Em 1989, Maria ingressou no Ensino Médio com 39 anos. Em 1990, o Centro de Arte e Promoção Social foi criado. No portão de sua casa, Maria Vilani colocou uma placa na porta: "Procuram-se poetas" e, desde então, passou a encontrar, despertar e promover arte e cultura no território.

No Grajaú, o telefone chegou às residências somente no final da década de 90. Antes disso, os habitantes do território se revezavam para ligar e atender os poucos telefones públicos (orelhões) implantados no bairro. "O povo não gostava muito de mim, porque quando eu comecei o movimento do CAPSartes, era ficha telefônica, então eu comprava muitas fichas e ficava atendendo os poetas. O povo ficava com muita raiva, porque eu ocupava muito o telefone (risos)", relembra Maria Vilani. "Aí depois eu fiz uma estratégia, eu falei assim: eu atendo dois poetas e depois eu saio e vou pro final da fila, pra poder organizar os movimentos" (Maria Vilani).

Teoricamente, o CAPSartes foi fundado em 19 de agosto de 1990, mas, na verdade, ele nasceu junto com Maria e só se ampliou com a soma das experiências adquiridas. Esse ambiente comunicacional que analisaremos a seguir é a soma de uma longa história que ainda será contada por aqui. O Centro de Arte e Promoção Social, assim como grande parte dos movimentos periféricos nasceu a partir de dois pilares: a esperança e a necessidade.

Esperança essa que é fruto das manifestações artísticas que brotam nas periferias e ecoam pelo mundo. Necessidade de criar um espaço seguro para as crianças se divertirem e as mães dialogarem sobre arte, educação, cultura e filosofia. O CAPSartes é, sobretudo, um espaço de aconchego para corações inquietos.

Família capsiana

> O Grajaú era um bairro de muitas carências e entre as carências era uma necessidade que falava muito alto, porque as mães precisavam trabalhar e não tinham a quem confiar seus filhos. Na época eu tinha uma casa nos fundos e comecei a pensar na possibilidade de aceitar essas crianças para brincar com as minhas e essas mães trabalharem fora. Mas a casa estava em um estado muito precário, então eu convidei um pedreiro para fazer um orçamento, mas ficou muito caro. Nós dividimos o orçamento: eu fiz a primeira parte da casa, que foi tirar o reboco e o pedreiro entrou com a segunda parte, aí a casa ficou bonita e a gente iniciou uma recreação infantil. (Maria Vilani - TEDxLaçador – 2017)

Além de Maria Vilani, este local recreativo contava com a intensa participação de uma mulher chamada Gilvanda, que auxiliava com os cuidados das crianças da creche apelidada de *soldadinho de chumbo*[23]. Nesse mesmo espaço, as duas mulheres criaram também uma biblioteca comunitária com livros doados. Em uma entrevista concedida ao *podcast do CAPSArtes* (2020), Gilvanda narra que "o Caps era um ponto de encontro onde as pessoas se encontravam aos fins de semana para produzir cultura e até mesmo conversar sobre suas vidas pessoais".

Maria Vilani conta que "com essa vivência com as crianças, nós conhecemos as mães e entre as mães, descobrimos muitas artesãs. E aí eu convidei as artesãs para uma reunião e nessa reunião nasceu o desejo de criarmos uma oficina comunitária de artesanato"

Das mãos dessas artesãs, brotou arte. E da arte que brotou, floresceram possibilidades de venda desses produtos através de uma feira de artesanato. Organizando

[23] Segundo Vanda e Maria, o nome foi dado por conta de um aluno que cantava muito a música e acabou contagiando os colegas.

esse evento que traria uma renda à essas mães, o grupo de mulheres pensou então em colocar um palco e chamar outros artistas, poetas, cantores que trouxessem outras formas de expressão.

Esse espaço que inicialmente era creche, virou um local de apoio à cultura. Acolheu crianças, jovens, adultos, idosos. Abraçou a noção dialógica do comunicar e, com isso, passou a expressar arte. Em um bairro de muitas demandas e poucos espaços de florescer, nasceu o Centro de Arte e Promoção Social que cresceu de acordo com as pessoas que passaram a frequentá-lo.

C.A.P.S

O recôncavo capsiano
Nasceu do sonho
De Maria Vilani e Gilvanda

Vanda e Vilani
Sonhando em contar a História
Da Cultura Popular Brasileira

Partejaram o C.A.P.S
Carinhosamente embalaram
O recém-nascido

Que cresceu multiplicando frutos
E logo foi constatado
Que o garoto era superdotado

E para lidar
Com tanta sapiência era necessário
Mais correligionários

E eles espontaneamente
Chegaram e adotaram
A criança prodígio

Essa criança

Tornou-se adulta e adotou

Todos os artistas brasileiros

(Maria Vilani – 01/02/1992)

Turma da Xaréu

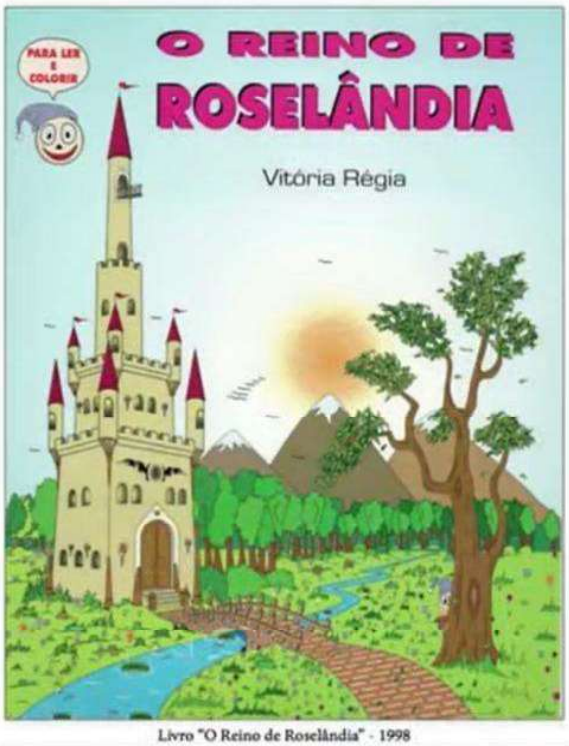
Um dos primeiros trabalhos artísticos apresentados pelo CAPSartes foi a peça *A florista*, escrita por Maria Vilani que, mais tarde foi publicada como um conto de fadas chamado *O reino de Roselândia*[24]. Esta obra foi idealizada para sua filha Xaréu[28] e contou com a participação de um pequeno grupo de crianças, dentre elas, seus filhos Maria Aparecida, como dama de companhia; Clayton, como espantalho; Kleber, como narrador, e Cleon, como o palhaço Pipoquinha. Xaréu era contorcionista e protagonizou a peça com o papel da florista.



Apresentação no Memorial da América Latina - 1991



Apresentação do "Palhaço Pipoquinha" - 1991



Livro "O Reino de Roselândia" - 1998

*Imagens: Arquivo Maria Vilani

[24] A obra possui assinatura de Vitória Régia, nome cultural atribuído à Maria Vilani. [28] Nome cultural atribuído à Cleane Gomes.

Este evento tem destaque na história do CAPSartes, pois foi a partir desse momento que o grupo passou a disseminar o trabalho fora do espaço de ensaio, apresentando em Casas de Cultura e festas infantis. O fato é que o Centro de Arte e Promoção Social foi criando afetos por aí, desenvolvendo parcerias e nutrindo vínculos que ainda perduram. "O nosso lugar maior de trabalho era a rua. As preparações eram na minha casa e a rua era o nosso imenso palco." (Maria Vilani).

Capítulo 3 – Vínculos e Pertencimentos

> Conheci o CAPSartes em meados do ano de 2015, creio tê-lo encontrado ou ter me encontrado. Jamais saberei ao certo (afinal, a memória é também o reino da desinvenção). Acho que nos tornamos um pouco imortais (com o outro intimamente tecido em nós) quando da esperança de cada primeiro e derradeiro encontro (Luan Siqueira).

O depoimento acima é do capsiano Luan Siqueira, membro das Rodas de filosofia e do Ateliê de escrita e criação literária. Nas conversas informais que ocorreram durante um pouco mais de um ano de imersão no Centro de Arte e Promoção Social, todas e todos falavam sobre o primeiro contato com o ambiente de uma forma muito afetiva. Por conta da situação da pandemia da COVID-19, as conversas presenciais não foram viáveis nessa pesquisa, desta forma, além das entrevistas e diálogos realizados remotamente, criamos também um formulário em forma de conversa com o intuito de captar um pouco do sentimento de alguns capsianos atuantes. O formulário está disponível integralmente no Anexo 2 desta dissertação e sugerimos que, antes de continuar a leitura desta página, você vá até o final deste documento e caminhe pelas palavras e pensamentos daqueles que compõem o ambiente.

Agora sim. Continuemos...

A primeira pergunta do formulário é referente à forma como os atuais membros se afetaram ao CAPSartes e, dentro dessa temática, vale destacar um nome que surgiu nos

depoimentos de Adenilson, Joana, Lívia, Maira e Regina: Criolo. O fato é que o Centro de Arte e Promoção Social e o rapper Criolo são "filhos" de uma mesma mãe: Maria Vilani. Antes de levar o Grajaú pro mundo com o *hit* Grajauex, Criolo era Kleber e, para os familiares e amigos, continua sendo.

Com letras que destilam poesia e posicionamento crítico, Criolo, apesar de ecoar pelo mundo inteiro, sabe de onde veio e constantemente demonstra seu apoio aos trabalhos realizados por Maria Vilani e por diversas outras iniciativas artísticas realizadas no Grajaú. Esses cinco capsianos citados anteriormente encontraram o CAPSartes por intermédio do *rapper*, mas os caminhos deste local são muitos. Cada membro desse ambiente comunicacional tem um universo inteiro de histórias pra contar.

Quando conversamos com Priscila Moreira sobre suas experiências, ela nos falou sobre o cheiro do café que tomava conta da casa e sobre o momento da pausa na cozinha: os azulejos, os biscoitos, a prosa. Priscila é de Recife e apesar dos mais de 2.600 quilômetros que separam a cidade dela ao bairro do Grajaú, na Zona Sul de São Paulo, o encontro com Maria Vilani, em 2012, foi inevitável e inesquecível. Desde então, ela produz cultura do lado de lá e do lado de cá também.

Ainda sobre encontros inesperados, conversamos com o presidente do CAPSartes, conhecido como Professor Israel. Ele nos disse que conheceu Vilani na sala de aula, junto com Kleber. Isto porque, Kleber e Maria Vilani entraram juntos no Ensino Médio, em 1989, e Israel era, por coincidência, o professor de história de ambos. Foi amizade à primeira vista e o vínculo foi tão forte que o Professor Israel lembra com carinho que foi até homenageado em um dos shows do Criolo, depois que ele ficou famoso. O atual presidente do Centro de Arte e Promoção Social auxiliou também na parte burocrática do estatuto e é amigo de toda a família de Vilani.

Paulo Freire (1979, p.65) escreve, em *Ação cultural para a liberdade* que "somente homens e mulheres, como seres 'abertos', são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora". Esse potencial dos seres "abertos", que o patrono da educação brasileira coloca como possibilidade, só é conquistado com uma mudança de percepção do mundo através de, segundo ele, uma educação libertadora.

A partir de tudo que foi observado durante nosso período de imersão, compreendemos que é justamente isso que os participantes do Centro de Arte e Promoção Social buscam na roda de conversa: um processo de pensamento coletivo que gera, ao mesmo tempo, pertencimento e autonomia. Maria Vilani nos disse um dia que "o mais importante da vida não era o fim, mas o trajeto". Esta frase, talvez, possa ser um bom ponto de partida para a compreensão desses ambientes: o CAPSartes como caminho de emancipação.



*Imagem do arquivo do CAPSartes – Sede do Centro de Arte e Promoção Social.

Atualmente, o CAPSartes possui uma sede, mas nem sempre foi assim. Antes, os diálogos aconteciam na casa de Maria Vilani. Às vezes, a conversa é grande demais para as paredes da casa capsiana e se aconchega em outros espaços maiores, como o Centro Cultural do Grajaú ou o Sesc Interlagos. O fato é que o espaço físico muda, mas o lugar não.

De acordo com Tuan (1983, p.153), "o lugar é uma pausa no movimento [...] a pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor". Dentro desse movimento artístico do CAPSartes, muitas pessoas fizeram morada. Criaram seus lares,

mesmo de longe. O reconhecimento do valor do lugar aqui analisado transcende o espaço físico e gera o que chamamos de *Ambiente comunicacional*, pois, à medida que torna-se símbolo de afeto, transforma-se também em atmosfera de diálogo.

Tiarajú Pablo D'andrea, em sua tese *A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo*, reflete sobre quatro grandes motivadores da arte periférica: "1) Produção cultural como pacificação; 2) Produção cultural como sobrevivência material; 3) Produção cultural como participação política; 4) Produção cultural como emancipação humana" (D'ANDREA, 2013).

Repensando nos fragmentos do contexto histórico citados no capítulo anterior é possível refletir sobre essas expressões artísticas coletivas que nascem em uma realidade marginalizada. Maria Vilani nos auxilia nessa compreensão mais profunda do ambiente comunicacional analisado em uma fala sobre a composição do CAPSartes: "Somos um grupo de voluntários que acredita que o ser humano merece toda a atenção desse planeta, porque nascemos em um mundo de segunda mão, construído pelos outros que esqueceram que nós viríamos depois e nós não queremos cometer o mesmo engano." (Maria Vilani - TEDx TALKS - Do lado de cá - 2014)

Diante das percepções aqui retratadas, analisaremos neste capítulo as dinâmicas presentes nas Rodas de Construção do Conhecimento e no Selo Capsianos, a fim de buscar compreender expressões vinculativas no grupo estudado.

Rodas de construção do conhecimento

O CAPSartes possui uma série de iniciativas voltadas à arte, educação e cultura, mas, talvez, as Rodas de Construção do Conhecimento sejam o coração do ambiente comunicacional aqui analisado. Isto porque, esses eventos acompanham o desenvolvimento do Centro de Arte e Promoção Social desde o início e possuem uma característica coletiva muito latente.

As Rodas são muitas e já foram descritas anteriormente, no tópico da metodologia desta dissertação, por isso, achamos prudente não descrevê-las novamente, para que as informações não se repitam. Algumas rodas serão citadas aqui para contextualizar e/ou trazer a memória afetiva de algum dos nossos entrevistados, mas o objetivo deste tópico é a compreensão das dinâmicas afetivas presentes nestes lugares.

Como esta dissertação foi escrita durante o período de pandemia da COVID-19, o nosso trabalho de campo ficou limitado na tridimensionalidade da experiência, desta forma, decidimos fazer essa reflexão em duas partes:

1) Rodas de construção do conhecimento – o encontro na tridimensionalidade: será trabalhada neste capítulo, a seguir;
2) Rodas de construção do conhecimento – a presença na nulodimensionalidade, que será trabalhada no Capítulo 4 deste trabalho.

O encontro na tridimensionalidade

Para a compreensão das dinâmicas sociais presentes nas Rodas de Construção do Conhecimento que foram realizadas de maneira presencial-tridimensional, realizamos um trabalho de escuta dos membros capsianos, procurando entender de que maneiras esses processos aconteciam, e encontramos, nas redes sociais do CAPSartes, algumas imagens podem nos auxiliar nesse processo de descoberta:



*Foto do arquivo do CAPSartes.



*Foto do arquivo do CAPSartes.



*Foto do arquivo do CAPSartes.

"A vida toda é rede. Tudo é vínculo. E o vínculo é algo que se estabelece entre duas ou mais entidades porque, de fato, só existem porque desde o começo já se constituíram como interligadas" (CONTRERA, 2017). Notamos que a presença dos

membros é facilmente identificada nessas imagens. Envolvidos em uma grande teia de vínculos, os participantes atuam nas Rodas com falas e escutas ativas, assim como nos círculos de cultura, idealizados por Paulo Freire.

Em uma das conversas que tivemos com Maria Vilani, ela nos diz sobre o ambiente das Rodas ser um local de afetividades. Alessandra Silveira, capsiana responsável pelo Selo Capsianos, nos fala que a principal diferença desses encontros do CAPS é a presença. Segundo ela, "a gente tá ali, porque a gente quer estar ali e isso muda tudo".

Nesta grande aventura de estar e pertencer a um grupo, uma causa ou a um lugar, se despertam também aspectos desconhecidos do *eu*, que a partir do *outro*, ganham razão de ser. Como seres complexos, absorvemos o mundo de uma outra forma, com a noção de pertencimento, a medida em que descobrimos que também somos outros e que isso não nos tira a personalidade. "Para se encontrar é preciso ter estado separado e cada um manifestar por meio de seus sinais a mesma sensibilidade." (CYRULNIK, 2007, p.32).

O encontro que vira vínculo é potente, à medida que nos ensina a viver a vida de uma outra forma. Um encontro pode mudar tudo e é isso que muitos dos participantes do CAPSartes narram quando perguntamos sobre o primeiro contato com o ambiente: uma mudança de paradigma.

Adriano Mendes é capsiano desde pequeno. Cresceu junto ao Movimento de mulheres do Grajaú, frequentado por sua mãe, e se envolveu com as artes e a cultura do bairro desde muito novo. Em uma conversa realizada no início de julho de 2021, Adriano ressalta a potência transformadora das rodas do CAPSartes e desse processo coletivo de fazer arte e, ao mesmo tempo, lutar pelos direitos que são, muitas vezes, negligenciados em bairros periféricos. Nesse bate papo, percebemos que Adriano Mendes se construiu a partir do que viveu no CAPSartes, assim como construiu o Centro de Arte e Promoção Social com suas experiências externas como jornalista, ativista e sujeito que reflete criticamente sobre a realidade.

As Rodas de Construção do Conhecimento são sempre mediadas por alguém que tenha familiaridade com o tema proposto e abertas à participação de todas e todos. A ideia de aprender de forma coletiva e democrática se relaciona muito aos círculos de cultura, propostos por Paulo Freire nas décadas de 60 e 70, que sustentavam a importância de uma

educação libertadora baseada no diálogo, porque todo processo educacional possui, dentro de si, a comunicação (ou tentativa sê-la).

Essas experiências dialógicas de construção do conhecimento, nos levam à aproximação. Ao vínculo. Vinculados descobrimos que, assim como nosso corpo físico é constituído por um grande emaranhado de células, nossa composição como sujeito do mundo, é constituída por uma complexa rede de experiências. Descobrimos que assim como há complexidade no *eu*, há, em mesma medida, no *outro* e que a solução para grande parte dos problemas do mundo é a compreensão.

Segundo Vicente Romano (2004, p.266), "a cooperação e a solidariedade estão na origem da humanidade. O ser humano surge quando começa a prestar atenção no outro[25]". É nesse processo de identificação com aqueles que nos rodeiam, que nos educamos *com* e *a partir* do diálogo. O outro é sempre uma possibilidade de aprender a ser *nós*.

Selo Capsianos

O resto é arte.

Conviver com a finitude

Entretendo a vida

No perpassar do tempo.

(Maria Vilani)

A ideia de uma editora do CAPSartes nasceu da vontade de transportar poesia para o mundo. O Ateliê da escrita era formado por muitas mentes talentosas que produziam arte com letras. Entre papel, caneta e telas, esses escritores juntavam linhas, pontos e vírgulas e criavam pontes com o saber. Em um amontoado de ideias coletivas e

[25] La cooperación y la solidaridad estãn em el origen de la humanidade. El ser humano surge cuando empieza a prestar atención al outro" (Romano, 2004).

individuais que passaram por todas as rodas do CAPSartes, mas que criaram um lugar especial no Ateliê da escrita, o selo capsianos tomou forma em abril de 2016.

O Projeto era antigo. Maria Vilani nos contou sobre o sonho de publicar livros pelo Centro de Arte e Promoção Social. Segundo ela, "muitos escritores das periferias enviavam seus originais para avaliação de editoras e recebiam o envelope intacto com a obra original", ou seja, o livro nem havia sido lido. Diante de um cenário complexo do mercado editorial, a ideia era criar um espaço contra-hegemônico de visibilidade para escritores capsianos que tinham vontade de publicar suas obras.

Alessandra Silveira, diretora de arte de cinco dos seis livros publicados pela editora, diz "Em 2015 tivemos a oportunidade de começar com o selo capsianos. O caps teve uma verba pra fazer uns livros e eu sabia fazer livro, então foi o momento em que, além de participar dos eventos, tive a oportunidade de colocar a mão na massa mesmo".

Tornar esse sonho real, no entanto, não é tarefa fácil. O orçamento para produzir e disseminar um livro é alto e o coletivo CAPSartes sempre sobreviveu com doações.

Assim como grande parte dos grupos periféricos, uma das maiores dificuldades do Centro de Arte e Promoção Social é se manter financeiramente. Três dos seis livros publicados pelo selo capsianos contaram com o apoio financeiro da *BrazilFoundation*, que destinou verba para algumas instituições em 2016, dentre elas, o Centro de Arte e Promoção Social. Os três livros de Maria Vilani (*Penteando a vida, A lágrima e o riso* e *Abscesso*), foram publicados com verba da própria autora.

O selo capsianos é um sonho que teve anos de gestação até que pudesse ser concretizado. Segundo informações do livro *A lágrima e o riso* (2017), "por meio de oficinas que envolvem todo o processo editorial – criação literária, revisão, design e produção gráfica – temos o intuito de, num breve futuro, funcionar como uma editoraescola". Esse processo já acontece, em partes, pois todos os livros que serão listados a seguir passaram pelas mãos e mentes do grupo do CAPSartes e dois deles foram criações coletivas de rodas de diálogos (*Escritos ao extremo* e *Filosofia escrita ao extremo*).

Penteando a Vida (2016)

Autora: Maria Vilani;

Revisão e foto da autora: Cleane Cavalcante Gomes;

Projeto gráfico: Joana Brasiliano;

Reflexão filosófica: Paula de Castro;

Comunicação: Rute Pajeú;

Prefácio: Tatiana Gomez;

Produção executiva: Priscila Moreira.



*Capa do livro *Penteando a vida* (2016), de Maria Vilani.

"Pentear a vida é desfiar infinitamente enquanto se vive as contas de um rosário que nos conta das contas a pagar, enquanto desfilamos no carro aberto da Arte que nos conduz ora a Ciência ora a Filosofia." (Vilani, 2016, p.4).

Nesta obra dedicada às mulheres, Maria Vilani nos convida a leitura do primeiro livro do selo capsianos. São 101 poemas inéditos dispostos entre 106 páginas que ecoam temáticas relacionadas às complexidades do viver. Os poemas foram escritos entre 1985 e 2015 e demonstram diversas percepções da autora ao longo desse período de sua vida,

Tudo é problema com o Bruno (2016)

Autor: Vinícius Rossato;

Coordenação editorial: Maria Vilani;

Coordenação executiva: Israel Francisco dos Santos;

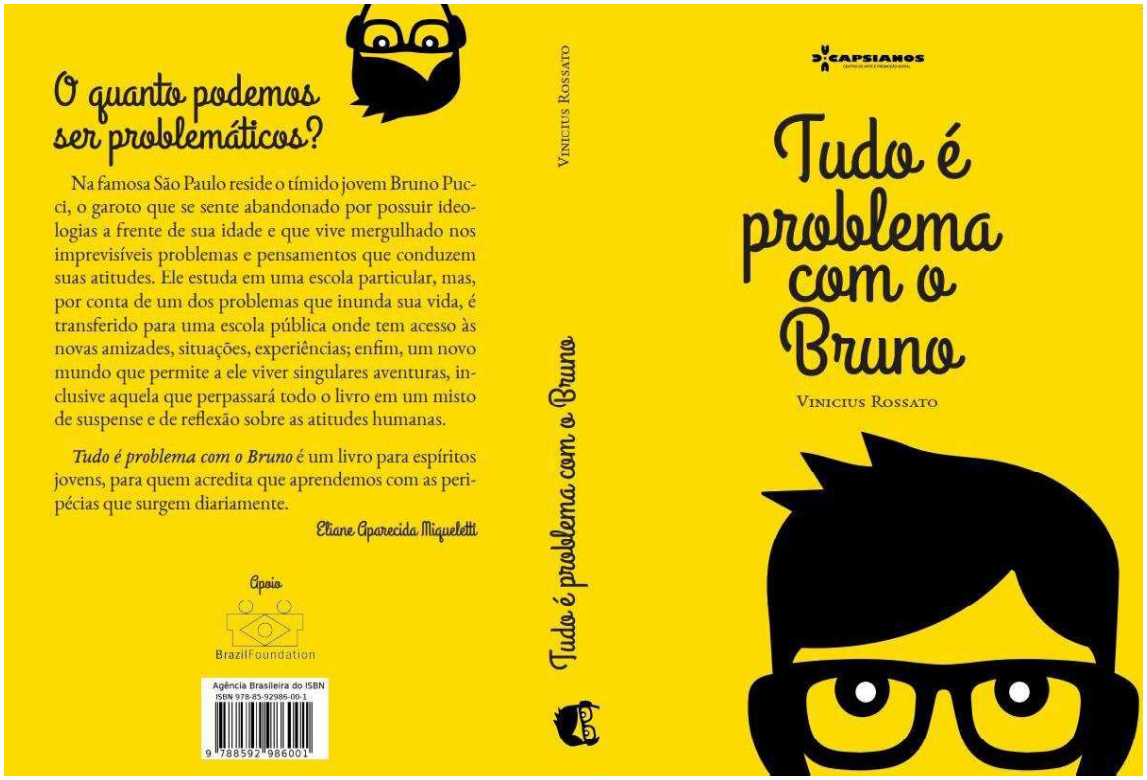
Direção de arte e projeto gráfico: Alessandra Silveira;

Revisão: Eliane Aparecida Miqueletti;

Prefácio: Adriano Mendes e Luan Siqueira;

Produção Executiva: Priscila Moreira;

Apoio: BrazilFoundation.



*Capa do livro *Tudo é problema com o Bruno* (2016), de Vinícius Rossato.

O livro *Tudo é problema com o Bruno* foi escrito pelo jovem autor Vinícius Rossato. A obra narra a trajetória do garoto Bruno Pucci, um adolescente tímido que se sente diferente por ser além de sua idade. Entre aventuras sociais e descobertas individuais, o personagem se desenvolve em uma jornada de autoconhecimento.

Este é o único romance publicado pelo selo capsianos até o momento e os originais da obra passaram pelo Ateliê de escrita para análise, revisão e diálogo do tema antes da publicação.

Escritos ao extremo: indeléveis dobras textuais (2016)

Autores: Adriano Mendes, Alessandra Silveira, Ana Paula Souza da Silva, Caio Soares, Carol Lucas, Dora Medina, Israel Francisco dos Santos, Luan Luis Siqueira da Silva, Maria Vilani, Mônica Domiciano e Vinícius Rossato;

Coordenação Editorial: Maria Vilani

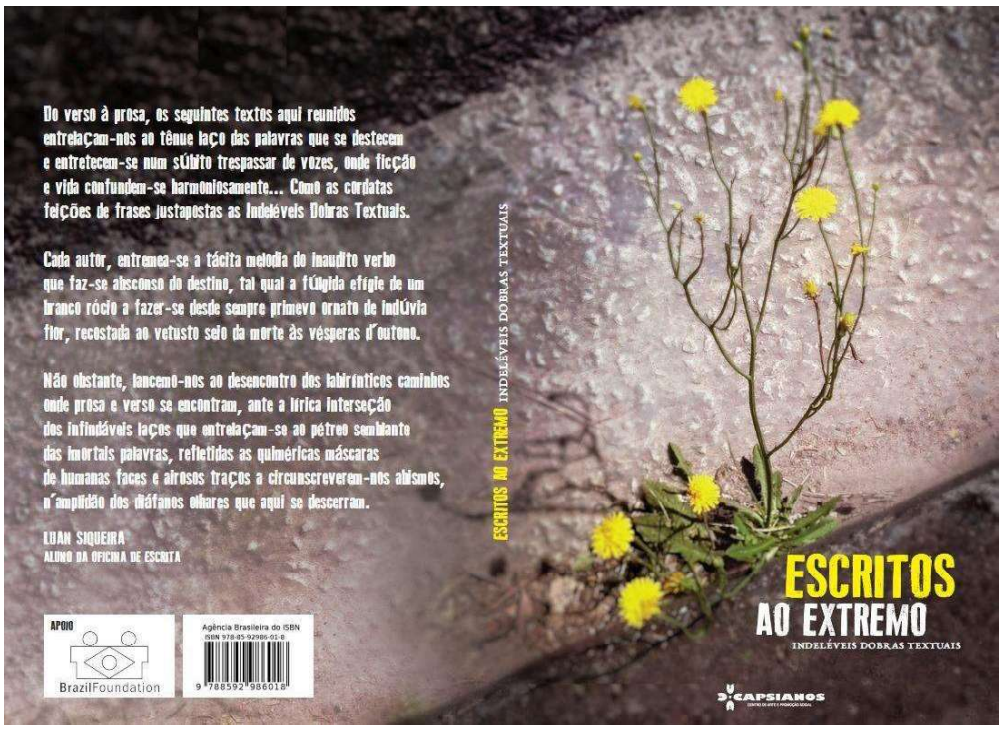
Coordenação Executiva: Israel Francisco dos Santos;
Direção de arte e Projeto gráfico: Alessandra Silveira;

Revisão: Carol Lucas e Cleane Cavalcanti Gomes;

Prefácio: Israel Francisco dos Santos;

Produção Executiva: Priscila Moreira.

Apoio: BrazilFoundation



*Capa do livro *Escritos ao extremo* (2016), de autoria coletiva.

Esta obra de autoria coletiva é uma expressão da liberdade de ver e ouvir a realidade a qual pertencem os autores. As linhas traçadas no livro *Escritos ao extremo* nos colocam frente a frente com pessoas reais, artistas que narram a vida com arte. O primeiro texto desta coletânea chama-se *O segredo é aprender cada vez mais*, escrito por Adriano Mendes, e narra uma trajetória de possibilidades com um desfecho de descoberta. "A poesia liberta!!!': aqui o muro grita. O Grajaú é um universo." (MENDES *et.all*, 2016, p.11)

No prefácio escrito por Israel, atual presidente do CAPSartes, ele esclarece:

> Trata-se do resultado de um trabalho desenvolvido ao longo de um ano, com vivências semanais onde aos finais de semana, superando diversas dificuldades, um grupo em sua maioria de jovens liderados pela ativista cultural Maria Vilani, discutiram estilos literários, trocaram experiências e mutuamente produziram (SANTOS *et.all*, 2016, p.5).

Este trabalho coletivo literário que resulta em descobrir potencialidades e maneiras de expressar a arte é uma forma de pertencer e se vincular. Através da escuta ativa e do diálogo, esse grupo se reuniu para tornar eterno o pensamento.

Filosofia escrita ao extremo: nexo, léxico, reflexo (2016)

Autores: Adriano Mendes, Alessandra Silveira, Ana Paula Souza da Silva, Carol Lucas, Dora Medina, Fábio Roberto Lucas, Juscilene Alquimim, Maria Luci Nunes, Maria Vilani, Mônica Domiciano, Ribamar Machado e Vinícius Rossato;

Coordenação editorial: Maria Vilani;

Coordenação executiva: Israel Francisco dos Santos;

Direção de arte e projeto gráfico: Alessandra Silveira;

Revisão: Carol Lucas e Cleane Cavalcanti Gomes;

Filososfácio (prefácio): Fábio Roberto Lucas;

Produção Executiva: Priscila Moreira.

Apoio: BrazilFoundation.



*Capa do livro *Filosofia escrita ao extremo* (2016), de autoria coletiva.

> É isso o que o leitor encontrará neste livro, rapsódias filosóficas compostas sob as mais variadas formas – poemas em verso livre, em verso metrificado, poemas em prosa, aforismos, narrativas, fragmentos – e com conteúdos bem heterogêneos entre si. [...] cada texto é um feixe de nexos, a se espalhar tanto sobre os outros escritos de mesmo tema quanto ao longo da série de temas a estruturar o livro. É desse modo que se abre um jogo de reflexos, no qual o pensamento dança criticamente pelo léxico do eu, da memória, do silêncio, do sono e das entrelinhas, palavras-chave do exercício filosófico em seu corpo a corpo com a linguagem. (LUCAS et. All, 2016, p.12 - Filosofácio).

A obra *Filosofia escrita ao extremo* reúne 12 autores e 51 textos dispostos entre as cinco temáticas estabelecidas: Eu, Memória; Silêncio, Sono e Entrelinhas. O trecho acima foi escrito por Fábio Roberto Lucas no Filosofácio dessa obra e nos mostra que a obra é, antes de tudo, um convite às infinitas possibilidades que a filosofia nos proporciona. Este livro é fruto de um ano de diálogo em roda, onde cada um dos autores participantes trouxe uma percepção diferente sobre um mesmo tema, criando noções complementares (ou não) sobre as formas naturalmente fragmentadas de sentir o mundo.

A lágrima e o riso (2017)

Autora: Maria Vilani

Revisão: Carol Lucas e Fábio Lucas;

Direção de Arte: Alessandra Silveira;

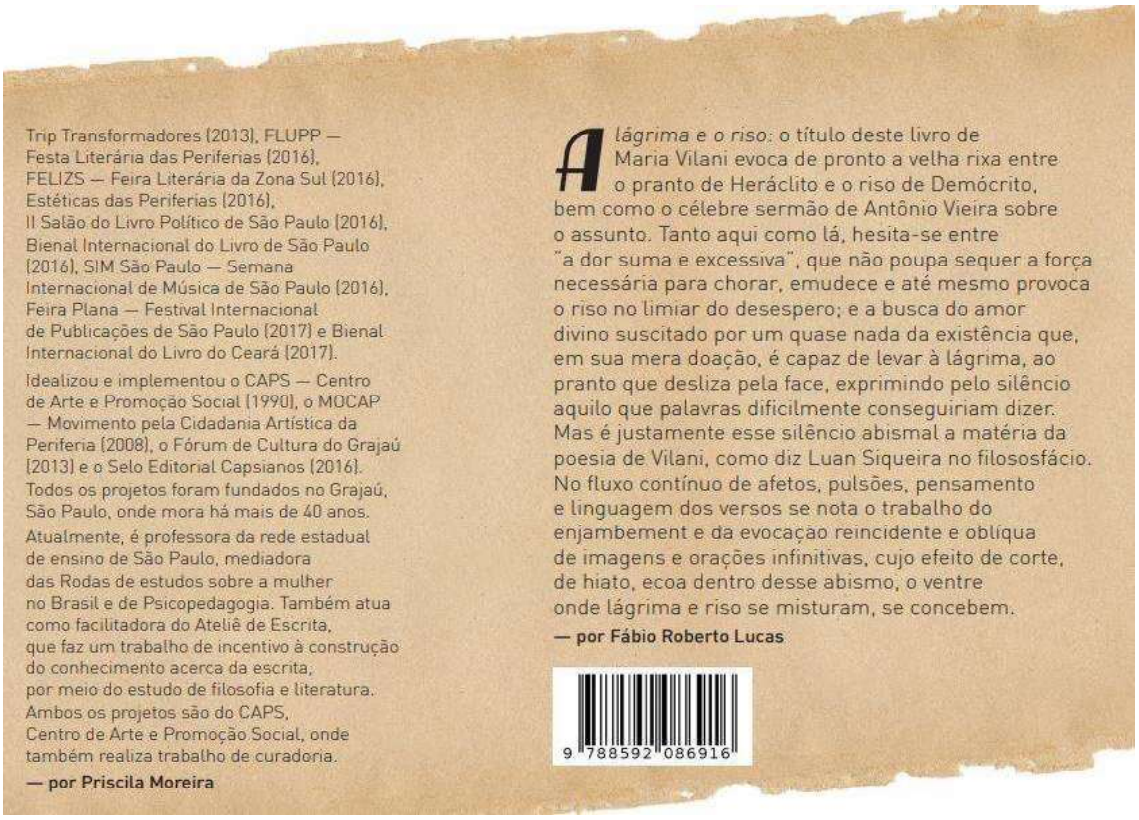
Comunicação: Feed Comunicação; Filososfácio

(posfácio): Luan Siqueira; Produção Executiva:

Priscila Moreira.



*Capa do livro *A lágrima e o riso (*2017), de Maria Vilani.



Trip Transformadores (2013), FLUPP — Festa Literária das Periferias (2016), FELIZS — Feira Literária da Zona Sul (2016), Estéticas das Periferias (2016), II Salão do Livro Político de São Paulo (2016), Bienal Internacional do Livro de São Paulo (2016), SIM São Paulo — Semana Internacional de Música de São Paulo (2016), Feira Plana — Festival Internacional de Publicações de São Paulo (2017) e Bienal Internacional do Livro do Ceará (2017).

Idealizou e implementou o CAPS — Centro de Arte e Promoção Social (1990), o MOCAP — Movimento pela Cidadania Artística da Periferia (2008), o Fórum de Cultura do Grajaú (2013) e o Selo Editorial Capsianos (2016). Todos os projetos foram fundados no Grajaú, São Paulo, onde mora há mais de 40 anos.

Atualmente, é professora da rede estadual de ensino de São Paulo, mediadora das Rodas de estudos sobre a mulher no Brasil e de Psicopedagogia. Também atua como facilitadora do Ateliê de Escrita, que faz um trabalho de incentivo à construção do conhecimento acerca da escrita, por meio do estudo de filosofia e literatura. Ambos os projetos são do CAPS, Centro de Arte e Promoção Social, onde também realiza trabalho de curadoria.

— por Priscila Moreira

A lágrima e o riso: o título deste livro de Maria Vilani evoca de pronto a velha rixa entre o pranto de Heráclito e o riso de Demócrito, bem como o célebre sermão de Antônio Vieira sobre o assunto. Tanto aqui como lá, hesita-se entre "a dor suma e excessiva", que não poupa sequer a força necessária para chorar, emudece e até mesmo provoca o riso no limiar do desespero; e a busca do amor divino suscitado por um quase nada da existência que, em sua mera doação, é capaz de levar à lágrima, ao pranto que desliza pela face, exprimindo pelo silêncio aquilo que palavras dificilmente conseguiriam dizer. Mas é justamente esse silêncio abismal a matéria da poesia de Vilani, como diz Luan Siqueira no filosofácio. No fluxo contínuo de afetos, pulsões, pensamento e linguagem dos versos se nota o trabalho do enjambement e da evocação reincidente e oblíqua de imagens e orações infinitivas, cujo efeito de corte, de hiato, ecoa dentro desse abismo, o ventre onde lágrima e riso se misturam, se concebem.

— por Fábio Roberto Lucas

9 788592 086916

*Contracapa do livro *A lágrima e o riso (*2017), de Maria Vilani.

MEDO DA LIBERDADE

Após emergir das águas da finitude
O ser na sua indigência caminha
Em busca de um EU no coletivo humano
Por meio da liberdade de ser quem é
Um EU que se vincula a si mesmo
No encontro com outros EUS
Onde é compensado da sua falta de potência
No casulo de sua existência
A autoflagelar-se na busca da desalienação
Por onde encontrará aberturas obliteradas Pelo
rio da infinitude no qual se afogará.
(VILANI, 2017, p.11)

Esta obra é um paradoxo. É uma descoberta profunda de que dentro do *Eu* cabe a vida e a morte, o bem e o mal, a lágrima e o riso e tantas coisas mais. Nesta coletânea poética ilustrada composta por 67 poemas, Maria Vilani sente, cria e transforma

pensamento em arte. Luan Siqueira, membro do CAPSartes e pesquisador autodidata nas áreas de filosofia e literatura, escreve o Filososfácio (posfácio) da obra refletindo sobre o conteúdo e nos diz “Lá onde a Poeta (Maria Vilani) nos conclamará uma vez mais a amarmos essa tragicômica vida nossa de cada dia no ziguezaguear dos revezes lançados à cega duplicidade do insondável que aflora dentre a surda e sulfúrea palavra de esmeraldica beleza” (SIQUEIRA *in*. VILANI, 2017, p.109).

Abscesso (2019)

Autora: Maria Vilani

Organização de originais: Luan Siqueira;

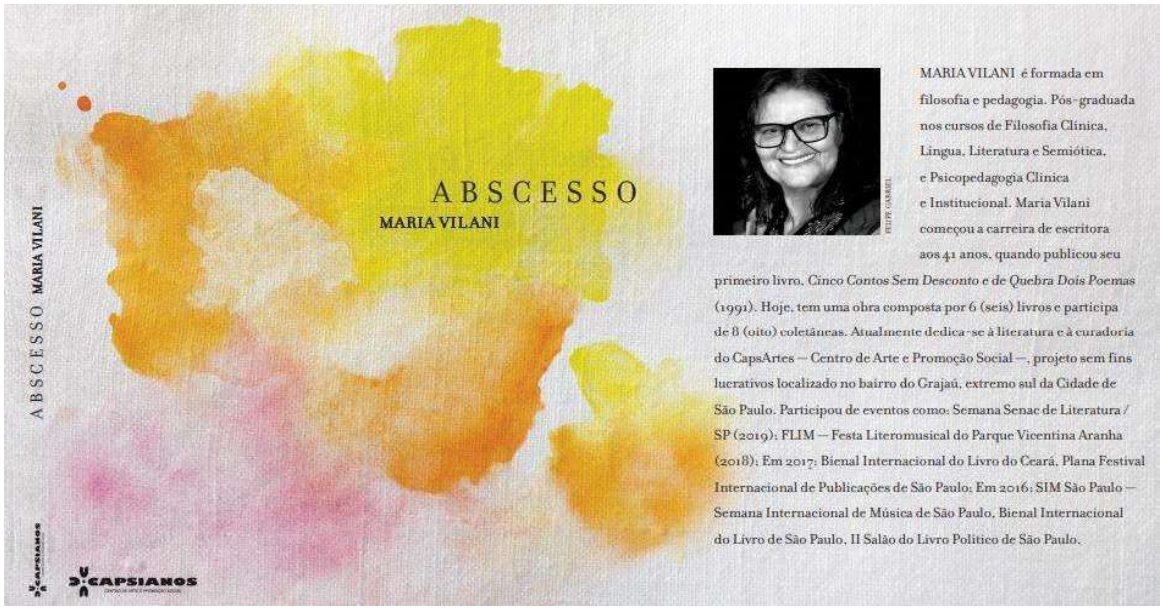
Revisão: Fábio Lucas e Luan Siqueira;

Direção de arte: Alessandra Silveira;

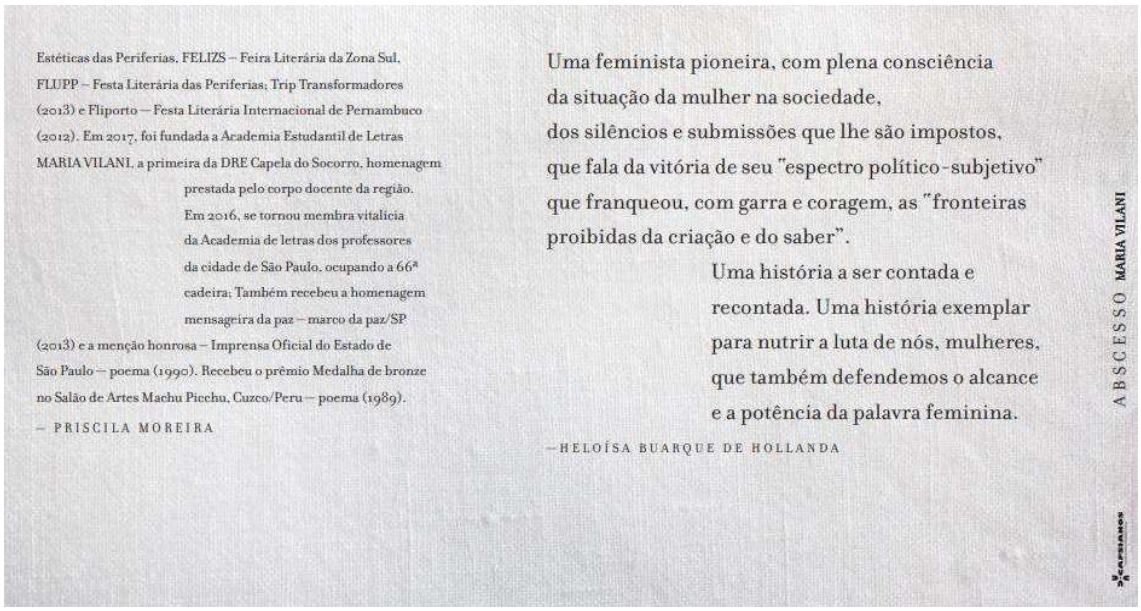
Comunicação: Dulce Reis/ Feed Comunicação;

Prefácio: Heloísa Buarque de Hollanda; Produção

Executiva: Priscila Moreira.



*Capa do livro *Abscesso* (2019), de Maria Vilani.



*Contracapa do livro *Abscesso* (2019), de Maria Vilani.

Eu mulher,
Continente submerso e esquecido
Atrás dos séculos de subserviência
E presença esmaecida na imensidão Do
não dito sob o peso do silêncio
E minha história por outros contada
Nas fronteiras proibidas da criação E
do saber.
(VILANI, 2019, p. 14)

O poema acima abre a coletânea Abscesso, composta por mais 69 poemas dispersos entre três grandes tópicos: 1) Político-subjetivo; 2) Subjetivo; 3) Político. Entre todos esses escritos, uma coisa em comum: Maria Vilani. A autora ativista, feminista, educadora e fundadora do coletivo CAPSartes nos faz pensar sobre estruturas sociais ao mesmo tempo em que questiona nossas próprias estruturas mentais. Este livro é um despertar doloroso do que somos para o esperançar do que queremos ser.

Poesia e sentimento do mundo

"Cicatrizes são para sempre. Escritas também! Sua ambição é vencer o tempo. (BAITELLO JUNIOR, 2017, p.40). Por séculos, essas cicatrizes históricas da escrita foram apenas cravadas por poucos de nós. A noção da possibilidade de vencer o tempo foi guardada em sigilo por uma parcela pequena e dominante da população. O direito à alfabetização não só vem garantindo escolas às novas gerações, mas vem trazendo percepções de mundo através da poesia, vem tornando acessível uma comunicação mais dialógica, vem despertando a noção de escolha, de partilha.

É através dessa nova escrita que esteve apagada por tanto tempo e que hoje ainda vive marginalizada pelo mercado, que erguemos a possibilidade do diálogo e da descoberta de sentir com experiências periféricas. A escrita desses autores aqui contemplados, imortalizaram o Grajaú e todos os outros lugares onde esses artistas fizeram morada. O selo capsianos vem construindo novos modelos de experiências.

"Nem sempre estamos cientes do que devemos à poesia, no sentido lato da palavra: quase tudo que percebemos e vivenciamos. Fazer poesia é a produção de modelos de experiências, e sem tais modelos não poderíamos perceber quase nada" (FLUSSER, 2010, p.113). Esses modelos de experiência colocados por Flusser nos parecem uma importante questão para ressaltar. Se a poesia contempla quase tudo que percebemos e vivenciamos, ela pode ser também um importante elo com a noção de pertencimento de mundo. Somos (também) *o que* e *como* vivenciamos. E pertencemos a partir do que somos. Dessa forma, a poesia interfere não só no sentido de perceber, mas na complexidade do ser e do pertencer.

Vilém Flusser (2010, p.113) diz que "os poetas são nossos órgãos dos sentidos". Pensando por essa perspectiva, a questão da representatividade poética é necessária para a consciência da diversidade humana. Partindo do princípio de que nossas percepções são também pautadas pela poesia, temos uma potência ainda maior na escrita contra-hegemônica.

Capítulo 4 – Imagens, conexões e o tempo do mundo

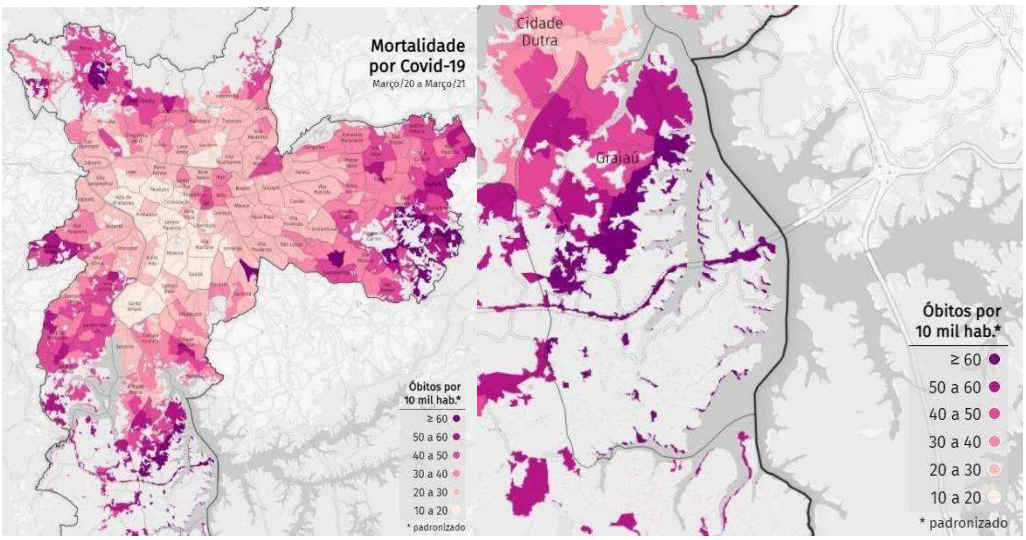
Pandemia, desigualdades e arte que resiste

A pandemia da COVID-19 trouxe consigo uma série de novas crises e atenuou demandas antigas, principalmente em locais marginalizados. Nós iniciamos o processo de imersão no CAPSartes na primeira Roda de Educação de 2020 que ocorreu na sede do coletivo, no dia 29 de fevereiro e, alguns dias depois, os hospitais começaram a receber grande demanda de pacientes contaminados pelo coronavírus.

Diante desse cenário marcado pelo medo, grande parte dos coletivos da cidade de São Paulo suspenderam suas atividades por tempo indeterminado. O fato é que muitos cidadãos e cidadãs dos bairros periféricos tiveram que continuar trabalhando e uma doença que foi trazida para o Brasil por uma parcela da população que tinha acessos diferenciados a viagens e passeios turísticos, acabou se disseminando para as margens em ritmo acelerado.

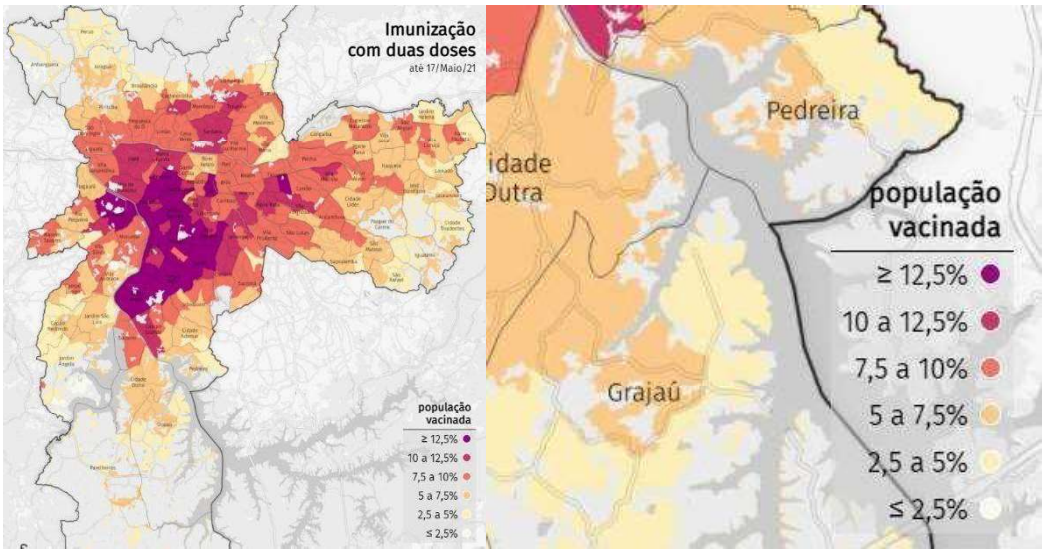
A desigualdade ficou ainda mais escancarada na cidade de São Paulo e isso pôde ser percebido por uma série de fatores, como a precariedade dos transportes públicos que continuaram a circular com um número maior de pessoas do que o permitido, de acordo com as normas do distanciamento social, o aumento do preço dos alimentos que compõem uma cesta básica ou a falta de acesso à educação que muitas crianças periféricas tiveram por falta de acesso à internet. Esse período foi marcado por uma crise que ainda não sabemos como resolver e os (poucos) dados que apareceram neste último ano sobre as periferias apresentam sintomas preocupantes de uma sociedade desigual.

Uma pesquisa realizada pela Labcidade, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, reflete esse cenário das periferias. O grupo demonstra, a partir de um mapa de calor, os bairros da cidade paulistana em que houve mais óbitos entre março de 2020 e março de 2021:



*LABCIDADE – Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo[26].

Como é possível notar na figura aproximada da direita, o bairro do Grajaú está entre as regiões mais afetadas da cidade, assim como alguns bairros periféricos da zona leste, localizados à direita do mapa. Pela imagem é possível notar a proporção do impacto nas periferias, mas, apesar desse número alarmante de óbitos, o mapa de vacinação nos traz uma inversão de cores e números.



*LABCIDADE – Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Para a realização do mapa da vacina, o grupo de pesquisadores coletou informações até 17 de maio de 2021 e já dá pra perceber a alteração no bairro do Grajaú

[26] Por Aluízio Marino, Gisele Brito, Pedro Mendonça e Raquel Rolnik.

que apresenta números baixos de vacinação, mesmo com 10 unidades básicas de saúde próximas ao território. Essa imagem acima, talvez, não nos mostre apenas um índice de vacinados, mas um resultado alarmante de uma negligência cultural e histórica com as pessoas que vivem em bairros marginalizados. Precede de uma falta de acesso a informação básica e obtenção de direitos fundamentais.

Levando em consideração esse contexto de crises e refletindo sobre a importância de um lugar onde as pessoas pudessem aprender e compartilhar experiências nesse momento, o CAPSartes resolveu voltar de maneira remota. As rodas de construção do conhecimento foram retomando as atividades uma por vez. As pessoas foram se adaptando às sensações de abraçar uma ideia através de uma tela (ou apesar dela).

Não foi fácil. As dificuldades tecnológicas impediram muitas pessoas de fazerem parte desse processo de transição para as Rodas virtuais. Muitos ainda não conseguem participar por falta de acesso a uma internet de qualidade, isto porque, além do custo do cabeamento para que tudo funcione de maneira técnica, há também a questão que a internet não chega em determinados locais do Grajaú ou chega com ruídos.

Mesmo assim, o trabalho continuou e pessoas de outros estados e países foram surgindo para agregar à família capsiana. Neste período, o Centro de Arte e Promoção Social ficou ainda mais adepto aos grupos de *whatsapp* e cada roda e segmento do coletivo passou a ter o seu. Destacamos aqui o Núcleo de Arte-CAPSartes, grupo do *whatsapp*, criado em 2021, para integrar compositores e produtores capsianos. Neste ambiente virtual de trocas, diversas músicas já foram criadas em conjunto por pessoas de diferentes estados.

O Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa foi outro ambiente virtual criado durante a pandemia. A ideia de compartilhar referencias e ideias de pesquisa para construir uma nova perspectiva sobre o fazer científico nas periferias ainda está em construção e adaptação. O grupo conta com 16 membros e alguns projetos em desenvolvimento na área de educação e comunicação.

Outra iniciativa que surgiu durante a pandemia no CAPSartes foi o curso de Libras. Entendendo a necessidade de refletir sobre acessibilidade e agir em prol de uma sociedade mais inclusiva, Eliane Muniz e Andreia Lobo idealizaram esse projeto que conta com a participação de, aproximadamente, 20 alunos matriculados.



*Curso de Libras - Imagem do arquivo do CAPSartes.

Rodas virtuais: a presença na nulodimensionalidade

Sabemos que um dos grandes desafios do ser humano no século XXI é a presença. Estar presente já é uma dificuldades para muitos na tridimensionalidade e, nas telas, essa relação só ficou mais complexa. Entre ruídos e instabilidades da internet, as Rodas virtuais do CAPSartes funcionam com dinâmicas comunicacionais semelhantes às Rodas que ocorriam na tridimensionalidade.

Observamos que, no contexto da nulodimensionalidade não há um espaço compartilhado pelos participantes, mas o conceito de lugar ainda nos parece possível, já que se associa ao processo de ressignificação afetiva. Isto porque as pessoas param suas atividades e decidem ir ao CAPSartes através das telas, embora estejam situadas, espacialmente, em suas casas. O lugar que ocupam, juntos, é o Centro de Arte e Promoção Social em sua dimensão simbólica de ser.

Essa compreensão é importante, pois é a partir da noção de lugar que construímos, nessa pesquisa, a noção de ambiente comunicacional, que entendemos como um processo de partilha do diálogo que pode ser formado mais facilmente na tridimensionalidade, mas que também existe na nulodimensionalidade, de formas distintas. A comunicação dialógica exige presença e acreditamos que é possível estar presente mesmo mediado por aparelhos, por isso, optamos nesta pesquisa, desde o início de não colocarmos o termo "rodas presenciais" em momento algum.

Discutir presença está além das reflexões sobre a tridimensionalidade e nós só descobrimos isso quando começamos a investigar o coletivo analisado nesta pesquisa.

Isto porque, participando das rodas e das conversas, passamos a nos questionar que poucas vezes na vida estivemos tão presentes em algum lugar, mesmo com a mediação de um aparelho eletrônico.

Entendemos então que, talvez, a noção de presença esteja relacionada ao pertencimento, à sensibilidade e ao afeto. É claro que, quando estamos conectados, é muito mais difícil estabelecermos uma atenção plena a uma única atividade, já que as telas nos sugerem diversos caminhos de rede, mas, ainda assim, é possível estabelecer uma comunicação dialógica em ambientes nulodimensionais.

Algo que nos chamou bastante atenção no processo de virtualização das Rodas do CAPSartes foi o acesso rápido a algumas informações e dúvidas que surgiam durante o diálogo. Constantemente, alguém falava sobre uma reportagem ou dado histórico e acabava não se lembrando de alguns detalhes. As telas proporcionaram aos participantes uma busca rápida para acessar essa informação na íntegra e compartilhá-la com todos os participantes, em tempo real. Outra questão importante desse rearranjo dos ambientes comunicacionais no coletivo foi a participação de pessoas que moravam em outras cidades, estados ou países.

Na imagem a seguir, por exemplo, temos a participante Graziela, que dialoga com o Ateliê da Escrita morando na República Tcheca, Joana, que se comunica do Rio de Janeiro e o Adenilson, que compartilha saberes direto do Paraná.



*Ateliê da Escrita e Criação Literária - Imagem do arquivo do CAPSartes.

Durante as Rodas de construção do conhecimento realizadas de maneira virtual, a saudade do toque existe e é grande. Muitos participantes comentam sobre a falta dos abraços e do aroma do café feito por Dona Maria Vilani, na sede do CAPSartes. As conexões caem, os ruídos existem e quebram a comunicação em diversos momentos. O intuito desta pesquisa não é romantizar esse processo comunicacional que ocorre nas redes, mas buscar compreender que, como todo processo complexo, há pontos positivos e negativos.

Podcast do CAPSartes

"Os sons são ondas de impulso que se propagam por meio das partículas de um determinado ambiente" (MENEZES, 2016, p.24). O ouvido transporta, movimenta e nos dá noção da tridimensionalidade. Segundo Christoph Wulf (2007, p.58) "ouvir, desse modo, é a condição para entender e falar. Sentimentos de segurança e pertença se formam pela percepção da interpelação. O sentido do ouvido é o sentido social." (WULF, 2007, p.58).

Pensando na escuta como sentido social, faremos uma breve análise desse ambiente comunicacional que nasceu durante a pandemia, no CAPSartes. A ideia de criar um podcast como ferramenta de compartilhamento de descobertas capsianas foi bem recebida por Maria Vilani, que apoiou o grupo de mulheres que iniciou essa experiência.

O Projeto tinha como objetivo criar um ambiente de escuta e diálogo. O podcast foi idealizado por pessoas de áreas diferentes que não sabiam como funcionava o processo de criação de um podcast, mas que queriam disseminar as informações do CAPSartes durante a pandemia de uma forma mais democrática e acessível. Dessa forma, o podcast nasceu como um laboratório de experimentações empíricas. A formação inicial do grupo de participantes era a seguinte:

Coordenação do projeto: Letícia Souza e Maria Vilani;

Apresentação: Andréia Lobo, Bia Carvalho[27] e Letícia Souza;

Produção: Bia Carvalho;

[27] Conforme já mencionado anteriormente, estive presente de forma ativa nos ambientes estudados e fiz parte da idealização e da construção do projeto do podcast desde o surgimento com o intuito de aprender, compartilhar experiências e compreender a complexidade de um novo ambiente gerado à distância.

Edição: Andréia Lobo e Andréia Leão;

Produção sonora: Joana Gomes e Grazi Zahara;

Repórter: Melissa Anjos

Com as funções definidas, o podcast passou por algumas adaptações no decorrer dos episódios tendo como objetivo melhorar a qualidade técnica dos áudios, temas e roteiros. Criar um podcast em um período de isolamento foi um grande desafio para a equipe que tinha como proposta contemplar a perspectiva capsiana dos assuntos propostos. Entre temas que contemplavam questões internas do Centro de Arte e Promoção Social e assuntos relacionados ao processo de estrutura social do nosso país, o grupo lançou 20 episódios até o período final dessa análise[28].

Episódio 1: Quem somos? (4 min – 25/09/2020)

O primeiro podcast é uma apresentação da proposta do projeto e da equipe inicial que o compõe. Este episódio narra também uma breve trajetória da ideia deste novo núcleo do CAPSartes (rádio).

Episódio 2: Especial Carreata Poética 2020 – 60 anos do livro "quarto de despejo" (44 min – 02/10/2020)

O Centro de Arte e Promoção Social é conhecido pelos eventos que promove na região. A carreata poética é um desses acontecimentos anuais que celebra o aniversário do CAPsartes. No ano de 2020, o coletivo já previa que a celebração não acontecesse, mas com o apoio financeiro da Virada Sustentável, o evento tomou forma e homenageou a escritora Carolina Maria de Jesus, com os 60 anos da obra *Quarto de despejo*.

Para a homenagem, foram chamadas algumas mulheres do CAPSartes para escolherem e recitarem partes marcantes do livro. Houve ainda a presença de Vera Eunice de Jesus, filha da autora. Para promover o evento também de forma virtual, Maria Vilani propôs um episódio especial do podcast, com um toque poético do início ao fim.

[28] A análise foi feita até 31/07/2021.

Para dar forma a essa edição comemorativa, participaram do episódio Vera Eunice, Maria Vilani, Alessandra Silveira, Maria Duci, Carol Lucas, Luciane Gaspar, Érika Malafasi, Maira Garcia e Lucimeire Juventino.

Episódio 3: Grajaú, identidade e afetividades (21 min -10/10/2020)

> O nome significa Rio dos Carajás, em tupi. Talvez esse nome nos faça lembrar que esse bairro foi erguido nas margens, sob uma grande área de mananciais. Sim, o Grajaú se ergueu das águas e da terra também... Terra essa que habitou o território por longos anos até que o asfalto chegou. O Grajaú tem violência, tem fome, tem dificuldade, assim como toda periferia paulistana, mas o Grajaú tem também uma arte que nasceu da resistência, uma força que leva muitos moradores a realizarem 3, 4 e até 5 baldeações diárias para chegar ao centro de São Paulo para trabalhar. Mais de 30 quilômetros afastam o nosso bairro até a região central de São Paulo. Isso até que não seria tão longe, se não vivêssemos em uma cidade com trânsito intenso e transportes públicos tão precários e insuficientes. Mas vivemos. E mesmo assim, o Grajaú resiste. (PODCAST CAPSartes – 10/10/2020).

A ideia do podcast é agir como espaço de escuta e construir um ambiente de afeto e acolhimento a partir disso. Desde o início, os depoimentos são uma característica marcante dos episódios que se pautam no diálogo. O terceiro programa convida algumas pessoas para falarem sobre suas vivências no Bairro do Grajaú, traçando uma perspectiva histórica do território a partir das narrativas da Ângela, da Alice e Maria Vilani, além das apresentadoras Bia Carvalho e Letícia Constância.

Episódio 4: Grajaú – Arte, educação e cultura (36 min – 17/10/2020)

Esse episódio é uma continuação do capítulo anterior e traz um foco maior à arte e à educação no bairro do Grajaú. As capsianas Carol Lucas e Fátima Queiroz são as convidadas deste tema e, através da experiência de ambas na área da educação, dialogam sobre experiências vividas no território.

Episódio 5: Depoimentos – O que o Grajaú representa pra você? (14 min – 24/10/2020)

Fechando a temática do Grajaú, este episódio contempla depoimentos de moradores do local. Priscila, Abraão, Gisele e Andreia Lobo, uma das apresentadoras do podcast e também moradora do bairro. Os convidados narram episódios que marcaram sua vida dentro do território.

Episódio 6: As mães do CAPS (22 min – 07/11/2020)

Este episódio é sobre Vanda e Maria: as mães do CAPSartes. Com os depoimentos das duas matriarcas do coletivo, o programa conta um pouco da história do sonho de fazer a diferença por meio do trabalho social. Além das vozes das apresentadoras e das duas mulheres que iniciaram esse sonho, Allan Gomes, neto de Maria Vilani, faz uma participação especial com a leitura de um poema de autoria de sua avó.

Episódio 7: Política e eleições municipais (38 min – 14/11/2020)

Como todo coletivo artístico, cultural e educacional, o CAPSartes é político. Entendendo a necessidade de acesso à informação, esse episódio foi uma tentativa à reflexão cidadã. Com a participação de Cauê Teixeira e Fábio Lucas, mediadores do Café filosófico, a proposta desta temática foi trazer ferramentas para o pensamento crítico diante das eleições municipais.

O Centro de Arte e Promoção Social não está ligado a nenhum partido e por motivos éticos, os membros do coletivo não costumam compartilhar bandeiras partidárias. Embora a política seja uma pauta muito presente nesse ambiente comunicacional, os diálogos estão mais voltados às estruturas do Estado do que às demarcações de governos. Dessa forma, o objetivo desse episódio foi estimular a dúvida e reforçar a importância da pesquisa dos candidatos para uma escolha consciente.

Episódio 8: Fundação do CAPS e sua filosofia de atuação (22 min – 21/11/2020)

Pensando nas questões necessárias para fundar uma ONG, esse episódio propõe trazer informações sobre o processo de oficialização de uma iniciativa voltada para o terceiro setor. Essa temática conta com a participação de Dora Medina, Edmilson e César Almeida. Eles contam um pouco da trajetória do CAPSartes e de que maneira esse ambiente foi se transformando em uma organização não governamental.

Episódio 9: Diretoria e Ex presidentes do CAPS (23 min – 06/12/2020)

Resgatando ainda essa longa e bonita história do Centro de Arte e Promoção Social. As participantes do podcast trazem informações sobre a composição administrativa do local e trazem alguns dos antigos presidentes para falarem um pouco sobre o processo desenvolvimento do coletivo. Os convidados desse tema são Maria

Vilani[29], Clayton Gomes[30] e César Mendes da Costa[31]. Além dos antigos presidentes[32], o Adenilson Albuquerque faz uma participação especial declamando uma poesia no episódio e a Alessandra Silveira aparece falando sobre a agenda do CAPSartes.

Episódio 10: Especial – Professor Israel e nossa mensagem de fim de ano (25 min – 19/12/2020)

Este episódio é uma homenagem ao atual presidente do CAPSartes: o Professor Israel. Em uma conversa descontraída, o Professor conta à equipe do podcast sobre seu encontro com Maria Vilani, sua entrada no coletivo e as questões burocráticas que envolvem a gestão administrativa. Regina Rambaldi é chamada ao programa para declamar o poema à procura, de Cora Coralina.

Episódio 11: Atividades do CAPSartes (17 min – 06/03/2021)

Após o recesso de final de ano, o podcast do CAPSartes retornou para o ano letivo de 2021 junto às rodas de construção do conhecimento. Gisele Laurette apresenta um texto inédito em um quadro novo no podcast, o *Momento Poético*. O primeiro episódio do ano se dedica a contemplar as atividades do Centro de Arte e Promoção Social com o intuito de disseminar tudo que acontece dentro do coletivo e convidar pessoas interessadas a fazerem parte do ambiente.

Episódio 12: Pandemia e ecologia (50 min – 20/03/2021)

A partir de uma demanda do próprio grupo do podcast que vinha dialogando sobre a temática ecológica em tempos de pandemia, o episódio trouxe esse debate a partir de uma entrevista realizada com o geógrafo humanista Allan Rodrigo de Campos, que também traduziu a obra *Pandemia e agronegócio: Doenças infecciosas, Capitalismo e Ciência*, lançado em 2020.

Episódio 13: Saúde e Educação (1h e 7min – 03/04/2021)

---

[29] Maria Vilani: (Gestões: 1990-1993/1995-1997/2001-2003)
[30] Clayton Gomes (Gestão: 1993-1995)
[31] Cesar Mendes da Costa (2009 – 2013)
[32] Além dos antigos presidentes que participaram do episódio, o CAPSartes contou com as gestões de Anália Ferreira de Oliveira (1999-2001), Raimundo Ferreira de Oliveira (2003-2007), Cleane Cavalcanti Gomes (2007-2009) e atualmente conta com o Professor Israel como presidente desde 2014. Entre os anos de 1997 e 1999 não há registros de gestão, por motivo de extravio de documentação.

Após as questões levantadas sobre o desequilíbrio ecológico durante o período de pandemia, diversas outras temáticas surgiram no grupo de produção. A partir de um extenso diálogo, a equipe decidiu criar uma série de episódios que relacionassem os temas saúde, educação e pandemia. A enfermeira Sione é uma das entrevistadas desse episódio e sua fala traz uma perspectiva clínica da pandemia. Para falar da saúde sob o ponto de vista educacional as apresentadoras conversam com o médico Leonardo de Souza

Episódio 14: Saúde Mental (25 min – 17/04/2021)

Ainda na temática da pandemia, este episódio levanta a temática da saúde mental sob a perspectiva do afeto. Com o auxílio do psicólogo Marcos Manoel, o programa compreender essa nova realidade de isolamento que levou muitas pessoas ao extremo. Maira Garcia declama uma poesia de autoria própria no momento poético.

Este programa é marcado também pela chegada de novos membros à equipe: Maira Garcia, Rodrigo Alves, Livia Jacob e Marina Bessa.

Episódio 15: Educação e pandemia sob o olhar da comunidade escolar (1h – 03/05/2021)

O CAPSartes é um ambiente cultural e educacional. Sabendo que nosso local de pertença normalmente está relacionado aos nossos afetos, é normal que muito artistas e professores se vinculem ao local. Como o objetivo do podcast é, também, trazer pautas que estejam circulando entre os integrantes, o assunto de volta às aulas presenciais e o cotidiano escolar era algo bem forte nas rodas de construção do conhecimento. Desta forma, a equipe decidiu entender um pouco a temática sob o ponto de vista de alguns educadores, buscando esclarecer algumas dúvidas e trazer informações para exercitar o senso crítico.

Os convidados do episódio foram Edvaldo, professor da rede pública e supervisor regional da Capela do Socorro; Rodrigo Alves, profissional da rede pública de ensino; Heron Ledon, professor da rede privada de ensino; Audrey Brandão e o filho Leonardo; Lívia Jacob e a filha Rosa Maria. Marina Bessa participa do momento poético declamando uma poesia de Maria Firmina dos Reis.

Episódio 16: Redes solidárias – Parte 1 (32 min – 29/05/2021)

É possível enxergar, ao longo dos episódios, significativas melhorias de qualidade dos áudios, dos roteiros, do enquadramento das temáticas e da identidade coletiva que vai

se constituindo e se rearranjando com o passar do tempo. Este episódio marca uma mudança de formato do podcast do CAPSartes em dois sentidos:

1) Agenda do CAPS: o quadro novo passa a abrir todos os episódios, sob o comando de Regina Rambaldi. A proposta é informar sobre todos os eventos do CAPSartes que acontecerão nos próximos dias, convidando os ouvintes a participarem mais ativamente do coletivo;
2) Momento Poético: um quadro que já existia no podcast, mas passar a ter um espaço reservado ao final da programação e conta com a apresentação fixa de Maira Garcia.

Sobre a temática, este episódio reflete sobre a importância das redes digitais solidárias nos tempos de pandemia. Isabela, coordenadora do Projeto Fluxo Solidário, dialoga sobre a questão da pobreza menstrual e da importância das redes de apoio para disseminar informações e arrecadar fundos para o auxílio de meninas que vivem em situação de vulnerabilidade social e passam por esse tipo de pobreza.

Episódio 17: Especial Constelação (2 min – 12/06/2021)

Cleane Gomes faleceu em junho, vítima da COVID-19. Cleane é ex-presidente do CAPSartes, é Xaréu, é mãe, filha, professora, amiga, capsiana. A equipe do podcast fez essa homenagem em forma de abraço para que todas as capsianas e capsianos se sentissem aconchegados nesse momento que impactou a todos.

Episódio 18: Redes Solidárias – Parte 2 (26 min – 26/06/2021)

Ainda na temática de redes solidárias, este episódio traz as vozes de Dani Leite, do Projeto Comida invisível e João, do Projeto Teu Espelho. Os entrevistados falam um pouco sobre a história das iniciativas contempladas as apresentadoras refletem sobre a importância desse processo de ajuda mútua em um momento de falta de amparo para populações em extrema vulnerabilidade social. É interessante perceber o aspecto coletivo que é trazido nesse episódio, pois, apesar do CAPS ser uma rede solidária, a proposta foi justamente buscar outras iniciativas que contemplassem demandas diferenciadas, como foi o caso da pobreza menstrual no episódio anterior e dos projetos de assistência alimentar, neste programa. A convidada do momento poético é Carol Lucas.

Episódio 19: Festas Julinas, São João, Festejos (28 min – 10/07/2021)

Este episódio foi festejo. Foi em uma reunião de pauta, conversando sobre a saudade das festas de São João, que a equipe do CAPSartes decidiu dançar essa quadrilha virtual. A ideia desse programa era trazer memórias das capsianas sobre festas juninas e julinas. Maria Luci, Regina Rambaldi, Marina Bessa e Alice Lobo soltaram a voz e o coração nos depoimentos e trouxeram histórias de todas as idades. Adenilson Albuquerque e Marcos Manoel apresentaram uma música temática, escrita de Maria Vilani, no momento poético.

Episódio 20: Editoras independentes (39 min – 23/07/2021)

Compreendendo a dificuldade do mercado editorial na era digital, a equipe conversou com Eduardo Lacerda, da Editora Patuá; Cesar Mendes da Costa, da Editora FiloCzar e Alessandra Silveira, representante do Selo Capsianos, para dialogar sobre as belezas e os desafios enfrentados pelas editoras independentes no contexto em que vivemos.

Escuta e vinculação

Como já dito anteriormente, o processo de construção de um formato para o podcast foi se modificando com o passar dos episódios e a partir de novas experiências adquiridas. Ao fim desta análise, a equipe estava configurada desta forma:

Coordenação: Letícia Souza e Maria Vilani;

Apresentação e roteiro: Bia Carvalho e Lívia Jacob;

Edição: Andreia Lobo e Marina Bessa;

Produção: Todas as participantes trabalham nesse eixo;

Produção Sonora: Joana Gomes;

Agenda do CAPS: Regina Rambaldi;

Momento Poético: Maira García;

A partir de uma visão mais coletiva da produção do episódio, através de reuniões periódicas de pautas que atribuíam a responsabilidade de criação a todas as participantes

do grupo, foi possível identificar uma comunicação mais dialógica, pois, para desenvolver ideias coletivamente, a escuta atenciosa é necessária. Passamos a notar que naquele ambiente estava se formando um processo comunicacional mais fluido, que se pautava na compreensão de informações anteriores e ia se construindo gradativamente.

José Eugenio Menezes (2016, p.23), nos diz que "é possível que degustemos muito pouco do que vemos e ouvimos". No processo de criação do podcast, o grupo passou a se atentar em como esse afeto gerado no CAPSartes poderia ser transportado através dos sons e, de forma consciente ou não, passaram a reconhecer o poder da escuta como artifício de vinculação. Foi interessante acompanharmos esse processo de perto, pois conseguimos perceber que, a medida que se preocupavam com a qualidade técnica e narrativa dos episódios, as participantes exercitavam seus próprios sentidos e acabavam aperfeiçoando não só o resultado final, mas todo o processo comunicacional de criação de uma obra sonora.

> Com o sentido do ouvido, não percebemos apenas as palavras que os homens nos endereçam pela fala e sua significação. Da maneira pela qual as palavras nos são endereçadas, ouvimos mais que sua significação; aprendemos alguma coisa sobre o locutor, que se exprime não em palavras, mas na própria enunciação. Pelo balanço do timbre da voz, da sua tonalidade, de sua intensidade e de sua articulação, o locutor se mostra ao ouvinte. (WULF, 2007, p.58).

Essa constante descoberta da escuta no *podcast* gera vínculos entre as participantes e cria afetos entre os ouvintes que, em sua maioria, já estão familiarizados com os trabalhos do CAPSartes. Alguns capsianos, inclusive, costumam acompanhar os episódios e comentam posteriormente com a equipe sobre as pautas levantadas, gerando interação dialógica a partir de um conteúdo criado em uma plataforma de *streaming*.

O espetáculo e a cultura do invisível

Vivemos em um contexto que nos confunde. Recebemos incontáveis informações diárias via internet. Descobrimos as *selfies* e nos perdemos dentro de um universo de possibilidades que, apesar de infinito, nos limita. "Quanto mais vemos, menos vivemos, quanto menos vivemos, mais necessitamos de visibilidade" (BAITELLO, 2014, p.116).

Nesse amontoado de retratos guardados nos smartphones, vivemos e nos comparamos nas redes. Por vezes, entendemos o outro não com a complexidade que sabemos que existe em todos nós, mas apenas pelos padrões ressaltados nas redes sociais. Nesse processo de ver objetos de comparação e não seres em construção, nos anestesiamos em uma realidade controlada por algoritmos. Norval Baitello Junior (2012, p.97), na obra *O pensamento sentado*, nos coloca uma grande reflexão: "Caberia aqui nos perguntarmos se essa insensibilidade para o outro não está intimamente associada a disseminação indiscriminada e inflacionada de janelas que não levam para o outro, que não mostram o mundo, mas a si mesmas".

A busca das nossas próprias janelas é importante, mas, como já dito aqui anteriormente, só somos capazes de nos encontrar a medida em que descobrimos o outro. Esse processo de identificação do eu está sempre relacionado às questões de pertencimento, de vinculação. Infelizmente, as redes sociais não nos auxiliam nesse duplo processo de construção de identidade, isto porque, elas não têm um princípio fundamental baseado na sociedade, mas sim, na individualidade.

As redes sociais são projetadas para que você se sinta o centro das atenções e isso não é por acaso. O que nos diferencia na virtualidade é a ilusão de que detemos um poder e um controle sobre o outro. Dessa forma, construímos o nosso espaço nulodimensional a partir de imagens que selecionamos para representar nossa personalidade e isso pode ou não ser leal à realidade. Depois, passamos a aceitar (ou não) o outro a partir das imagens que ele selecionou. Nessa lógica da sociedade como uma grande vitrine, o conteúdo normalmente não importa.

> A proliferação de imagens exógenas que vemos nos ambientes urbanos (seja no ambiente das cidades, seja nos ambientes virtuais) catalisa todo o nosso tempo e energia e, consequentemente, temos dado pouca atenção às imagens endógenas. Basta considerarmos o tempo que dedicamos à televisão, à internet, à telefonia em geral, e o tempo que dedicamos ao sonhos, aos relatos ou registros de sonhos, ao devaneio, ao ócio, à contemplação, à meditação, à dança ou à prática de alguma arte corporal. (CONTRERA, 2017a, p.64).

O que Malena Contrera coloca na reflexão acima nos parece um importante ponto para ressaltar. Todos nós temos as mesmas 24 horas no dia, mas nem todos vivemos o tempo da mesma forma. O tempo do mundo é diferente em cada espaço, lugar ou ambiente e muitas vezes não temos controle sobre isso, mas, em alguns aspectos, temos escolha.

Não temos controle sobre quantos minutos ou horas passaremos no transporte para chegar ao trabalho, mas temos escolha em como passaremos o tempo que temos disponível diariamente e, normalmente, não temos tomado essas escolhas de maneira consciente. Norval Baitello e Malena Contrera falam constantemente sobre o poder que as imagens têm de nos sedar. Anestesiados, continuamos repetindo um mesmo padrão mental: caminhamos nossos olhos por imagens que nem enxergamos, porque não estamos prestando atenção.

Cansados de uma rotina regida pelo capital, chegamos cansados em casa e descansamos nossos olhos nas telas. Anestesiados por um cansaço mental que não passa, olhamos sem ver, ouvimos sem escutar, existimos sem viver.

Como o Centro de Arte e Promoção Social se relaciona com essa reflexão?

O CAPSartes é formado com e partir do pensamento crítico e, desta forma, demanda a saída da zona de conforto. Assim como a grande maioria dos movimentos sociais, o Centro de Arte e Promoção Social é formado por pessoas que se recusam a viver anestesiados e que buscam partilhar a sensibilidade que aprendem. “O desenvolvimento de cada um passa pela compreensão do outro, por estar no lugar de outro” (BARROS, 2021, p.199)

O coletivo que analisamos aqui recusa o exagero das imagens, isto porque, desde o início, as Rodas de construção do conhecimento não podiam ser filmadas, para que todos se sentissem à vontade em compartilhar suas ideias e aprender no momento presente. Atualmente, as telas funcionam, para o CAPSartes, de maneira a agregar novos membros e permitir que o trabalho seja feito, mesmo em tempos de pandemia. Notamos que o objetivo central é a comunicação entre os participantes e os aparatos tecnológicos atuam apenas como meio de tornar isso possível.

Dentro desse contexto, compreendemos que a crise das invisibilidades não foi criada pela tecnologia, mas pelo mau uso daquilo que construímos como ferramenta de solução. Os ambientes virtuais nos trouxeram, em momentos de pandemia, muitos caminhos para a comunicação global, isso precisa ser levado em conta. Estamos devastando ambientes virtuais assim como temos feito há séculos com os territórios que ocupamos. Precisamos, de maneira urgente, aprender a conviver sem dominar e a desfrutar sem destruir.

A comunicação como resposta

> Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser. Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como "natureza", mas que por alguma razão ainda se confunde com ela. (KRENAK, 2020, p.69).

Essa complexa relação entre humanidade-mundo-natureza, proposta por Ailton Krenak, em *Ideias para adiar o fim do mundo*, nos lembra bastante a noção de ecologia da comunicação como percepção individual e coletiva do meio em que vivemos. Tudo é comunicação, assim como tudo é natureza. Aparentemente, o que grande parte dos pensadores humanistas têm percebido atualmente é que o desenvolvimento coletivo e compreensivo são fatores potentes de mudança.

A noção do diálogo como mecanismo de compreensão apareceu, só nesta pesquisa, nos pensamentos de Vicente Romano, Paulo Freire e Edgar Morin. A importância do ouvir esteve aqui presente através dos estudos de Eugenio Menezes e Christoph Wulf. As percepções dos vínculos e pertencimentos surgiram pelas vozes de Norval Baitello, Malena Contrera, Boris Cyrulnik e todos os outros que já foram aqui citados. Tudo que foi escrito até aqui foi buscando aprofundar os estudos comunicacionais como leitura de mundo.

O título deste tópico não foi dado por acaso, mas é importante ressaltarmos que temos, neste trabalho, a comunicação como resposta, mas não como a única resposta. Não acreditamos em resoluções únicas para problemas, principalmente na proporção da complexidade da crise comunicacional que vivemos atualmente, principalmente no período da pandemia do coronavírus.

Donatella Della Porta (2020), nos diz que "se as crises aumentam a competição por recursos escassos, elas também aumentam a percepção de um destino compartilhado".

No ambiente comunicacional aqui estudado, isso ocorreu de forma muito gentil. Outras pessoas passaram a fazer parte do coletivo que só cresceu durante esses tempos de crise mundial. Unidos, os membros do CAPSartes passaram a (re)descobrir o fazer artístico e cultural pelas telas, criando vínculos.

> A única coisa que pode proteger a liberdade, tanto da ordem que impõe quanto da desordem que desintegra, é a presença constante, na mente de seus integrantes, do pertencimento solidário a uma comunidade e do sentimento de responsabilidade em relação a essa comunidade. Assim, portanto, a ética pessoal de responsabilidade/solidariedade dos indivíduos é também uma ética social que sustenta e desenvolve uma sociedade de liberdade. (MORIN, 2020, p.71).

Esse fazer solidário, descrito por Edgar Morin, refletiu no CAPSartes através de uma comunicação que acolhe, porque, antes de ser fala, é ouvido. Esses diálogos baseados na gentileza da partilha readaptaram as afetividades e estabeleceram novas maneiras de existir.

Considerações finais: um amontoado de ideias em construção.

Este trabalho reúne angústia e esperança.

Angústia, porque desde o início desta pesquisa, mais de 4.360.000 pessoas perderam suas vidas no mundo por COVID-19, dessas, quase 570 mil mortes ocorreram no Brasil. Angústia pela falta de políticas de amparo às pessoas que passaram (e ainda passam) por tantas dificuldades durante essa pandemia do coronavírus.

Esperança, porque a angústia não desenvolve pesquisa. Porque, apesar de tantos percalços que a humanidade passou nesse período, a ciência foi o que nos manteve vivos. Paulo Freire (1992), nos diz que "Esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo" e, no fim das contas, este foi o principal objetivo dessas tantas linhas traçadas até aqui: fazer diferente. Buscar compreender o que somos como sociedade e o que ainda precisamos construir através da comunicação para que, juntos, busquemos uma estrutura social que contemple todas, todos e todes.

O afeto é a resposta, porque é através dele que entendemos o sentido de pertencer e de nos vincular. É a partir do diálogo que passamos a ouvir o outro com o coração aberto

à dúvida, porque é a dúvida que nos movimenta. Esse trabalho só prova que a certeza não nos leva a lugar nenhum, porque a nossa única constância é o movimento.

Somos caminhantes e nada nos tira isso. Caminhamos com os pés na terra e no asfalto e, hoje, isolados, caminhamos com os dedos nas teclas, nas telas. Caminhamos os olhos nas imagens que nos cercam e os ouvidos, em tudo aquilo que percebemos. Caminhar é conhecer e, algo nos diz, que é pra isso que estamos aqui: descobrir o mundo através dos sentidos que nos são dados e compartilhá-lo com aqueles que nos vinculam pelo caminho.

Caminhamos ao CAPSartes e, a partir dele, descobrimos uma série de outras possibilidades do aprender e do fazer comunicacional. O Centro de Arte e Promoção Social foi o fenômeno de pesquisa escolhido para compreender sobre as esferas do afeto, do pertencimento e da vinculação. Isso foi feito. Descobrimos universos afetivos nunca antes explorados em nós. Descobrimos outros e, por consequência, conhecemos nossa própria vida. No entanto, não se estabelece o conceito dos afetos, porque isso limitaria o nosso próprio sentir e esse nunca foi o nosso objetivo.

Há milhares de outros universos afetivos a se descobrir.

Dentre essas páginas de descoberta, destacamos nesta conclusão a noção de ecologia da comunicação, que nos ajudou a compreender que apesar de únicos, somos complexos e complementares, dependemos do funcionamento do mundo, porque também somos natureza. Somos seres dotados das capacidades de escuta, interpretação e do fazer cultura e isso faz de nós, responsáveis por aquilo que criamos e disseminamos.

Descobrimos que o ouvir é parte ativa da comunicação dialógica e que, sem ele, não se estabelece vínculo. Ouvir é trazer o outro para dentro de si. Talvez a maior descoberta que o CAPSartes nos proporcionou seja uma perspectiva prática dessa mudança de paradigma para uma cultura baseada na gentileza de escutar o outro com atenção. Como sociedade, somos seres falantes demais. Criamos e impomos certezas que não temos e que não existem, de fato.

Talvez a resposta seja sempre manter a incerteza. A curiosidade. Enquanto houver a dúvida, haverá a necessidade da escuta do outro e, por consequência, a comunicação.

ANEXO 1 – Carta para Paulo Freire (Maria Vilani)

São Paulo, 24 de agosto de 2018

Querido Paulo Freire, recebi um convite do André Gravatá para participar de uma mesa com Claudia Adão da qual você é o patrono, cujo mediador será o próprio Gravatá, gente guerreira da nossa luta. Esse convite causou um reboliço na minha vida, primeiro porque o tema é PEDAGOGIA DA INDIGNAÇÃO, um livro que eu desconhecia, mas eu gosto de desafios e também tenho humildade suficiente para dizer daquilo que não sei, mas o ideal é esforçar-me para corresponder à confiança do meu anfitrião.

Por isso iniciei uma pesquisa acerca do citado livro, foi aí que entristecida descobri quão rara é essa preciosidade, depois de muitas idas e vindas às livrarias consegui o tão sonhado único exemplar em uma livraria para a qual me desloquei 20 km. Peguei o tão desejado exemplar e comecei a ler. Na leitura iniciei uma viagem à minha memória e lá passeando tive uma vontade danada de escrever essa carta para lhe dizer como o conheci.

Eu, aos 40 anos, primeiranista do Colegial, hoje Ensino Médio, quando tomei conhecimento de um curso de Alfabetização de Adultos (no meu bairro tinha muitos analfabetos), uma colega perguntou se eu gostaria de fazer o curso preparatório para alfabetizadora; eu levei um susto, como eu ainda estudante do Ensino Básico poderia alfabetizar? Foi nesse momento que apresentaram você para mim.

Fiz o curso, não me tornei alfabetizadora porque não consegui conciliar família, trabalho e estudos, mas conhecer você foi abrir um portal iluminado. De lá para cá, munida do escasso conhecimento da sua pedagogia, passei a adotá-la primeiro em casa junto da minha família, em seguida, nos projetos junto à comunidade e na escola quando me tornei professora de filosofia.

Eu que sempre participei como voluntária em algum projeto, a partir daquele momento mudou o meu olhar acerca da minha contribuição. Aquilo que eu entendia como caridade agora tinha outra conotação – responsabilidade social. Minha compreensão se estendeu da consciência ingênua à consciência crítica. Aos poucos fui modificando a minha prática.

Até hoje faço parte do CAPSartes, uma organização que está completando 28 anos de certidão de nascimento registrada, mas se contarmos com a sua gestação ela tem pra lá de 30 anos. E durante todo esse tempo eu e um grupo de pessoas que também desenvolveram o senso crítico trabalhamos incessantemente para retirar da clausura o conhecimento e trazê-lo para somar com o conhecimento oriundo da sabedoria do povo.

Para tanto elaboramos um projeto que se intitula RODAS DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO – atividades que acontecem nos finais de semana em vários espaços. Na Escola Estadual Professor Carlos Ayres, no primeiro sábado do mês, realizamos um PINGADO FILOSÓFICO COM NOTAS MUSICIAS, nessa roda filosofamos sobre tudo que envolve música; em seguida um CAFÉ FILOSÓFICO, um estudo de Filosofia; no Centro Cultural do Grajaú, no terceiro sábado realizamos uma RODA DE POESIA, momento em que se fala e se escuta poesia com muita atenção; no quarto sábado no Centro Cultural do Grajaú, uma RODA DE PSICOPEDAGOGIA, onde estudamos as dificuldades de aprendizagem e tudo que as envolvem; no último domingo na Associação de Mulheres do Grajaú, uma RODA DA HISTÓRIA DA MULHER, onde mulheres e homens estudam passado e presente da mulher, bem como refletem o seu futuro.

Convém ressaltar que nessas rodas impera o diálogo, o mediador ou mediadora é alguém que de certa forma transita pela área do saber que é tema da roda, porém atua como um facilitador. Não permitimos gravações ou filmagens durante o bate-papo para que seus participantes não se sintam inibidos ao falar, pois essas rodas são compostas por pessoas de todas as idades, de todos os níveis de escolaridade e das mais variadas profissões. É aí que está a boniteza das rodas.

Ainda temos em nossa sede, no Grajaú, todos os domingos, um ateliê de escrita que funciona dentro da metodologia das rodas, porém com um público permanente, ou seja, são os mesmos participantes todos os domingos, esse ateliê também acontece no Centro Cultural de Santo Amaro, no segundo sábado do mês, bimestralmente.

É interessante ressaltar que o público do Ateliê de Escrita é heterogêneo, pessoas de todas as idades, de variados níveis de escolaridade e profissões. Os mediadores são pessoas que transitam nas áreas de Ciências, Filosofia e Letras, mas atuam como facilitadoras, pois temos o cuidado de valorizar todo pormenor de cada um dos participantes; todos entendem o ateliê como uma roda de aprendentes.

O conhecimento que é construído no ateliê tem a esperança de ser publicado, por isso guardamos tudo com muito carinho. Em 2016 publicamos duas coletâneas e um livro de um autor que na época tinha 18 anos, porque ganhamos apoio financeiro. Foi uma grande alegria, lançamos nossos livros na Bienal. Olha que boniteza! E o mais importante é que os nossos livros foram publicados pelo nosso selo, o SELO CAPSIANOS. Um selo criado por capsianos para os capsianos.

Professor Paulo Freire, além de todas essas atividades nós realizamos todos os anos, no mês de agosto a festa de comemoração de aniversário do CAPSartes, esse ano completamos 28 anos conforme citei anteriormente nesta carta. Foi uma festa linda. A arte homenageada esse ano foi a da TATUAGEM. Em outubro seguiremos homenageando essa arte milenar, na CARREATA POÉTICA seguida de PROCISSÃO POÉTICA, evento que também acontece anualmente.

Amigo Paulo Freire, nós também idealizamos o FÓRUM DE CULTURA do nosso território, uma região rica em arte. Nós nos sentimos muito orgulhosos de sermos representados por esse Fórum, um espaço onde se reúnem os coletivos culturais toda primeira quarta-feira do mês às 19h30 no Centro Cultural Grajaú.

Essa é uma história inspirada em você, Freire.

E agora, eu gostaria de mostrar um poema que escrevi inspirado em você:

QUEM SOU EU?

Eu sou o nada quando perco

A minha flexibilidade

E resisto às mudanças

E me fecho ao mundo

O mundo que me chama

Ao convívio com os outros

O mundo que se mostra

Plástico e mutável

Exige de mim

Nesse convívio com os outros

A mesma plasticidade

Na efemeridade do viver

E pensando no tema da mesa para a qual fui convidada, vou mostrar para você o poema que escrevi:

ESTAÇÃO VELHICE

É difícil envelhecer. Primeiro, porque não se chega lá.

Antes se morre se não de tédio, de revolta ou de inanição.

E quando se consegue, no mundo real não há perspectiva.

Há um contínuo lutar sem forças, para não chegar.

Na ficção, no mundo das palavras, onde tudo é velado,

Onde autores com belas palavras empenham-se em ajudar.

Com autoajuda generalizam as particularidades;

Nesses livros dourados, perdem-se as singularidades.

Vez ou outra aparecem depoimentos de gente que muito viveu.

Que foi muito feliz. E teve mil maneiras para construir sua felicidade.

E despeja as suas maneiras de ser e de agir como receitas universais.

Não atentam que cada ser é um universo em particular.

Envelheci! Não morri de tédio, nem de revolta, nem de inanição.

Cheguei à ESTAÇÃO VELHICE: Estou aqui!

Estou morrendo de indignação com o descaso e o abandono

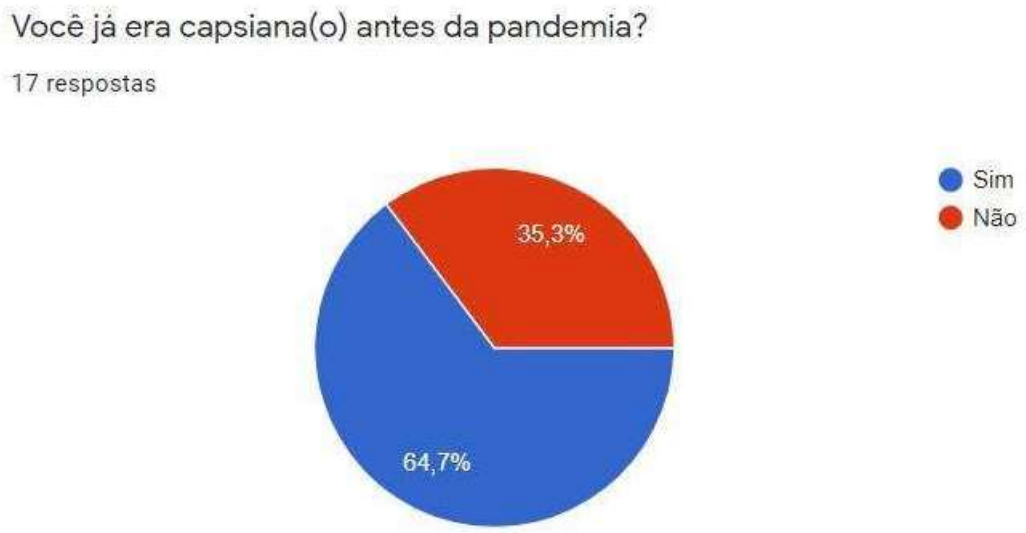
A essa estação tão propagada e venerada nos dias atuais.

Professor Paulo Freire, a colega que há 28 anos apresentou você para mim, nem desconfiava do reboliço que faria na minha vida.

Receba os agradecimentos dessa sua indignada discípula,

Maria Vilani

ANEXO 2- Respostas do formulário (CAPSartes e afetividade)



Pergunta: Como o CAPSartes entrou na sua vida e de que forma você se sentiu afetada(o) por esse ambiente?

Adenilson Albuquerque: O CAPSartes entra na minha vida a partir do momento em que, em alguma entrevista, o cantor Criolo falou de sua mãe. Desde aí passei a me interessar em conhecer o trabalho, a filosofia e a literatura de Maria Vilani, os quais me chamaram a atenção. Passei a conhecer as Rodas especialmente a partir do formato *online*. Entrei na Roda de Filosofia, fui muito bem-acolhido. A democracia, a busca de conhecimentos e a afetividade entre os participantes são o que mais me afetam no CAPSartes.

Ana Cristina de Souza Costa: Venho desde o MOCAP início de muito disso. O CAPSartes me inspira e muito em tudo que representa cultura.

Andréia Leão: conheci o CAPS (e conheço ainda), de forma virtual. Num sábado fui até o endereço novo, onde estava instalada minha produtora e como chovia muito eu decidi "assistir" uma RODA DE EDUCAÇÃO, para esperar a chuva passar e estavam nessa Roda Melissa Anjos, Marcelo Sena e Maria Vilani. Então fui informada de que no CAPS ninguém só assiste, todos somos convidados a participar. E fiquei.

Andreia Lobo: O CAPSartes entrou na minha vida em 2015 no meu último ano da faculdade de pedagogia, quando Dona Maria Vilani foi convidada pelas alunas da faculdade a fazer uma palestra. Eu fiquei encantada, principalmente por saber que o

CAPSartes era do Grajaú, meu lugar de morada. Lembro que fiquei pensando "preciso conhecer essa Ong", pois eu já fazia voluntariado no meu bairro e poderia aprender com a Dona Vilani, que contou histórias de resistência pela educação e arte. A Faculdade terminou e os anos se passaram com correria da vida frenética tipicamente paulistana, me levando pra outros caminhos, mas sentia falta de poder conversar, discutir, debater sobre educação, cultura e arte, temas relevantes para minha prática como professora/pedagoga e cidadã. No início de 2020, a Ana Cristina Costa, que sempre estava engajada em divulgar, palestras culturais, trabalhos voluntários na região, postou no *status* o primeiro encontro da Roda da Educação, antes da pandemia, onde continha a imagem de Paulo Freire com o nome de Dona Maria Vilani. Logo de primeira me chamou atenção, mas ainda não fazia ideia que era a mesma Vilani da faculdade.

Então, em um belo sábado à tarde fui toda animada, achando que participaria de mais uma palestra como tantas outras e logo no portão fui muito bem recebida pelo Vitinho, neto da Dona Vilani, em uma casa simples fui envolvida com muito afeto, simplicidade, arte e conhecimento para compartilhar. Foi quando Dona Vilani se apresentou que eu fui a reconhecendo. Me sentia cada vez mais confortável, acolhida em todos os sentidos. Cada fala, depoimento que pude ouvir e também compartilhar ficaram marcados na minha vida, conheci pessoas muito especiais, como a Melissa, o Marcelo, a Fátima Queiróz e a Bia Carvalho, uma menina talentosa que me acolheu e mesmo com a situação pandêmica em que vivemos até hoje, juntas estamos envolvidas com trabalhos maravilhosos no CAPSartes que nos faz crescer, desenvolver, multiplicar e compartilhar nossos talentos e tempo com outras pessoas.

O CAPSartes me afetou positivamente, pois consegui ser acolhida com afeto e respeito por todos, como da primeira vez no presencial e quando os encontros passaram a ser online, muito timidamente, fui conhecendo as diferentes rodas, com grande diversidade de pessoas, percebi que eu tinha encontrado um coletivo no qual eu podia aprender e ensinar, um coletivo que confia no nosso potencial.

Dandara Souza Costa: Eu sou a mediadora da roda da infância e sou filha da Ana Cristina de Souza Costa e sobrinha do Adriano Mendes capsianos.

Fábio Roberto Lucas: Boa parte da minha família (tios, primas, avós etc.) vive (ou viveu) no Grajaú desde que eu nasci e duas primas residentes no bairro se envolveram com o CAPS antes de mim. Foi por meio delas que conheci o trabalho do Centro de Arte e Promoção Social, cujo ambiente desde o início foi bastante inspirador, pelas propostas, desafios e objetivos políticos, sociais e culturais que a instituição põe em questão.

Joana Gomes: Eu conheci o CAPS quando fazia minha tese de doutorado sobre o Criolo. Pesquisando sobre ele me deparei com a história de vida da mãe dele, Maria Vilani e já me apaixonei por usa história e principalmente pelo trabalho que ela desenvolvia no CAPS. Vi em uma reportagem que havia todo ano o aniversário do CAPS. Confesso que o bolo que aparecia na reportagem e a felicidade das pessoas em volta me chamou atenção. Até hoje, o bolo de aniversário do CAPS é um momento especial, pois um dia eu apenas via pela reportagem na web e logo depois estava participando dos aniversários. O primeiro aniversário do CAPS que participei, foi em 2016, enquanto fazia a pesquisa sobre o Criolo. Eu havia ido ao Grajaú para entrevistar um DJ que participou da pesquisa e descobri na agenda do CAPS na web que teria a festa de aniversário. Os aniversários do CAPS duram o dia todo, mas eu só pude chegar no final, por causa da entrevista. Mas cheguei a tempo de cortar o bolo. Fui muito bem recebida pela Maria Vilani que fez questão de me apresentar a todes. Até saí na foto com todos os capsianos. Desde então, eu comecei a seguir a programação do CAPS. Como moro no Rio de Janeiro, eu só podia ir poucas vezes por ano. Então eu sempre agendava de ir a SP quando tivesse alguma atividade do CAPS. Eu queria conhecer as rodas de construção do conhecimento e participei de duas rodas no Centro Cultural Grajaú, de psicopedagogia e depois da história da mulher. Também fui a dois encontros do Ateliê de Escrita, em meses diferentes e conheci alguns dos escritores que participaram dos livros de produção coletiva do CAPS. A essa altura eu já tinha todos os livros do CAPS. Até hoje são meus livros de cabeceira. Participei de duas carreatas poéticas e nunca vi evento de arte tão fabuloso. Participei de quase todos os aniversários do CAPS desde 2016. Com a aproximação das pessoas do CAPS, acabei me envolvendo bastante, principalmente agora que podemos nos conectar pela internet. Assumi alguns compromissos como fazer a produção musical do podcast do CAPS, produção musical da roda cantante e coordenar o núcleo de arte. O CAPS é tão presente na minha vida que planejo me mudar para SP para poder participar mais ativamente quando voltar as atividades presenciais. Acho que isso já diz bastante de como fui afetada pelo CAPSartes. É claro que o afeto está na relação com as pessoas que fazem parte dessa instituição, mas o que é relevante é que a missão do CAPS é justamente levar

a arte até as pessoas, propiciando que artistas já profissionais ou não, consigam expressar sua arte e mostrar, seja por meio da publicação em livros, pelo selo capsiano, ou pela participação nos eventos. O propósito do núcleo de arte é justamente ampliar as atividades do CAPS para além da literatura, que acontece no Ateliê de Escrita, incluindo o teatro, a dança, a música e artes visuais. Assim, artistas profissionais ou aspirantes poderão através do CAPS desenvolver sua arte de forma coletiva e individual. É um grande desafio, mas acredito que tudo é possível no CAPS, pois todes que lá estão, estão por amor a arte e solidariedade aos outros. Então somos um coletivo que age em prol da arte e de nosso próprio desenvolvimento artístico amador ou profissional, o que acaba afetando nosso desenvolvimento afetivo, emocional e até espiritual.

Letícia Constância: Eu tenho uma amiga que é muito amiga de uma outra capsiana e ela sempre me falava sobre o coletivo, que eu ia amar e que teria que ir lá um dia. Aos poucos eu fui acompanhando nas redes sociais, aí entrei pro grupo de divulgação das atividades no CAPS, depois estive na FLIG - Feira Literária do Grajaú e já fui super bem recebida. Ainda um pouco tímida em comparecer nas atividades presenciais, eu soube que Dona Maria Vilani estaria num evento de lançamento do seu livro *Abcesso* perto da minha casa e resolvi aparecer. Senti tanta coisa boa naquele encontro que na semana seguinte tomei coragem pra ir numa roda de educação sobre Paulo Freire. Eu tinha uma certa timidez de chegar lá sem conhecer ninguém porque as pessoas do CAPS parecem muito uma família, mas nessa primeira roda que eu fui já saí de lá com um sentimento de que era amiga de todo mundo. Não é só o jeito que te recebem, é como a roda é estruturada para que você se sinta à vontade. Nessa época eu estava saindo da minha fase mais grave da depressão e todo o amor que recebi ali e todo o conhecimento que a gente vai absorvendo me transformaram muito como ser humano. Você recebe tanto e fica com vontade de contribuir também de alguma forma, é muito contagiante.

Lívia Veiga: Conheci o CAPSartes através das postagens do Criolo e de Dona Maria Vilani. Passei a acompanhar através de suas falas e entrevistas. Sua existência, trajetória e construção são muito inspiradoras. Dá muita vontade de se aproximar e aprender.

Luan Siqueira: Conheci o CAPSartes em meados do ano de 2015, creio tê-lo encontrado ou ter me encontrado. Jamais saberei ao certo (afinal, a memória é também o reino da desinvenção). Acho que nos tornamos um pouco imortais (com o outro intimamente tecido em nós) quando da esperança de cada primeiro e derradeiro encontro.

Maira Garcia: Através da Roda de Poesia, atividade muito acolhedora, que privilegia a escuta com as conversas em torno dos poemas, dando importância para o trabalho de todes ali, foi algo que me motivou a voltar, e assim me tornei assídua e entrei no CAPSartes!

Marcos Manoel da Silva: Após contato como universitário decidi me aproximar do grupo para conhecer mais sobre o trabalho.

Maria de Fátima Queiroz: Conheci a Maria Vilani em uma escola a uns anos atrás ouvi sobre o trabalho do CAPSartes, depois de algum tempo comecei a participar das atividades na sede e no Centro Cultural Grajaú.

Marina Bessa: Conheci o CAPSartes através de uma amiga querida que sempre falava a respeito, divulgava as rodas e as ações e me encantei com esse universo poético e de conhecimento promovido pelo espaço. Ao fazer parte me senti bastante acolhida, conheci pessoas maravilhosas, descobri que temos muitas afinidades e me orgulho de fazer parte e contribuir um pouquinho com esse projeto lindo que se alinha com o meu propósito de vida.

Priscila Moreira: Primeiramente obrigada pelo convite da pesquisa. Vida longa à pesquisa, ao mundo acadêmico da pesquisa. A minha história com CAPSartes começa em janeiro de 2012 quando fui visitar a ONG e Maria Vilani para conhecer de perto o trabalho. A intenção era levar para Recife a experiência CAPSartes, para dentro da programação do evento da EXPOIDEIA. A presença da Maria Vilani na programação não aconteceu por conta de problemas de saúde que ela estava vivendo na época, mas a partir deste encontro fomos criando uma relação de amizade e particularmente não consegui mais me afastar das ações do CAPSartes, percebi que era um lugar onde queria estar trabalhando e aprendendo em prol da cultura e educação. E aqui estou há quase 10 anos grata pela confiança não só da Maria Vilani mas de todos que fazem o Centro de Arte e Promoção Social.

Regina Rambaldi: Conheci Maria Vilani no lançamento do livro dela "Penteando a vida" e foi numa galeria de arte roots na vila Madalena, mas eu sabia quem era ela já, através de uma amiga que na época, namorava o produtor do artista Criolo, então ela me levou, dizendo que era tudo a minha cara na Ong que a Vilani comandava. Moro bem próxima ao Grajaú e não sabia que ao lado de casa tinha esse trabalho social, artístico e literário tão forte. Nesse mesmo dia, declamei uma poesia (porque virou um sarau a noite de autógrafos. Incrível…) de minha autoria, uma música antiga de 1983 e assim, também

conheci o presidente do CAPS, o professor Israel, que me convidou para um eventos deles no Mis. Fui! Lá conheci vários capsianos e até fiz um coral no palco com eles (que acolhimento!). Isso era novembro de 2016. Último evento do ano. Em fevereiro de 2017 estava eu lá, no primeiro encontro do ano, que foi no Centro Cultural Grajaú, onde aconteciam as rodas de construção de conhecimento. Fui tão acolhida pela Vilani, Seu Cleon, Clayton, Israel, Alê Silveira, Dora, Fábio, Maria Luci, entre outros tantos. E aí não larguei mais a mão de ninguém e ninguém largou a minha. Afeto incondicional.

Pergunta: De quais atividades do CAPSartes você faz parte?

Adenilson Albuquerque: Ateliê de Escrita e Criação Literária; Roda Cantante; Café/Pingado Filosófico; Roda de Educação; Núcleo de Artes; Roda de Política; Roda de Inclusão; Roda de Psicologia; Curso de Libras.

Ana Cristina de Souza Costa: Sou mediadora da Roda de estudo sobre Mulheres.

Andréia Leão: Roda de Educação, Grupo de comunicação, GT, Núcleo fonográfico e audiovisual.

Andreia Lobo: Faço parte da Roda da inclusão, Roda da infância, Roda da história da mulher, curso de Libras e do Podcast do CAPSartes,

Dandara Souza Costa: Roda da infância e capsianinhos.

Fábio Roberto Lucas: As mais frequentes: café filosófico e ateliê de escrita. Também contribuo em outros núcleos (núcleo transdisciplinar de pesquisa, coordenação das rodas de conhecimento), por meio de conversas e atividades burocráticas.

Joana Gomes: Vixe. Tenho como responsabilidade fazer a trilha sonora do podcast do caps, a produção musical da roda cantante, gravando bases instrumentais para cantora que se apresenta na roda, a participação nas rodas cantante e a coordenação do Núcleo de Arte. Mas estou em vários grupos que acompanho as atividades conforme minha disponibilidade. Sempre participo das reuniões da diretoria e contribuo mensalmente para ajudar nas despesas do CAPS.

Letícia Constância: Já estive na roda de educação algumas vezes, na roda cantante, na roda de poesia e na roda de inclusão. A que eu mais acompanho é o café filosófico e também participei do desenvolvimento do podcast, do qual estou afastada no momento por demandas pessoais.

Lívia Veiga: Podcast CAPSartes e Curso de Libras.

Luan Siqueira: Já fui mediador do café filosófico e do ateliê de escrita e criação literária, hoje não mais, mas me considero ainda um atento ouvinte.

Maira Garcia: Roda de Poesia, Sarau Constelação Poética, Comunicação e Podcast.

Marcos Manoel da Silva: Roda das Psicologias, Grupo musical Capsianinhos.

Maria de Fátima Queiroz: Do ateliê de escrita. Mas sempre que posso participo das demais atividades.

Marina Bessa: Podcast CAPSartes.

Priscila Moreira: É uma pergunta bem difícil, mas tenho o Café Filosófico como uma roda especial pois faz parte da minha memória afetiva, é a roda mais antiga do CAPSArtes e pude presenciar o seu desenvolvimento de perto.

Regina Rambaldi: Oficialmente sou a primeira tesoureira, nas festas que aconteceram eu sempre estava na produção, participei do Ateliê de escrita como ouvinte e escritora, mas não publiquei nada. Estive em todos os eventos de 2017 e meio de 2018, mas me afastei por motivos profissionais de meio de 2018 a 2020 inteiro. Quando voltei para me dedicar, mesmo na pandemia estou me encontrando mais, fui convidada pela Joana a participar do Núcleo de Artes, onde desenvolvi meu lado compositora e cantora e também fui convidada a entrar no grupo de produção do Podcast do CAPSartes e estou amando apresentar as rodas de construção do conhecimento. Fui super acolhida em ambos novos projetos pelxs voluntarixs e já somos uma família.

Pergunta: O que te motiva a participar do CAPSartes?

Adenilson Albuquerque: O que mais me motiva é a possibilidade de encontro e conhecimentos entre pessoas que demonstram afinidade à filosofia do CAPSartes.

Ana Cristina de Souza Costa: Sei lá, é um vício divino de cada dia encontrar uma dose de conhecimento e novas experiências sempre.

Andréia Leão: a certeza de estar contribuindo de forma ativa, para a transformação social do nosso país.

Andreia Lobo: Poder estar em lugar democrático, livre de preconceito, envolvido com afeto, respeito, cultura e arte, onde eu posso ser eu mesma e ter liberdade e espaço para me desenvolver e ter pessoas que confiam em nosso trabalho e vontade de construir conhecimento juntos e crescer como pessoa em vários aspectos da vida.

Dandara Souza Costa: O quanto eles fazem tudo ficar mais legal.

Fábio Roberto Lucas: O CAPS é um território de experimentação de dilemas políticos, culturais, sociais etc. integrado nesse outro território de experimentação que é o bairro do Grajaú e a cidade de São Paulo.

Joana Gomes: O carinho que as pessoas que estão lá tem comigo, a forma afetuosa e respeitosa de todos se relacionarem, o trabalho com música que tenho desenvolvido e a possibilidade de contribuir para o trabalho de outros capsianos na coordenação do núcleo de arte, como por exemplo, incentivando a composição musical. Desde que ativamos o núcleo de arte já temos várias canções compostas por capsianos que só estavam esperando uma oportunidade para se descobrirem compositores. Também temos planos de ativar uma produtora fonográfica, para que, assim como acontece com os poetas e escritores do CAPS, os compositores e intérpretes possam lançar seu trabalho artístico através da produtora do caps. Enfim, são muitos planos e sonhos, além do prazer de fazer parte desse coletivo.

Letícia Constância: Acho que antes dessa troca de energia muito potente que acontece no CAPS vem um outro fator que é ver a sociedade civil se organizando em torno de uma causa. Eu vinha procurando algum lugar onde eu pudesse desenvolver um trabalho voluntário e não que outros trabalhos não me comovessem, mas essa energia de fazer algo que a gente vê sendo transformado em benefício pra nossa comunidade é uma sensação que eu só tive no CAPS. Eu acredito demais na educação como agente de mudança e ali no CAPS existe um empoderamento do cidadão. Não é apenas sobre ensinar. É entender e relacionar aquele conteúdo com o seu meio de vida, com a sua realidade, reconhecer que existe valor na periferia, é dar voz pra uma galera que muitas vezes teve diversas

portas fechadas. Eu nasci e cresci em Carapicuíba, uma cidade de periferia muito semelhante ao Grajaú, e lá eu ouvi diversas vezes discursos que limitam o que o nosso povo pode ser por causa do cep onde residem e lá no CAPS não tem nada disso: o discurso é que a gente pode ser o que quiser, da forma como quiser, basta abrir a mente. A educação não é o fim, é o meio pra algo muito maior. Uma pessoa que sabe que merece mais não se conforma com a realidade imposta e essa mudança de pensamento pode causar uma transformação profunda que extrapola o indivíduo.

Lívia Veiga: Aprender e estar com pessoas disponíveis a construir conhecimento. É um espaço de construção de conhecimento muito cuidadoso.

Luan Siqueira: Minha finitude. A vida nos atribuí uma grave indagação: com que contrária face verdadeiramente confrontaremos a morte ante a inventada imagem (do tempo) que nos contempla, se de resto, somos memória e desacerto?

Talvez a falta de uma possível resposta seja pois, minha real motivação.

Maira Garcia: A possibilidade dentro de uma rede que multiplica afeto através do conhecimento, ajudar a contribuir para a Cultura do Grajaú e onde o CAPSartes puder alcançar.

Marcos Manoel da Silva: A possibilidade de presenciar e de ter contato com diversas pessoas bem como suas histórias e trocas de experiências. A possibilidade de compartilhar a vida e buscar o meu desenvolvimento enquanto ser humano.

Maria de Fátima Queiroz: Mesmo sem participar oficialmente, sempre me senti acolhida. Quando conheci mais de perto vi que era uma família que se escolhe. Adquirir mais conhecimento com tantos capsianos sensíveis, bons profissionais é o que me motiva.

Marina Bessa: O objetivo de tornar a arte mais acessível, o aprendizado e as pessoas que fazem parte.

Priscila Moreira: É um ambiente acolhedor, é um espaço que nos incentivam a ir em busca do conhecimento e de forma partilhada. O conhecimento é libertador, e este conhecimento sendo buscado com outros nos humanizam.

Regina Rambaldi: Desde a adolescência sou devoradora de arte, cultura, música, poesia. Encontrei nesse ambiente, possibilidades de realizar sonhos e de poder conviver com pessoas de todos os jeitos e crenças. Expansão de consciência é o que busco onde eu ando.

Me realizo com meus sonhos e com o sonho de cada um que forma essa família.
Constelação.

Reflexão ou comentário: Esse aqui é um espaço livre para você florescer. Deixe seu comentário, observação ou história que considerar importante sobre sua relação com o CAPSartes. Vou ler com muito carinho. (Se a inspiração não aparecer, sinta-se livre para não responder).

Adenilson Albuquerque: Tudo é importante no CAPSartes. Pessoalmente, um dos momentos mais especiais foi o dia em que falei com a Professora Maria Vilani por áudio no *whatsapp*. É muito bom saber que somos parte de um coletivo, que temos espaço para escutar, falar e construir juntos.

Ana Cristina de Souza Costa: CAPSartes é tudo que o desgoverno disse ser desnecessário em seu início de mandato e se fez luz durante essa pandemia.

As rodas online que já eram massa presenciais se tornaram cada vez mais essenciais na vida de muitas pessoas.

Andréia Leão: conhecer o CAPS e consequentemente de perto Maria Vilani, salvou minha saúde mental neste momento tão delicado de isolamento social e tantos óbitos e questões complexas como o desgoverno e os rumos que a saúde do nosso país se encontra tão abalada. Encontrei no CAPS um lugar de voz e de oitiva. Conversar sobre conteúdos artísticos, políticos, sociais com pessoas comprometidas a trabalhar e coerentes, me fizeram bem particularmente. Tenho assistido todas as Rodas possíveis e quero contribuir cada vez mais com este projeto e as pessoas que nele se encontram. Todos sem exceção me deram razões para ficar. Admiro cada um dos capsianos que tive a felicidade de conhecer. Quero deixar aqui dito que Maria Vilani é uma mulher admirável e em tudo ela contribui, não me lembro de ter convivido de perto com alguém tão lúcido e ao mesmo tempo tão acolhedor. Acredito que nós que estamos ao seu lado não dimensionamos com clareza o tamanho desta admirável mulher.

Dandara Souza Costa: Pela primeira vez que soube do CAPSartes pela minha mãe e o meu tio e foi aí que eu conheci o CAPSartes.

Fábio Roberto Lucas: Com seus 30 anos de vida, suspeito que o Caps está ainda apenas começando!

Boa sorte na pesquisa, Bia!

Joana Gomes: Bom, acho que já falei bastante lá em cima... Mas só para fechar a conversa, a afetividade é algo bem difícil de se estudar visto que é totalmente subjetivo. No CAPSartes é assim: existe alguma coisa, tipo uma energia que agrega pessoas que geralmente estão carentes de afeto ou mesmo de conhecimento. E de uma forma completamente única o CAPSartes consegue agregar essas pessoas e propiciar, nos momentos de encontro, não só afeto pessoal, mas o acolhimento que por incrível que pareça acontece na troca de conhecimento, de experiências. No CAPSartes, não existe alguém que sabe e ensina para os outros, todos são acolhidos e percebidos em sua potência, e o reconhecimento dessa potência de cada um é que sustenta essa rede de afeto. No CAPSartes, todos contribuem com o que sabem e sempre se aprende alguma coisa sem ninguém estar necessariamente ensinando. É nessa troca que as pessoas se descobrem artistas e se sentem à vontade para se expressar. É difícil explicar porque é muito subjetivo. Para entender o CAPSartes tem que participar e sentir. Espero que você encontre palavras pra explicar esse fenômeno que acontece no CAPS. Com certeza você já escolheu o melhor objeto de estudo para esse tema. O CAPSartes é sem dúvida um ambiente de afetividade pulsante.

Letícia Constância: Ah eu quero falar do primeiro episódio do podcast, que foi uma homenagem ao livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus. Esse episódio saiu em carro de som do Grajaú até o MASP dentro do evento "Virada Sustentável", foi uma maneira de fazer acontecer um outro evento do CAPS chamado "Carreata Poética", que ficou impossibilitado de acontecer presencialmente diante da pandemia de covid. Me emocionou muito num momento como esse de isolamento que a poesia ainda seja ferramenta de conforto, de trazer alívio mesmo que momentâneo. Levar cultura para as pessoas dentro da casa delas. Esse evento eu vou carregar no meu coração por toda a vida!

Lívia Veiga: Sou imensamente grata por estar junto desse grupo de pessoas, sobretudo nesse momento que vivemos, onde as conexões e as organizações de construção coletiva são tão urgentes. É muito bom, mesmo que de longe, fazer parte de um grupo de pessoas verdadeiras que buscam melhorar a cada dia.

Luan Siqueira: Aprendi a ser também o outro: a vida.

Maira Garcia: É muito gratificante encontrar um lugar que encoraja pessoas a trazerem suas vocações artísticas e multiplicarem conhecimento. O CAPSartes me fortaleceu enquanto pessoa e artista, e isso se deu através da Maria Vilani e todes que passaram no projeto desde que eu entrei, projeto que me fez ir do ABC até o Grajaú. Conhecer a Vilani e a Roda de Poesia foi um convite que recebi do filho Criolo, com o pai, seu marido Cleon, ao conhecê-los no Centro de São Paulo, em 2014, saindo do meu trabalho. O mesmo abraço que recebi deles nesse dia, vi se repetir várias vezes entre todes lá (antes da Pandemia). Eu vejo o CAPSartes como um presente que a família Cavalcante Gomes nos trouxe através de sua matriarca. Existe muita poesia feita por várias mãos nessa história!

Marcos Manoel da Silva: Quero agradecer as pessoas envolvidas nesta iniciativa e deixar relatado a minha gratidão em poder compartilhar das mais diversas narrativas que compõem este ambiente. Dizer também, que o CAPSartes corroborou e amplificou a minha expectativa sobre a vida trazendo mais sentido e norteando certos anseios.

Maria de Fátima Queiroz: Participar do CAPSartes foi um alento durante a pandemia. Partilhar conhecimento com tanta gente talentosa e profissional é uma dádiva.

Marina Bessa: Sinto o CAPSartes como um espaço de comunhão de ideias. Um lugar em que se encontra acolhimento, empatia, compreensão, amor. Amor pela arte e pelas pessoas. A arte, que é tão necessária a sociedade. A arte, que muitas vezes não é valorizada como deveria. A arte, que salva muitas pessoas, de várias formas e que é um poderoso instrumento de transformação pessoal e social. Viva a arte, viva o amor, viva o CAPSartes!

Priscila Moreira: É uma alegria tê-la. Obrigada de verdade por poder contar com você nesta nova fase do CAPSArtes.

Regina Rambaldi: Escrevi bastante nas respostas acima, acho que é isso mesmo, estamos escrevendo uma história de transformação e ressignificação da vida, juntos. É isso que o CAPSartes transporta em sua estrada que a 31 anos arrasta uma multidão de corações, que se aflitos, lá serão acolhidos. Amor, muito amor e arte. Gratidão.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução: Christina Baum – 1°ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O animal que parou os relógios.** São Paulo: Annablume, 1997.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia:** reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado:** sobre glúteos, cadeiras e imagens. - 2° ed. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2017.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A carta, o abismo e o beijo:** os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático. São Paulo: Paulus, 2018.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **Existências penduradas:** selfies, retratos e outros penduricalhos. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante** / Carlos Rodrigues Brandão (org.). São Paulo: Brasiliense, 1999.

CARVALHO, Caio Santo Amore de. **Lupa e Telescópio:** o mutirão em foco. São Paulo, anos 90 e atualidade. – Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança:** Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 2000.

CONTRERA, Malena S. **Mediosfera:** meios, imaginário e desencantamento de mundo. – 2ed – Porto Alegre: Imaginalis, 2017a.

CONTRERA, Malena S. Vínculo Comunicativo. In: MARCONDES FILHO, Ciro. (Org.). **Dicionário da Comunicação.** São Paulo: Paulus, 2009, p. 458-459

CONTRERA, Malena S. **Vínculos.** Palestra proferida no Grupo de Pesquisa. Comunicação e Cultura do Ouvir. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 9 nov. 2017b.

CYRULNIK, Boris. **O sexto sentido:** o homem e o encantamento do mundo. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

CYRULNIK, Boris. **Os alimentos afetivos:** o amor que nos cura. Tradução: Claudia Berliner – 2°ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

CYRULNIK, Boris. MORIN, Edgar. **Diálogo sobre a natureza humana.** Tradução: Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2012.

DOMINGUES, Petrônio. **Dicionário da escravidão e liberdade:** 50 textos críticos / Lilia Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes (Orgs.). – 1°ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FLUSSER, Vilém. **A escrita:** há futuro para a escrita? / Tradução: Murilo Jardelino da Costa. – São Paulo: Annablume, 2010.

FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas:** elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** – 4°ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** – 49°ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** – Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Revista Mediações** v. 5, n. 1, p. 11-40, janeiro-junho, 2000.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação** v. 16, n. 47, p. 333-361, maio-agosto, 2011.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** – 2°ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARQUES, Ângela C.S.; MARTINO, Luís Mauro S. **Ética, mídia e comunicação:** relações sociais em um mundo conectado. – São Paulo: Summus, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação.** /Tradução: Maria

Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação:** projetos, ideias, práticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MENEZES, José Eugenio de O. **Cultura do ouvir e ecologia da comunicação** – 1ed. São Paulo: UNI,2016.

MENEZES, José Eugenio de O. **Comunicação: tecnologia e cidadania**/ Antonio Roberto Chiachiri Filho, Edilson Cazeloto, José Eugenio de O. Menezes, Organizadores. São Paulo: Plêiade, 2013.

MENEZES, José Eugenio de O. **Comunicação: saber, arte ou ciência?** / Dimas A. Kunsch et alii (org.) São Paulo: Plêiade, 2008.

MORIN, Edgar. **O Enigma do Homem.** Tradução:Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via:** lições do coronavírus. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. Colaboração: Sabah Abouessalam. - 1°ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

PAIVA, Raquel. **Paulo Freire: a cidadania compreensiva.** – XXX Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – PS, 27 a 30 de julho de 2021.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación.** Hondarribia: Editora Hiru, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** São Paulo: Edusp, 2017.

SANTOS, Milton. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Editora Record, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil: uma biografia** / Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling – 1°ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. – São Paulo: DIFEL, 1983.

Vários autores. **Escritos ao extremo:** indeléveis obras textuais. – 1°ed - São Paulo: Selo Capsianos, 2016.

Vários autores. **Filosofia escrita ao extremo:** nexo, léxico e reflexo/ [coordenação Maria Vilani]. – 1°ed – São Paulo: Selo Editorial Capsianos, 2016.

VILANI, Maria. **A lágrima e o riso**. – 1°ed. – São Paulo: Selo Capsianos, 2017.

VILANI, Maria. **Abscesso.** São Paulo: Selo Capsianos, 2019.

VILANI, Maria. **Penteando a vida.** São Paulo: Selo Capsianos, 2017.

Referências textuais disponíveis no meio digital:

ALMEIDA, Cássia. **Brasil é nono país mais desigual do mundo, diz IBGE**. O Globo, 2020. Disponível em: https://oglobo.globo.com/economia/brasil-nono-pais-maisdesigual-do-mundo-diz-ibge-24742041. Acesso em 12 de março de 2021.

BARROS, Laan Mendes de. Vozes que dão voz: mobilização, reconhecimento e alteridade na web. **Mobilidade, espacialidades e alteridades** / Mauricio Ribeiro da Silva... [et al.], organizadores. – Salvador: EDUFBA, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/26089/1/MobilidadeEspacialidadesAlteridades EDUFBA-2018.pdf. Acesso em 21 de junho de 2021.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos:** cultura e política na periferia de São Paulo. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5787144/mod_resource/content/1/Tese%20A%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20dos%20Sujeitos%20Perif%C3%A9ricos.pdf. Acesso em Agosto de 2020.

DELLA PORTA, Donatella. **Movimentos sociais em tempos de Covid-19:** outro mundo é necessário. Opem Democracy. 2020. Disponível em: https://www.opendemocracy.net/pt/democraciaabierta-pt/movimentos-sociais-temposde-covid-19-mundo-necesario/. Acesso em 2 de janeiro de 2021.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SEADE). **São Paulo – 465 anos.** São Paulo: 2019. Disponível em: https://www.seade.gov.br/wpcontent/uploads/2019/02/Municipio_Sao_Paulo_.pdf. Acesso em outubro de 2020.

MORICEAU, Jean-Luc. **Afetos na pesquisa acadêmica** [recurso eletrônico] – Belo Horizonte, MG: Fafich/ Selo PPGCOM/UFMG, 2020. Disponível em: https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/termos-de-uso/. Acesso em abril de 2021.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária. **Revista Famecos.** Porto Alegre, v.24, n.1, janeiro, fevereiro, março e abril de 2017. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4955/495553930015.pdf. Acesso em julho de 2021.

WULF, Christoph. O ouvido. **Revista Ghrebh-**, n. 9, p. 56-57, 2007. Disponível em: http://cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%209/07_wulf.pdf. Acesso em: 19 ago de 2020.

Referências em vídeo:

MARIA VILANI. **Cultura, poesia e filosofia na periferia -** TEDxLaçador: 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XHgVH03sUrw. Acesso em maio de 2021.
MARIA VILANI. **Do lado de Cá - Case CAPS -** TEDxUNISUAMED: 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OwEPIiagBYU. Acesso em fevereiro de 2021.